



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO (PROPI)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)
CURSO DE MESTRADO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

ADRIANA RIBEIRO DE BRITO E SILVA

**DIRETORAS ESCOLARES:
MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DAS AÇÕES ADMINISTRATIVA E PEDAGÓGICA EM
PARANAÍBA, MS (1970-1990)**

Paranaíba, Mato Grosso do Sul

2022

ADRIANA RIBEIRO DE BRITO E SILVA

**DIRETORAS ESCOLARES:
MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DAS AÇÕES ADMINISTRATIVA E PEDAGÓGICA EM
PARANAÍBA, MS (1977-1990)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes

S578d Silva, Adriana Ribeiro de Brito e

Diretoras escolares: memórias e vestígios das ações administrativa e pedagógica em Paranaíba, MS (1970-1990)/ Adriana Ribeiro de Brito e Silva. Paranaíba, MS: UEMS, 2022.

186f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba.

Orientador: Prof Dr. Ademilson Batista Paes.

1. História oral. 2. Diretoras. 3. Entrevistas. I. Silva, Adriana Ribeiro de Brito e. II. Título.

CDD - 23ed. 370.193

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira – CRB1º/1783

ADRIANA RIBEIRO DE BRITO E SILVA

**DIRETORAS ESCOLARES: MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DAS AÇÕES
ADMINISTRATIVA E PEDAGÓGICA EM PARANAÍBA, MS (1970-1990)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em 24/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientador – Participação por
videoconferência

Profa. Dra. Tânia Regina Zimmermann
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Participação por videoconferência

Prof. Dr. José Licínio Backes
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB - Participação por videoconferência

Às memórias de meus pais, Ademar e Rosmari, incrivelmente amados, permanentemente arraigados em meu coração, que me amaram incondicionalmente e incentivaram a estudar, estudar...

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, de certa forma, reverenciar carinhosamente pessoas que com certas palavras de incentivo, afeto ou com um simples alento me possibilitaram seguir na árdua e solitária caminhada rumo à qualificação e, conseqüentemente, defesa da dissertação.

Agradeço a minha mãe, Rosmari Ribeiro da Silva (*in memoriam*), pelo maior apoio para estudar, ler, fazer cursos, ser a melhor mãe deste universo e ao meu pai Ademar Brito da Silva (*in memoriam*), por todo amor e incentivo...amores eternos!

Ao meu filho, meu amor infinito, Thiago Ribeiro, hoje um jovem de 14 anos, pelo estímulo, uma vez que o desânimo me rondou (várias vezes) e este mocinho proferiu estas palavras: “A senhora vai desistir assim, tão fácil??” ou “A senhora não vai fazer o seu projeto para o mestrado?” Quando olho para este ser, meu filho tão amado e sonhado, e vejo que tem orgulho da mãe, comove meu coração...

À amiga, muito querida, Daniela Ferreira dos Santos pela empatia, carinho, incentivo e sinceridade, quando decidi me inscrever no mestrado, pacientemente, respondendo aos inúmeros questionamentos que fiz, corrigindo, sugerindo e ajudando. Agradeço-lhe, ainda, por todo auxílio que me proporcionou, pelas palavras de estímulo quando eu estava desanimada. Deus envia anjos, como a Dani, para sabermos que não estamos sós. Grata eternamente pelos sorrisos, gargalhadas, animação e ensinamentos. Não há em seu coração inveja e injustiça, uma ser autêntico e simples. Gratidão, gratidão, Dani querida!

Ao Prof. Dr. Fernando Athayde pelas conversas e pelo incentivo, pelo olhar de bondade e admiração. É tal qual um ser destinado a ensinar, majestoso e educado, um mentor que carrego em meu coração. Amor e carinho por este ser maravilhoso! Sempre!

A minha família: irmã Fabiana, a quem admiro e amo, Mariana e Gabriel, meus sobrinhos amados e queridos, sempre em meu coração e na vida-amor infinito!

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, pelo direcionamento e apoio, pelos sermões que me sacudiram quando eu estava (completamente) perdida em relação ao objeto de pesquisa e ele sabiamente apontava: “Você está muito distante do seu objeto de pesquisa. Tem que entrar em contato com ele!” E eu pensava: “Onde, meu Deus!”. Foi um processo demorado, contudo, finalmente o trabalho fluiu. O professor Ademilson é aquele mentor que todos deveriam ter, pois é um ser que te desarma sem meias palavras, com um olhar austero, não titubeia em pontuar seus desacertos, como deve ser um orientador: sem “luvas de pelica”, com seu (esperado) humor ácido e cara de bravo realmente cumpre seu papel – o de orientar (seu coração é terno, eu sei!) e sou grata por todos os ensinamentos, conselhos e companhia.

Agradecimentos ao amigo, prof. Me Carlos Roberto Waideman por ajudar-me, sem ao menos me conhecer, também orientando do professor Ademilson. Carlos foi extremamente bondoso com suas contribuições e incentivo. Gratidão!

Ana Clayre Rodrigues Martins (*in memoriam*), uma amiga que, infelizmente, partiu em decorrência do SARSCOV-2, Covid-19, tão gentil e incentivadora, mora em meu coração. Amiga leal e verdadeira que me despertou o dom de ser professora!

À amiga de graduação em Pedagogia, ex-companheira de estrada, da vida, Ana Paula Amorim pelas conversas e incentivo, sempre marcadas pelos conselhos e alegria, amizade sincera e verdadeira, além da vida!

Meu padrinho Genésio Antunes (*in memoriam*), um homem íntegro e leal, faleceu inesperadamente, todavia deixou meu coração impregnado por suas ações bondosas.

À diretora da Escola Municipal João Chama, Vera Pereira, e coordenadora Zulene Pereira da Silva, minha amiga, pela compreensão, ajuda e pelo incentivo. Agradeço também à coordenadora Vanuza Rodrigues pelo apoio e compreensão. À Secretaria de Educação do município de Aparecida do Taboado-MS pelo apoio. Grata!

À querida, amiga, ex-colega de graduação, professora Márcia Regina Alves Ribeiro, por sempre estar presente em minha vida e nesta (exaustiva) jornada no mestrado, incentivando e aconselhando. Gratidão, amiga!

A minha querida e estimada turma de amigos da Escola “João Chama” – professores Kelly Atílio, Leandro Gomes, Ligian Oshima, Roseli Cristino e Victória Neris – pelo incentivo, carinho e amizade!

Ao prof. Diego Silva Maia, ex-aluno da UEMS, em Ciências Sociais e Pedagogia, pelo apoio e amizade em nosso diálogos pré-ingresso ao mestrado.

Ao colega de mestrado, Joaquim Matos, pelas conversas, pelo apoio e estímulo, e a permissão para utilizar a biblioteca da Universidade Aberta do Brasil para meus estudos. Sempre cordial e amistoso!

À UEMS, à Banca de Qualificação, ao Prof. Dr. José Licínio Backes (UCDB) e a Prof.^a Dr.^a Tânia Regina Zimmermann, aos coordenadores de curso de Mestrado, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e à Secretaria do Curso de Mestrado. A todos os funcionários, pela paciência (enorme) e compreensão.

SILVA, Adriana Ribeiro de Brito e. **Diretoras Escolares: Memórias e vestígios das ações administrativa e pedagógica em Paranaíba, MS (1997-1990).** 2022. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2022.

RESUMO

Nesta dissertação apresentam-se os resultados de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB). Os objetivos foram os de investigar os cenários estadual e municipal no período temporal de antigas diretoras; identificar, contactar e quantificar os sujeitos da pesquisa; desvelar as ações pedagógica, administrativa e política que permearam a função das gestoras escolares. A metodologia da pesquisa centrou-se na História Oral, mediante os seguintes procedimentos: a partir de seus relatos de vida e profissionais no período em que exerceram a função, resgatando suas experiências e vivências da jornada profissional e seus ingressos na carreira. Por conseguinte, percebemos que a partir das falas das mulheres, objetos desta dissertação, nomeadas para a direção de escolas, concederam as entrevistas que são fontes prestimosas para a História Oral, pois contribuem para a melhor compreensão de situações dantes relegadas apenas às lembranças de velhas senhoras, desnudadas para maior visibilidade das antigas diretoras, mulheres e pioneiras na educação, proporcionando a oportunidade de serem reconhecidas pelo trabalho. Descobrir as concepções e práticas como diretoras, remete a conhecer estas profissionais, seus saberes e, inclusive, delinear seu cotidiano no exercício da profissão.

Palavras-Chave: Entrevistas. Diretoras. História Oral.

SILVA, Adriana Ribeiro de Brito e. **Directoras de Escuela: Memorias y vestigios de acciones administrativa y pedagógica en Paranaíba, MS (1997-1990).** 2022. 190 ss. Disertación (Maestría en Educación) – Unidad Universitaria de Paranaíba, Universidad del Estado de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2022.

RESUMEN

Esta disertación presenta los resultados de una investigación de Maestría en Educación desarrollada en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidad Universitaria de Paranaíba, en la línea de investigación "Historia, Sociedad y Educación", vinculado al Grupo de Estudios e Investigaciones en Historia de la Educación Brasileña (GEPHEB). Los objetivos fueron investigar los escenarios estatales y municipales en la época de los exdirectivos; identificar, contactar y cuantificar los sujetos de investigación; develar las acciones pedagógicas, administrativas y políticas que permearon el rol de los directores escolares. La metodología de investigación estuvo centrada en la Historia Oral, a través de los siguientes procedimientos: a partir de sus relatos de vida y profesionales durante el período en que ejercieron la función, rescatando las prácticas docentes a lo largo de su trayectoria profesional y su ingreso a la carrera. Descubrir las concepciones y prácticas como directivos lleva a conocer a estos profesionales, sus saberes e incluso delinear su rutina diaria en el ejercicio de la profesión.

Palabras clave: Entrevistas. Directores. Historia oral.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Escola Estadual Aracilda Cícero Correa da Costa	33
FIGURA 2 – Escola Estadual Dr. Ermirio Leal Garcia.....	34
FIGURA 3 – Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva.....	35
FIGURA 4 – Escola Estadual José Garcia Leal.....	36
FIGURA 5 – Escola Estadual Manoel Garcia Leal.....	38
FIGURA 6 – Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes.....	39
FIGURA 7 – Gertrudes Alves Bardelin.....	41
FIGURA 8 – Esther de Mendonça.....	41
FIGURA 9 – Noêmia Gonsales Machado.....	42
FIGURA 10 – Paulita de Queiroz Leal.....	43
FIGURA 11 – Cleusa Maria Molinari da Costa.....	47
FIGURA 12 – Cleusa Maria Molinari da Costa.....	48
FIGURA 13 – Laura Maria Rodrigues Salgueiro	51
FIGURA 14 – Laura Maria Rodrigues Salgueiro.....	52
FIGURA 15 – A professora Lídia, adolescente, na Itália.....	53
FIGURA 16 – A professora Lídia, atualmente.....	54
FIGURA 17 – Os pais da professora Lídia, em São Paulo.....	55
FIGURA 18 – A professora Ivete Bruno.....	56
FIGURA 19 – A professora Ivete Bruno.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A HISTÓRIA DAS MULHERES	16
1.1 Michelle Perrot.....	18
1.2 Natalie Zemon Davis.....	21
1.3 Mary Del Priore.....	23
2. HISTÓRIA ORAL: MÉTODO E METODOLOGIA	25
2.1 História Oral Temática.....	27
3. O SISTEMA ESCOLAR ESTADUAL EM PARANAÍBA (MS)	29
3.1. Mecanismos legais (legislação) da gestão escolar em Mato Grosso do Sul.....	29
3.2 Instituições escolares em Paranaíba.....	32
3.3 Linha do tempo – diretoras (es) escolares em Paranaíba.....	40
4. REFAZENDO PERCURSOS E REAVIVANDO MEMÓRIAS	44
4.1 Alcione Oliveira Leal Rodrigues.....	45
4.2 Cleusa Maria Molinari da Costa.....	47
4.3 Laura Maria Rodrigues Salgueiro.....	50
4.4 Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza.....	52
4.5 Maria Ivete da Cruz Bruno.....	56
4.6 Prática Pedagógica.....	56
4.7 Trajetórias profissionais.....	57
4.8 Tempos de aposentadoria.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar as memórias de diretoras aposentadas da cidade de Paranaíba, Mato Grosso do Sul, com a finalidade de resgatar, mesmo que de forma fragmentada, as histórias de suas vidas, no período de 1970 a 1990. Tratar de memórias de diretoras aposentadas significa recorrer às lembranças dos tempos em que trabalharam em unidades escolares no município sul-mato-grossense de Paranaíba. Ao ingressar no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade universitária de Paranaíba, como aluna regular¹ no ano de 2020, vivíamos um momento aterrorizante de pandemia do Novo Corona Vírus (SARS-COV-2), um vírus mortal que assolou o país e o mundo. Dessa forma, enfrentei algumas dificuldades no tocante à doença e toda a necessidade de distanciamento, que serão oportunamente apresentadas.

Ademais, é preponderante esclarecer que contamos as histórias de ex-diretoras, protagonistas da pesquisa, como sugestão de meu orientador, o Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, que se referiu à possibilidade de escrever sobre uma história das mulheres, contada por meio da memória feminina. Seguindo o recorte temporal proposto (1970 a 1990), encontramos nos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) das escolas estaduais existentes em Paranaíba, 40 (quarenta) mulheres diretoras que trabalharam no período, sendo que apenas 05 (cinco) ex-diretoras aceitaram participar da pesquisa.

Foram escolhidas duas antigas diretoras, ainda conforme sugestão do orientador: uma da rede pública municipal e outra da particular, as quais geriram escolas dentro do recorte da pesquisa. Assim, as entrevistadas não foram escolhidas ao acaso e integram efetivamente a relação de ex-gestoras. O trabalho aborda, portanto, a história, a trajetória e a ação de diretoras escolares, investigando os vestígios das práticas políticas, pedagógicas e administrativas dessas mulheres no município de Paranaíba, estado de Mato Grosso do Sul. Ao adentrar no passado, para fins de buscar as memórias, é primordial delinear-se os objetivos específicos a serem estudados, no período de 1970 a 1990:

- Investigar os cenários estadual e municipal no recorte temporal proposto;
- Identificar, contactar e quantificar os sujeitos da pesquisa;

¹ São os alunos matriculados em disciplinas obrigatórias e eletivas, os quais foram aprovados pela seleção do Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*).

- Desvelar as ações pedagógicas, administrativas e políticas que permearam a função das gestoras escolares.

O tema escolhido, “memórias de diretoras”, vem ao encontro da necessidade de se apresentar uma narrativa dessas mulheres, com seus relatos de vida e profissionais no período em que exerceram sua função, reavendo práticas docentes ao longo de uma jornada profissional, bem como o ingresso na carreira. Descobrir as concepções e práticas como diretoras remete a conhecer tais profissionais, seus saberes, esmiuçando o cotidiano no exercício da profissão. As histórias de vidas de mulheres possuem uma contribuição extremamente importante na elaboração do trabalho, uma vez que atuam conjuntamente e não são apenas “atores sociais” ou “objetos de pesquisa” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020).

Ao pesquisar foi necessário seguir os “rastros” de seus paradeiros atuais e, desse modo, buscou-se no “paradigma indiciário” do italiano Carlo Ginzburg (1989), a contribuição para desvendar as minúcias sobre as diretoras: percorrendo escolas, contatando conhecidos, indagando sobre as antigas professoras, para, enfim, descobrir suas localizações. O “paradigma” surgiu nas Ciências Humanas no século XIX e o surgimento dessa metodologia deu origem à célebre frase: “o caçador foi o pioneiro a contar uma história, talvez por que soubesse ler, entremeio às pistas imperceptíveis, que suas caças deixavam, com rastros” (GINZBURG, 1989, p. 152). Em seu livro *O queijo e os vermes*, de 1999, Ginzburg rastreia os documentos sobre Menocchio, um simples e anônimo moleiro, expondo os medos, as angústias, as leituras, as posições, os pensamentos, uma miscelânea de sentimentos e, também, de perspectivas de uma pessoa comum. Destarte, Ginzburg constrói sob o ponto de vista de uma personagem sem nenhuma perspectiva para a sociedade, com indícios de uma vivência para muitos irrelevante, uma realidade que se torna o centro das atenções, que atenta para minúcias de uma vida simples e denota uma história antes relegada ao ostracismo e sob o respaldo da escrita de Ginzburg propiciou para a sociedade uma narrativa proveniente das experiências vividas por um cidadão comum.

É de extrema relevância destacar que essa pesquisa (incluindo o questionário² elaborado pela pesquisadora) foi submetida à Plataforma Brasil, pelo Sistema do Conselho de Ética e Pesquisa (CEP), do Ministério da Saúde, com o encaminhamento virtual de toda a documentação solicitada, seguindo as normas da instituição e encontra-se devidamente

² O questionário é composto por 11 questões, devidamente aprovadas pela Plataforma Brasil.

aprovada, isto é, cumprindo assim todos os requisitos necessários para o desenvolvimento e conclusão do projeto.³

No intuito de aprofundamento sobre as vivências e paradeiros das antigas diretoras, empreendi visitas ao Museu Municipal Dico Quirino, localizado à Av. Augusto Corrêa da Costa, em Paranaíba, no dia 30 de julho de 2021 e fui atendida pela funcionária do local, que se dispôs a consultar no acervo documentos referentes à sra. Esther Mendonça, antiga diretora da Escola José Garcia Leal, infelizmente já falecida. Uma de minhas (grandes) frustrações na busca por “pistas” das antigas diretoras das escolas ocorreu na tentativa de entrevistar uma ex-diretora da Escola José Garcia Leal: a professora S. B., porém, sem sucesso: respondeu-me que seria uma honra integrar a pesquisa, entretanto encontrava-se em tratamento psicológico e não poderia contribuir. A professora S. B. exerceu o cargo de diretora durante os anos de 1985 a 1991. Evidentemente fiquei muitíssimo decepcionada pela não participação da ex-diretora, tendo em vista o afã de ouvir sua trajetória e experiências pessoais e profissionais.

Esse dissabor somou-se a outros na busca por diretoras aposentadas: as descobertas dos falecimentos de possíveis colaboradoras no transcorrer do trabalho acadêmico, sendo que a ex-diretora Noêmia Gonsales, Escola José Garcia Leal, faleceu no decorrer da pesquisa; o receio de antigas diretoras de serem entrevistadas pessoalmente, devido ao momento pandêmico – juntamente com as negativas de participação de 02 (duas) diretoras – foram alguns dos empecilhos enfrentados, que me desanimaram e concomitante me fortaleceram no desenvolvimento da dissertação.

As entrevistas obtidas foram concedidas nos anos de 2021 e 2022, e apenas uma das entrevistas foi realizada de forma virtual, por meio de plataforma de reuniões/ entrevistas, o *Zoom*; as outras ocorreram em encontros pessoais. As histórias de vida das colaboradoras ajudam contextualmente a entender as realidades dessas mulheres peculiares, marcando suas caminhadas, trajetórias e me aproximaram como mulher e docente que sou, tendo em vista que suas experiências fornecem subsídios importantes para a construção das identidades no gênero feminino. Desse modo, a decisão pela escolha da gravação das entrevistas, transcritas integralmente, com o intuito de preservar suas histórias, inclusive proporcionar às colaboradoras a opção pela data mais adequada, local dos encontros, se poderia agendar as entrevistas via internet ou pessoalmente, devido à pandemia, e não as forçar a um encontro, tive que contar com a disponibilidade das antigas diretoras e acatar seus agendamentos. Por essa

³ A Plataforma Brasil é uma base nacional de pesquisas, na qual são acompanhadas desde a submissão até a aprovação no sistema CEP/ CONEP. BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/plataforma-brasil-conep?view=default>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

razão, não foram conversas extensas, contando com meu amadorismo como pesquisadora e entrevistadora. Houve a necessidade, para fins de entrevista, aguardar as aprovações, assim afastando a celeridade para lidar com as ex-diretoras, tanto que uma delas, a professora Lídia Garcia (Escola Wladislau Garcia Gomes) consentiu ser entrevistada depois de exaustivos meses e o questionário foi respondido de acordo com sua disponibilidade. Apesar de aposentada, administra a propriedade rural da família, dentre outros interesses. Além dela, a professora Maria Ivete assentiu ser entrevistada 11 meses após o contato inicial.

Com o propósito de mapear a produção científica indissociável a essa dissertação, foi imperioso o estudo do Estado de Conhecimento, o qual fornece um alicerce para a pesquisa, por meio de uma revisão de literatura realizada em bancos de teses e dissertações, artigos científicos que corroboram o objeto deste trabalho. Mas, o que é “O Estado de Conhecimento?”. É a pesquisa de cunho bibliográfico, com o registro e categorização, ou seja, dá destaque a todas as produções existentes em determinada área, proporcionando visibilidade, reflexão e importância necessárias, e contribuem sobremaneira para o sucesso de trabalhos científicos, baseados em temas que estão em progresso.

A justificativa frequente para seu uso, dada por diferentes autores/as [...] está na possibilidade de se obter uma visão geral do que foi ou vem sendo produzido. Ao mesmo tempo em que permite realizar uma ordenação do progresso das pesquisas e temas emergentes e priorizados em cada período, bem como desvendar suas características e foco, além de identificar as contribuições e avanços encontrados pelas/os autoras/es [...] (MULLER, 2015, p. 166).

O uso deste método oportuniza o conhecimento de novos trabalhos para o meio acadêmico, uma espécie de contribuição para os autores e autoras de produções científicas, compromissando-os com textos que possam exalar a clareza e, inclusive, serem consistentes. O Estado de Conhecimento aborda a categorização e a identificação de elementos que ajudem a comunidade acadêmica.

Na dimensão da escritura acadêmica, o cuidado com a produção de sentido tem um compromisso diferenciado da escrita literária que também busca a clareza e consistência, mas também o exercício da imaginação e recriação do texto [...] (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p.155).

Com o objetivo de conhecer a produção científica envolvendo o tema e objeto da pesquisa, foram utilizadas as expressões “memórias de diretoras”, “diretoras aposentadas” e por

consequente foram realizadas buscas nos Bancos de Teses de três plataformas de pesquisas⁴ (IBICT, Capes e *SciELO*⁵).

Os trabalhos aproximam-se do tema proposto, que são as memórias de diretoras, no entanto, no Estado de Mato Grosso do Sul não foram localizadas pesquisas que abrangessem o tema indicado na pesquisa.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos: no primeiro, será abordada a História das Mulheres, para melhor compreendermos o gênero, sob as perspectivas de renomadas e empoderadas autoras que relatam as histórias, com avanços e percalços femininos, em uma visão totalmente feminina, escritas por Margareth Rago, Michelle Perrot, Natalie Zemon Davis e Mary Del Priore, tecendo a invisibilidade secular que as mulheres enfrentaram (e enfrentam) e todas as lutas para construir seu empoderamento, destacando sua força contra o patriarcado e combatendo o machismo secular. Também há neste capítulo breves conceitos sobre Prática e Gestão Pedagógicas, para um melhor esclarecimento.

No segundo capítulo, a História Oral, utilizada por ser uma metodologia sempre atual, remete ao passado das colaboradoras, utilizando-se de lembranças e memórias, transformando-as em registros formais, e será abordada com a exposição da metodologia adotada, a partir da História Oral (temática), que também é considerada por alguns autores como autobiográfica.

No terceiro capítulo, será realizada uma abordagem ao Sistema Escolar Estadual em Paranaíba, com foco na legislação da gestão escolar sul-mato-grossense, desde a instituição do Estado de Mato Grosso do Sul até a década de 1990, e uma linha do tempo das diretoras escolares do município, pertencentes às escolas na rede estadual e, também, municipal, tanto da rede pública, quanto privada.

No quarto capítulo serão pontuados os percursos das ex-diretoras e nesse ínterim reavivaremos as memórias das profissionais aposentadas, regressando às suas formações e trajetórias profissionais, culminando com os tempos de aposentadoria, a partir de suas falas, trazendo ao presente lembranças, isoladas ou não, uma forma de recontar fatos pertencentes ao tempo de outrora, pois os corpos acumulam estratégias de comportamento, formando memórias.

⁴ As pesquisas encontram-se em quadros, os quais estão delineados no Apêndice desta dissertação. IBICT- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e SciELO, *Scientific Electronic Library Online*.

⁵ IBICT- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e *SciELO*, o qual no momento de elaboração desta pesquisa, não se encontrava devidamente atualizado.

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1994, p. 11).

No transcorrer da pesquisa, paulatinamente foi construído um acervo com uma importante seleção de lembranças, pela plataforma de vídeochamadas *Zoom*; outras fontes foram registradas pelo aparelho de celular (apenas gravação em áudio), em decorrência da realização de entrevistas com antigas diretoras e cabe a menção de que todas as gravações foram mantidas em sua integralidade. Uma pesquisa delineada no campo das memórias, por meio do resgate de recordações de “velhas”⁶ senhoras – tempos guardados e passados – que em (grande) parte não têm familiaridade com computadores e tampouco filmadoras (duas delas se negaram veementemente ser fotografadas, por exemplo), compõem-se em obstáculos a serem vencidos com muito diálogo, paciência e acolhimento.

⁶ O uso do adjetivo “velhas” não tem um contexto pejorativo, apenas é aplicado no sentido de contar as histórias e experiências vividas por mulheres em seu passado, sem contudo depreciar as colaboradoras e sua sabedoria.

1. A HISTÓRIA DAS MULHERES

O escrutínio sobre a vida pessoal e profissional das personagens do presente trabalho tem por finalidade revisitar o passado, buscando suas vivências, pois a História não é estática e constantemente mutável, por isso possui uma miríade de inserções às lembranças passadas (LUCA, 2020). Quando se faz a mediação de conversas, dá-se sentido às vivências das colaboradoras, concomitantemente às suas experiências como mulheres, evidenciando suas impressões pessoais e profissionais. Ao se falar de mulheres, cabe ressaltar que as mesmas eram silenciadas, vivendo dentro de suas casas, trabalhando apenas nas cozinhas, em seus lares, raramente reconhecidas por seus pares (PERROT, 2007).

A memória, segundo Michael Pollack (1988), é composta por personagens, com marcos relativamente imutáveis, e a mesma registra fatos acontecidos coletivamente e individualmente no decorrer das vidas. Relevante ressaltar que a memória não é simplesmente física, sofrendo flutuações, quando articulada e ao ser expressa. A memória é seletiva, pois não se consegue gravar todos os fatos e muito menos registrar todas as lembranças. Convém explicar que memória e passado não podem conduzir à confusão e nem serem vistos como céticos, uma vez que o passado possui dependência parcial com o presente.

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente [...] (LE GOFF, 1990, p. 51).

É preciso conduzir a pesquisa de forma ética, e na História Oral, como aporte metodológico, tal condução se dá por meio da produção de documentos, com o maior cuidado e o respeito possíveis com as colaboradoras e demais fontes, tendo em vista que existe uma dependência das colaboradoras para o início e posterior andamento do projeto, e em relação às personagens centrais, cujo tempo e vivência foram cedidos para a elaboração do estudo.

Junto à valorização das soluções técnicas sobre o fazer da história oral, torna-se importante dimensionar a relevância de três aspectos elementares e que se retroalimentam: um prático, outro ético e [...] de responsabilidade jurídica [...] (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 171).

Na visão de Pierre Nora (1993), memória e história se opõem, enquanto a memória é considerada como vida, entreposta por seres em constante evolução, passível ao esquecimento, e não obstante, a história está sempre se reconstruindo e é uma representação do passado. A

história dava pouca ou praticamente nenhuma importância ao gênero feminino e por isso é preciso abordar uma história de mulheres, a fim de se ter a nítida compreensão de todas as lutas, empoderamento e caminho percorridos por elas, por meio de sua historiografia. Neste contexto das mulheres, de sua relevância, é oportuno iniciarmos com a voz de Margareth Rago⁷, com sua visão feminista da história das mulheres, no Brasil, uma autora renomada no seguimento da literatura feminista. Em um dos seus famosos trabalhos, “*A Aventura de Contar-se*”, Rago acompanha a história de sete mulheres dos fins da década de 1960 até os dias de hoje, sob a perspectiva foucaultiana⁸, tratando de toda complexidade, com enfoque na historiografia do gênero, com uma abrangência das vidas das militantes Criméia Alice de Almeida Schmidt, Gabriela Silva Leite, Ivone Gebara, Maria Amélia de Almeida Teles, Maria Lygia Quartim de Moraes, Norma de Abreu Telles e Tania Navarro Swain. Rago conta, desde a infância, sonhos, anseios e preocupações das personagens com um viés feminista, repleto de subjetividades entrecruzadas. Realiza uma interessante reconstituição da década de 1970, período em que vigorava a ditadura civil-militar, e acontecem pelo Brasil transformações nos mais diversos campos. Havia, pois, uma situação pertinente para o feminismo emergir, para se reinventar e movimentar-se no campo político, situação na qual, as personagens enfrentaram a tortura e o preconceito.

Em *Os prazeres da noite*, sua tese de doutorado, Margareth Rago retratou a prostituição na cidade de São Paulo, entre as décadas de 1890 e 1930. Em um mundo repleto de estereótipos e preconceitos, apresenta o “fantasma” da prostituição, tornando o meretrício um ambiente mistificado pelas práticas sexuais extraconjugais e de outros clichês. Os bordeis permaneciam totalmente extirpados das estatísticas oficiais, pois a sociedade considerava as prostitutas como seres à margem, até invisíveis no tocante às “atividades profissionais”, uma vez que eram da mais baixa estirpe e por isso não constavam de dados oficiais ou extraoficiais.

⁷ Luzia Margareth Rago é uma historiadora, pesquisadora, feminista brasileira e professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), livre docente desde o ano de 2000. A autora é influenciada por autores como Michel Foucault, Jean-François Lyotard e Jacques Derrida. Rago é formada em História pela Universidade de São Paulo (USP), em 1970 e em Filosofia (1979), também pela USP. Mestre em História (1984), pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutoramento (Unicamp). Margareth Rago possui dois pós-doutorados, em 1999 e em 2003, pela Unicamp. No ano de 2000, tornou-se livre docente da mesma universidade e no ano de 2003, realizou seminários na Universidade Paris VII, na França. Entre os anos de 2010 e 2011, foi professora visitante na Universidade Columbia, nos Estados Unidos. É autora de diversos livros, dentre eles: *A mulher brasileira nos espaços público e privado*; *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil, 1890-1930*; *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930* (Paz e Terra, 1991).

⁸ Michel Foucault foi um filósofo, escritor, psicólogo e professor de origem francesa, revolucionou a Filosofia do século XX, por meio de uma análise totalmente inovadora para a época. Foucault sofreu influência de Freud, Marx e Nietzsche. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

[...] esteve mais ligado à preocupação com a moralidade pública e com a condição da mulher na cidade moderna do que com a vida das meretrizes propriamente dita. [...] O investimento social sobre a prostituição, espaço fluido de práticas sociais e sexuais, centrou-se muito mais na construção de um fantasma, que nos perseguiu a nós mulheres por muitas décadas, do que sobre o espaço geográfico a zona do meretrício e sobre as meretrizes empiricamente consideradas (RAGO, 1990, p. 8; grifo no original).

Rago mostra que a prostituta, é uma pária na sociedade, por se prostituir, ao trabalhar com roupas e adereços coloridos (e chamativos), de certa forma um visual considerado como extravagante, uma ofensa às “mulheres de respeito”, em contraponto às damas da sociedade. Eram vistas por serem um lado negativo do progresso, que trouxe as meretrizes e suas excentricidades, aliadas à alegria incomum, o que incomodava as mulheres ditas “sérias”, da sociedade.

[...] a prostituta foi recoberta com múltiplas imagens, que lhe atribuíram características de independência, liberdade e poder: figura da modernidade, passava a ser associada à extrema liberalização dos costumes nas sociedades civilizadas, à desconexão com os vínculos sociais tradicionais e à multiplicidade de novas práticas sexuais (RAGO, 1990, p. 49).

Conhecer as diretoras aposentadas, suas infâncias, adolescências, as vivências pessoais e profissionais, ou seja, suas experiências no cotidiano escolar, constitui-se em um abundante e relevante memorial historiográfico. Durante uma das aulas da disciplina do meu orientador no curso do mestrado⁹, em 06 de novembro de 2020, uma de suas falas ficou gravada em minha mente “Os vestígios permanecem silenciados, se não forem pesquisados”. Essa frase piscou em “letras garrafais e brilhantes”, acertando precisamente meu lado de pesquisadora: investigar as pistas deixadas pelas diretoras, em um dos lugares onde tudo se iniciou profissionalmente: nas escolas.

1.1 Michelle Perrot

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos[...] (PERROT, 1995, p. 9).

⁹ Ademilson Batista Paes é doutor em Educação, vinculado à Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, docente, pesquisador e líder do GEPHIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Diversidade) e do GEPHEB (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira). A disciplina ministrada pelo professor naquele período era “Fundamentos de Pesquisa em História e Historiografia da Educação”.

Michelle Perrot¹⁰ destaca a proeminência de se escrever uma história de mulheres, tendo em vista que elas possuem historicidade, mesmo que relegadas a casamentos forçados, à lida do lar, à reprodução, sem serem ouvidas ou reconhecidas pela sociedade, marginais e pouco notadas. Desta maneira é imperioso neste trabalho esmiuçar a história das mulheres, a fim de se compreender todas as nuances que determinaram e compuseram a construção das identidades das diretoras aposentadas, objetos desta pesquisa, que são mulheres e gestoras. Convém elucidar que, historicamente, sempre se fez pouco caso das mulheres, até o século XIX, ocasião em que o gênero feminino era visto apenas pela questão da beleza corporal e exaltada por heroísmo, ou até mesmo pelo ponto de vista negativo, seus escândalos, humores e outros fatores nocivos.

Para Perrot (1995) era possível uma história das mulheres, todavia, inicialmente as historiadoras queriam distância das militantes operárias da época; nesse intervalo houve uma evolução da escrita feminina, com publicações crescentes nos anos de 1973 a 1992, consolidando-se a história do gênero. A história das mulheres sofreu alterações, tanto em suas finalidades, perspectivas e principalmente deixou de ser uma história do corpo e dos papéis exercidos na vida, para caminhar para uma história das mulheres das cidades, do braço político, do emprego, e uma gama ilimitada de caminhos que se abria para elas. Abdicou-se de uma história de vítimas para se chegar a uma história de mulheres totalmente ativas, protagonistas de sua própria caminhada, culminando em uma história de gênero, que integra o masculino e não apenas limitava-se à ignorância (PERROT, 2007).

As mulheres são percebidas com menos frequência no espaço público: trabalham dentro de casa, ou em um arremedo de lar, como seres imperceptíveis. Apenas atendem aos desejos dos maridos ou pais. Para muitas sociedades, a questão da invisibilidade das mulheres é algo muito natural, tendo em vista serem ignoradas sistematicamente tanto no ambiente doméstico, quanto fora dele, desde seu nascimento e por toda sua vida adulta, corriqueiramente escanteadas. É inegável que o corpo das mulheres assustava e por isso estavam relegadas ao

¹⁰ Michelle Perrot, historiadora francesa, mundialmente conhecida, nascida em 18 de maio de 1928; é professora emérita da Universidade Paris VII. Em 2009, recebeu o Prêmio Femina de Ensaio. A autora faz parte da geração da Escola Nova Francesa de Estudos Sociais na Europa e é especialista na história do século XIX. Perrot participou, ao lado de Michell Foucault, do grupo de discussão sobre as prisões. Perrot promoveu relevante debate entre os historiadores e Foucault, publicado no livro que organizou *A impossível prisão*. Segundo Joana Maria Pedro (2003), para o público brasileiro, Michelle Perrot é considerada “a grande mestra da História das Mulheres”, talvez a fama tenha origem na obra organizada por Perrot e Georges Duby, com o título francês “*L’Histoire des femmes en Occident de l’Antiquité à nos jours*”. É uma das mais célebres historiadoras da causa feminista, assim como da história francesa. É autora de diversos livros, dentre eles *Minha história das mulheres*, *Mulheres ou os silêncios da História*, *Excluídos da História e Mulheres públicas*.

silêncio e acostumadas a serem preteridas. Perrot retrata sobre o silêncio das fontes, tendo em vista que as mulheres deixam raros indícios, tanto escritos, quanto materiais, por ter um acesso escolar tardio, ou seja, são mulheres e pôr o serem não precisam estudar, aprender a ler ou escrever. Em função da situação, as mulheres vão abandonando o relevante registro de suas vidas, e quando o fazem são desacreditadas, por isso se abstém de relatar os momentos íntimos ou relativos às famílias. Por existirem leitoras fiéis às produções de autoras, elas encorajaram a produção dos livros de diversos gêneros: romanescos, de receitas culinárias, pedagógicos, moda, que estimulavam as mulheres a consumir o que desejavam e cada vez esse nicho literário crescia pelo apetite do gênero feminino em consumir livros (PERROT, 2007).

Há uma nítida tentativa da autora de desmontar os estereótipos criados para definir a mulher, que sempre é vista (até na atualidade) como demasiadamente emocional e nesse ínterim o homem é considerado o ser racional. Esta comparação é algo inerente na história das mulheres, que vem por muitas décadas demonstrando que o gênero feminino enfrenta e luta para conquistar espaço na historiografia e na sociedade brasileira, de cunho patriarcal e machista. Quando os homens se referem às mulheres em seus escritos, utilizam sempre rótulos negativos: as mulheres são bravas, histéricas e megeras, com seus gestos em demasia e assim são descritas. Quanto aos registros criminais, há pouco a se falar sobre as mulheres, tendo em vista que o seu peso criminal é pequeno, a partir de práticas excludentes, seja da vingança ou confrontos. Tal qual em todos os âmbitos, o gênero feminino era silenciado pelos homens, pois falava-se muito das mulheres, porém não se sabia quase ou nada sobre elas.

Assim, os arquivos públicos, olhar de homens sobre homens, calavam as mulheres. “Seria necessário, entretanto, não esquecer as mulheres em meio a todos esses homens que, sozinhos, vociferando, clamavam o que tinham feito ou o que sonhavam fazer. Fala-se muito delas. Mas o que sabemos sobre elas?, escreve Georges Duby [...]” (PERROT, 1989, p. 11).

Para Perrot (1989), os arquivos particulares, chamados de ‘outro sótão da história’, proporcionam diversas informações, visto uma vez que as mulheres se manifestam a partir deles e são produtoras dos arquivos, e várias dessas mulheres, serviram de secretárias, escrevendo as intimidades e minúcias do cotidiano, e já sabendo que seriam incompreendidas pelos eventuais herdeiros, muitas destruíam seus diários, seus registros, temendo ser motivo de zombarias. As mulheres eram como “sombras tênues”, uma vez que não tinham espaço nos cenários da vida pública, por serem desprivilegiadas, por seu gênero marginal e silenciadas em seus escritos e vozes; quase não havia narrativas que contemplassem as mulheres, devido a carência de indícios – algo preocupante –, pois não constituíam fontes. Por quê? Bem, o domínio das fontes era

majoritariamente masculino, e os apontamentos (primários) raros, ou sejam, as mulheres pouco registravam seus cotidianos e vivências, pelo receio de serem mal interpretadas, por não terem acesso à escola ou por serem proibidas pelo seio familiar (PERROT, 1989).

1.2 Natalie Zemon Davis¹¹

A mulher desregrada não apenas dirigia algumas das organizações festivas masculinas – elas às vezes era seu alvo. O perseguido do vilarejo ou a esposa dominadora podiam ser mergulhados no lago ou arrastados pelas ruas, metidos num freio, numa focinheira ou num cesto. (DAVIS, 1997, p. 119)

A autora, Natalie Zemon Davis, dialoga em seus textos com a cultura, a antropologia e a história social. No livro intitulado *Culturas do Povo*, no qual investiga a sociedade e a cultura no início da França moderna, relata que as mulheres eram vistas como um sexo desregrado, expressão que se originou no “Jardim de Éden”, retrocedendo à história bíblica, momento no qual Eva cedeu à tentação da serpente e provocou Adão à desobediência a Deus, sendo que os defeitos dos homens eram considerados como provenientes da sua criação e não de sua natureza, enquanto o sexo feminino e seu conseqüente “desregramento” estaria fundamentado na fisiologia. As mulheres possuíam humores ditos frios (e úmidos), denotando um temperamento difícil, em contraponto ao masculino que era considerado quente e seco; sempre sendo relevada qualquer alteração de humor pela “sagacidade” latente do gênero masculino e pelo controle de suas necessidades sexuais e força de vontade.

[...] o sexo feminino era visto como o sexo desregrado por excelência. O desregramento feminino já tinha sido observado no Jardim de Éden, quando Eva foi a primeira a ceder à tentação da serpente, incitando Adão a desobedecer ao Senhor. [...] Mais, a respeito dos defeitos do homens, pensava-se que eles derivavam muito mais da criação do que sua natureza: da ignorância em que cresciam, da qualidade brutal da vida [...] eles tinham a força de vontade e a sagacidade de controlar suas necessidades brutais [...]. As mulheres só podiam tornar-se histéricas. (DAVIS, 1997, p. 107)

¹¹ Natalie Zemon Davis é uma historiadora norte-americana, nascida em 08 de novembro de 1928, na cidade de Detroit, nos Estados Unidos. É considerada uma defensora da interdisciplinaridade, dialogando com a antropologia, a etnografia, a literatura e o cinema e por isso é uma historiadora eclética. A autora pesquisou a cultura, a religião, além de camponeses, mulheres e operários. Autora de diversos livros: *O regresso de Martin Guerre*, *Nas margens: três mulheres do século XVII*, *Culturas do povo – Sociedade e Cultura no início da França Moderna*, entre outros.

Natalie Z. Davis desde os anos 70 introduziu em seus textos a historiografia das mulheres, realizando um centro de análise sobre o gênero feminino, classificando-o como relevante nas estruturas do poder francês, no século XVI. Assim, a autora introduziu as mulheres em seus estudos, enfrentando vários tipos de descentralização e contestando uma via única ou localização geográfica que avaliasse as mudanças históricas (WOLF, 2020).

A autora reconstituiu com sensibilidade incomum as histórias de três mulheres: a judia Glikl bas Judah Leib, comerciante de Hamburgo, a freira Marie de l'Incarnation e a naturalista protestante Maria Sibylla Merian, narrando suas vidas e trajetórias por meio de cartas e escritos particulares; por conseguinte, descreve os acontecimentos em torno das mulheres, de uma forma histórica, na qual mostra suas conquistas. Ao contar o dia a dia dessas mulheres, expõe ricamente os pormenores da sociedade do século XVI (DAVIS, 1997). As histórias das três mulheres destacam os pontos de vistas delas, suas posições marginais, a partir de cada um de seus relatos, ou seja, de seus cotidianos, e apesar de não participarem ativamente da grande história, pode-se perceber que suas experiências e memórias, narradas por Davis, são extremamente importantes para conhecermos a época, os costumes e hábitos, e sobretudo compreender o papel feminino, a historiografia, mediante à perspectiva da mulher.

[...] essas mulheres apreciaram ou adotaram uma posição marginal, reconstituindo-a como um centro localmente definido. Para Glikl o mais importante eram as conexões e a Gemeinde judaicas. Para Marie eram o convento das ursulinas e o pátio das ameríndias e francesas na mata canadense [...] Para Maria Sibylla era uma colônia labadista na fronteira da Holanda [...]. Em cada um dos casos a pessoa se libertou um pouco das restrições das hierarquias europeias, deixando-as de lado (DAVIS, 1997, p. 196).

A questão de gênero e o interesse pelas trajetórias dos indivíduos por parte de Davis influenciaram suas obras, adotando os seres que vivem à margem da sociedade, verbalizando os relatos de mulheres que contam suas memórias e narrativas, no campos da antropologia, da cultura e da história.

1.3 Mary Del Priore¹²

[...] Trata-se, sim, de focar as mulheres através das tensões e das contradições que se estabeleceram em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e as sociedades nas quais estavam inseridas. Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social, que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante. (DEL PRIORE, 2004, p. 8)

A historiadora e escritora mostrou que a invisibilidade das mulheres sempre foi uma constante, vem desde a colonização portuguesa no Brasil até a atualidade, na efervescência dos movimentos sociais, nos quais as mulheres eram as protagonistas e sempre criticadas, mesmo assim lutando contra a opressão e o descrédito, Mary Del Priore faz um tributo ao movimento feminista e a sua ferrenha luta contra a marginalidade, contando as transformações vividas nas mais diferentes épocas, buscando as fontes em tempos históricos, a partir de mulheres da classe social mais inferior até a mais abastada. São mulheres brasileiras, cujas vidas descritas pela escritora, oriundas de diferentes regiões e inseridas em momentos ímpares da história, com situações de vida ocorridas na área rural e, também, na urbana, ou seja, ambientes diversos, sendo mães e provedoras do lar, professoras, mulher do sul e do norte, enfim, do Brasil.

Ao contar a história das mulheres brasileiras, Del Priore narra as histórias de suas famílias, do local onde trabalham, de suas infâncias, por exemplo. Uma história que fala do corpo, da violência sofrida, dos que a praticaram, a sexualidade, dos seus amores e dores, fornecendo um quadro vívido do movimento feminista pelo mundo.

[...] vem coroar uma longa empreitada de historiadoras (e historiadores eventualmente) tributária do movimento feminista, que desde os anos 70 vêm procurando dar visibilidade à mulher, ignorada pela historiografia tradicional.[...] Além das fontes e dos períodos históricos variados, os artigos voltam-se para mulheres de diferentes classes sociais em diversas regiões e situações de vida: do meio rural ao urbano, da freira à prostituta, ricas ou professoras, pobres ou analfabetas (MATTOS, 1997, p. 1).

¹² Mary Del Priore, ou melhor, Mary Lucy Murray Del Priore, escritora, historiadora e professora brasileira, nascida no Rio de Janeiro, em 1952. É especialista em História do Brasil. Del Priore concluiu seu doutorado em História Social na Universidade de São Paulo e o pós-doutorado na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, na França. A escritora lecionou História na Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e na Universidade Salgado de Oliveira. Recebeu prêmios e títulos, como o Prêmio Casa Grande & Senzala (Fundação Joaquim Nabuco) e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Publicou diversos livros, dentre eles *História das Mulheres no Brasil*, *Sobreviventes e Guerreiras*, *Histórias e Conversas de Mulher*.

Ao referir à história das mulheres, de seus corpos, ao tratar de sua sensibilidade, as autoras, Michelle Perrot, Natalie Zemon Davis e Mary Del Priore brilhantemente trazem a historiografia das mulheres à luz, emergindo das sombras do ostracismo e da marginalidade, conduzindo o gênero feminino a um patamar, que antes não alcançava, devido à invisibilidade (secular) das mulheres em todas as espaços, seja o público, o privado, em suma, nenhum local era propício a elas, bem explicado pela posição inferior que as mulheres ocupavam desde os tempos mais remotos, sendo escanteadas inclusive em seus escritos.

A historiografia das mulheres está intrinsecamente ligada a se contar uma história das mulheres, refletindo os acontecimentos que vivenciaram e destarte por meio da história, reservando-lhes o direito de expressar seus sentimentos, em seus relatos, tanto orais quanto documentais: seus dissabores e suas conquistas. As histórias das diretoras, personagens envolventes em seus ambientes profissionais e pessoais, vem com sua experiência enaltecer a história das mulheres, e todo o empoderamento que essas mulheres maravilhosas conquistaram.

No segundo capítulo abordarei a metodologia adotada, a História Oral, cujo método é de fácil entendimento e auxilia no acesso das recordações das antigas diretoras.

2. HISTÓRIA ORAL: MÉTODO E METODOLOGIA

A História Oral, metodologia adotada nessa pesquisa, facilita a compreensão das histórias relatadas, tendo em vista que funciona como subsídio primordial para acessar as recordações de nossas colaboradoras, ex-diretoras. Conhecendo a multiplicidade desse método em narrar as experiências vividas, o uso da História Oral adequou-se perfeitamente com os objetivos da pesquisa, apresentando as memórias das diretoras escolares aposentadas, suas práticas docentes, experiências e vivências como profissionais. Em consoante com Meihy & Seawright (2020), a História Oral é um gênero narrativo adequado para dar garantia a que documentos produzidos sejam levados a público de forma independente, não possuindo nenhum tipo de exclusivismo acadêmico. Em consoante, as histórias das diretoras aposentadas da rede estadual do município de Paranaíba, serão abordadas a partir da História Oral, que é considerada por algumas correntes, como uma tradução memoriográfica convertida em texto escrito, a partir da expressividade verbal das interlocutoras.

Há os que consideram a história oral como legítima e imediata tradução da memória, e, nesse caso, sua mera expressão verbal transformada em texto escrito seria matéria suficiente para exames. O escrito vertido em entrevista valeria, ele próprio, como fundamento para análises acabadas. [...] Muitos consideram o uso de entrevistas como recurso complementar, intermitente, sem destaques significativos, independente de vínculos teóricos. [...] (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 52-53).

Considera-se como um processo proveniente de entrevistas planejadas, traduzidas em um projeto, o qual é permeado por duas diferenças básicas: a primeira, abordando a história pelo documento oral, cuja estrutura é maleável e passível de alterações e a segunda, com a abordagem via documentação escrita, não possuindo flexibilidade e é fechada a conversas.

A História Oral, um fenômeno que impõe-se irreversivelmente com presença inegável no ambiente público, tendo em vista ser irresistível no tocante à divulgação e ao estímulo de um conjunto criterioso de devolução, é utilizada tanto com o apoio tecnológico, por meio de filmadoras, internet e gravadores. Possui a capacidade de transformar uma situação, na qual uma pessoa vivenciou em determinada época de sua vida em um registro formal. Destarte um projeto em História Oral recebe uma transposição da proposta abstrata para a escrita, reafirmando seus *status* de documento legítimo e real.

Todos os projetos em história oral podem ser compreendidos como propostas formais de pesquisas variadas, mas com objetivos, critérios e parâmetros próprios que dependem dos fins propostos. Qualquer situação vivenciada é passível de transformação de um estado abstrato- que não existiria sem a intervenção do registro. [...] (MEIHY & SEAWRIGHT, 2020, p. 31)

Tanto no Brasil como no restante do mundo, a História Oral avança com ganhos tecnológicos valiosos, mesmo com a dificuldade na adaptação dos modelos antigos de formulários e técnicas de produção e análise de textos. Apresenta-se como uma resposta atual que se insere no comportamento e na sensibilidade dos seres humanos, pois é de fácil aceitação pelas pessoas, tornando-se uma vertente desafiadora do exclusivismo acadêmico.

A história oral no Brasil, bem como em parte do mundo, tem avanços em todos os níveis. Sem dúvidas, as conquistas da eletrônica proporcionando problemas que exigem adaptação entre os antigos modelos de formulação do saber e as técnicas de produção e análise de textos (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 9).

Para Luca (2020), nos meados do século passado, a História Oral se popularizou graças aos gravadores, e há pouco tempo ganhou ainda mais visibilidade com a adição dos registros em vídeo, proporcionando alento e visibilidade às pesquisas, e a participação do historiador na produção de sua fonte. A História Oral interpreta os acontecimentos históricos, a sociedade, culturas, por meio da audição do registro de lembranças das pessoas, ao contar suas experiências (THOMPSON, 2000). Em História Oral, as colaboradoras que narram suas vidas acordam uma relação dialógica, com duas ou mais pessoas, na qual as partes interagem, narrando memórias e a partir destas conversas, formulam-se os chamados encontros gravados.

Assumindo-se que aqueles que narram suas vidas se estabelecem uma relação dialógica, de interação entre quem fala e quem ouve, estabelece-se que, a partir de situações provocadas, são formulados resultados que se constituem como finalidades de encontros gravados. [...] (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 20).

É de suma importância não se confundir as entrevistas com depoimentos, os quais são de ordem jurídica e policiaesca, algo que não se faz em História Oral, uma vez que as entrevistas são oportunidades ímpares de investir-se em um campo plural e experiencial e não possuem teor policial e permeado de interrogatórios, com propósitos diferentes da entrevista em História Oral. Ressalta-se que na entrevista as personagens principais, as colaboradoras,

devem ser sujeitos ativos e não subjugados, nem obrigados, e estejam realmente confortáveis em participar do diálogo.

O uso de gravadores ou filmadoras nas entrevistas não garante o trabalho em História Oral, ou seja, tais aparelhos proporcionam a materialidade almejada. Contudo, a História Oral não se atém apenas a instrumentos tecnológicos, apenas uma etapa inicial, servindo como facilitadores tecnológicos de um diálogo baseado em experiências pretéritas de colaboradoras.

As entrevistas serão conduzidas de maneira a propiciar liberdade e conforto às colaboradoras, sendo que algumas ex-diretoras, em virtude da pandemia ou por residir em outro estado, preferiram conversar por meio de aplicativos de mensagens (*WhatsApp*, *Facebook-Messenger*, por exemplo), endereço eletrônico (*e-mail*), telefonemas ou pessoalmente, nas portas de suas residências. Desse modo resguardamos e atendemos suas vontades e proporcionamos um ambiente que fosse familiar e aconchegante para essas mulheres relembrem suas histórias.

A História Oral possui quatro grandes campos de entrevistas: História Oral de Vida, História Oral Temática, História Testemunhal e Tradição Oral, cada um com suas peculiaridades. Nesse trabalho será utilizada o campo da História Oral Temática, a qual será apresentada a seguir.

2.1 História Oral Temática

A História Oral Temática é um gênero narrativo proveniente da História Oral, com maior proximidade da disciplina de História, e que mais solicita informações inerentes a vários assuntos, tornando-se um objeto da subjetividade para a historiografia. É um recurso que busca esclarecimentos em entrevistas gravadas previamente, após acordo com as entrevistadas, as colaboradoras do trabalho, transformando-as em documentos legítimos. Esse gênero não pode ser confundido como prática jornalística ou de publicidade, ou seja, os fins de uma entrevista para o pesquisador e para um jornalista diferem quanto ao uso da entrevista. Para a História Oral Temática, a entrevistada não é um mero informante, e o entrevistador conduz a entrevista, como um ato premeditado, no qual há acordo entre as partes para tal interação, para se produzir qualitativamente e posteriormente incorrer à publicação. A História Oral Temática parte da oralidade, mesmo com o uso de entrevistas formuladas por outros indivíduos, há uma diferenciação entre a questão da oralidade e a expressividade da memória das pessoas. Significa um gênero narrativo que analisa os confrontos de opiniões ou pontos de vistas divergentes (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020).

Assim, a História Oral Temática focaliza sempre um assunto central e trata com interpretações instituídas por uma gama de colaboradores, e todo documento produzido mediante entrevistas, associando-se aos fundamentos escritos ligados à oralidade.

[...] A História disciplina deriva de levantamento prévio da documentação, da referida seriação classificatória dos apoios documentais, da determinação de uma problemática ou das hipóteses de trabalho e, é claro, dos critérios metodológicos; tudo permeado pelo exame historiográfico e demais posturas consagradas. A história oral temática tem sempre um assunto central a ser focalizado e trabalha com versões interpretativas organizadas por redes de colaboradores (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 69).

Admite-se o uso de roteiros ou questionários, neste caso, foram 11 questões devidamente aprovadas pela Plataforma Brasil, sejam indutivos ou não, funcionando como guias com o intuito de obter informações importantes. Invariavelmente o indivíduo que está colaborando com a pesquisa solicita antecipadamente o questionário da entrevista, outras vezes não. Essa antecipação não quer dizer que questionamentos surpresas estarão fora da conversa. Para a realização do trabalho foram entrevistadas 5 professoras primárias e secundárias, das mais diversas áreas, aposentadas, ex-diretoras da rede estadual na cidade de Paranaíba, Mato Grosso do Sul.

3. O SISTEMA ESCOLAR ESTADUAL EM PARANAÍBA, MS

O Sistema Escolar Estadual em Paranaíba é composto pela educação pública e a privada, sendo que na primeira existem atualmente cinco escolas estaduais e duas escolas particulares, a Escola Caminho e a Preve Objetivo, antigo Educandário Santa Clara. A rede municipal em Paranaíba compõe-se atualmente pelas seguintes escolas e centros de Educação Infantil: Escola Municipal Capitão Altino Lopes, Escola Municipal João Chaves dos Santos, Escola Municipal Professora Liduvina Motta Camargo, Escola Municipal Major Francisco Faustino Dias, Escola Municipal Professor Ignácio José da Silva, Escola Municipal Professora Maria Luiza Correa Machado, Escola Bento Macedo de Jesus, Escola Municipal Dona Maria Paula de Oliveira, Centro de Educação Infantil (Ceinf) Dona Maria Marlene Sene Souza, Ceinf Antonia Manairdi Ovidio, Ceinf Professora Gertrudes Alves Bardelin, Centro de Educação Infantil Lourdes Moraes Paiva, Centro de Educação Infantil Lar Teresa Spinelli.¹³

3.1. Mecanismos legais (legislação) da gestão escolar em Mato Grosso do Sul

No Mato Grosso do Sul a direção escolar passou a ser denominada como gestão escolar apenas no apogeu do período democrático e a escolha de diretores/ gestores no Estado atendia a um viés político-partidário, a tal “politicagem”, que corria solta no país, principalmente em lugares como cidades pequenas e controladas por famílias locais, nos quais se respirava política e troca de favores por votos ou simplesmente um parentesco com o prefeito ou governador (por si só já bastava para encaixar amigos ou parentes) nas direções de escolas, escolhidos apenas pelo “Q. I.”, popularmente conhecido por “Quem Indica”). As eleições que eram indiretas, ou seja, não havia participação da comunidade escolar, apenas o corpo docente das escolas podia votar e escolher de uma lista tríplice, um dirigente e seu adjunto ou adjunta (Decreto-Lei n.º 102, de 06 de junho de 1979, Artigos 68 a 71), passaram a ser diretas, contando com os votos de pais, professores, alunos.

Segundo Paes (2000), os diretores escolares, a partir do ano de 1977, na administração escolar, eram nomeados por atos do governo, por indicação político-partidária, e de certa forma

¹³ Fonte: <<https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/ms/paranaiba/escolas>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

as atuações atendiam a disposições de líderes políticos, sejam do estado ou de municípios. Antes da instituição do marco legal, o diretor escolar constituía-se na maior autoridade dentro do ambiente escolar, tomando decisões de forma isolada e muitas vezes de modo burocrático, sem uma base pedagógica. Na época da criação do Estado de Mato Grosso do Sul¹⁴, o Brasil vivia sob o regime civil-militar, e, na presidência da República, Ernesto Geisel¹⁵ comandava com pulso firme as nomeações políticas, corriqueiras (e normais), nas quais se indicavam dirigentes escolares, que fossem companheiros/ amigos de prefeitos, governadores e outros agentes políticos, isto é, as indicações eram majoritariamente políticas, sem uma eleição que envolvesse a comunidade escolar.

O desenvolvimento da pesquisa realizou-se por meio de levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto. Isto posto, analisei a bibliografia disponível desde o ano de 1977 que se referia à legislação específica para eleições de diretores escolares e outros textos e foi utilizada a habilidade do pesquisador, tendo em vista a variedade de temas a serem examinados.

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, inicia-se com a escolha de um tema. É uma tarefa considerada fácil, porque qualquer ciência apresenta grande número de temas potenciais para pesquisa. No entanto, a escolha de um tema que de fato possibilite a realização de uma pesquisa bibliográfica requer bastante energia e habilidade do pesquisador. (GIL, 2002, p. 60).

As eleições de dirigentes escolares, portanto, obedeciam a critérios políticos, seja de um prefeito ou governador, quer fosse um agente político, invariavelmente o diretor escolhido ou escolhida não possuía a formação mínima exigida, muito menos na área da educação, entretanto, esse diretor contava com a aprovação do governador, o que ocasionava dentro das escolas, ordens que eram burocráticas, sem o foco no essencial, o pedagógico, pois o mais importante naquele momento não era fomentar a educação e, sim, atender os desígnios de mandatários ora no poder.

A Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, foi responsável pelo desmembramento do estado de Mato Grosso do Sul e pela organização administrativa da nova unidade federativa e sobretudo norteou a legislação inicial. No ano de 1978, em 31 de março, o presidente Geisel nomeou para governador do Estado de Mato Grosso do Sul, o engenheiro,

¹⁴O Mato Grosso do Sul foi criado a partir do Estado de Mato Grosso e o estopim da derradeira crise para a divisão do Estado de Mato Grosso teve início na década de 1930, decorrente da luta pela divisão do estado com a reativação da Liga Sul-mato-grossense, que nos meados da década de 70 formulou um anteprojeto de Lei Complementar para criar Mato Grosso do Sul, efetivamente ocorrido em 11 de outubro de 1977, por meio da Lei Complementar n.º 31, com capital na cidade de Campo Grande (PAES, 2000).

¹⁵ Ernesto Beckmann Geisel foi o 29.º Presidente do Brasil, o 4.º sob a ditadura brasileira.

sr. Harry Amorim Costa, ato que foi estabelecido pela Lei Complementar n.º 31, de 11 de outubro, na criação do Estado.

Art. 6.º - Para o período que se encerrará com o do mandato dos Governadores dos Estados eleitos a 1.º de setembro de 1978, o Presidente da República nomeará o Governador do Estado de Mato Grosso do Sul, na forma do disposto no art. 4.º da Lei Complementar n.º 20, de 1.º de julho de 1974 (BRASIL, 1977).

Criado em 1977, o novo estado foi implementado apenas no ano de 1979, a partir do Decreto-Lei n.º 1¹⁶. Neste primeiro ano, o governador Harry Amorim Costa, assinou o Decreto n.º 102, de 06 de junho, o qual instituiu que as funções de diretor e diretor adjunto incidiam preferencialmente em administradores escolares, devidamente escolhidos de uma lista tríplice elaborada pelo corpo docente da escola, conforme o artigo 68.

Art. 68. As funções de Diretor e Diretor Adjunto de Escola recairão, preferencialmente, em Administradores Escolares, escolhidos de lista tríplice elaborada pelo corpo docente da Escola. § 1º Exigir-se-á o mínimo de 2 anos de experiência no Magistério para as designações de Diretor e Diretor Adjunto. § 2º Nas Escolas cujo corpo docente contar com até seis Professores, não haverá Diretor Adjunto e a escolha do Diretor será feita pelo corpo docente. (MATO GROSSO DO SUL, 1979, Decreto n.º 102).

Nesse decreto não havia a eleição de forma direta, e o corpo docente da escola tinha a incumbência de escolher os dirigentes, provenientes de uma lista tríplice (os Artigos 68 e 69 foram revogados pelo Artigo 120 da Lei n.º 55, de 21 de janeiro de 1980).

O Decreto n.º 102, já em seu artigo 70, instituiu que o exercício do cargo de diretor e diretor adjunto teria duração de quatro anos, com o titular sendo reconduzido por semelhante período e proporcionando ao membro do magistério o retorno de forma automática ao seu cargo anterior. A implantação das eleições de dirigentes escolares deve-se à tentativa de neutralizar as chamadas *práticas de favorecimento pessoal*, na qual a influência político-partidária era algo rotineira na rede pública. No ano de 1989, vários estados tornaram obrigatórias, em suas constituições, as eleições. O processo eletivo já vigorava em alguns estados, de forma crescente,

¹⁶ Art. 1.º O Estado de Mato Grosso do Sul exercerá no seu território, compreendido nos limites fixados pelo art. 2.º da Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977, todos os poderes que não lhe sejam vedados, implícita ou explicitamente, pela Constituição da República Federativa do Brasil. Art. 2.º O Estado de Mato Grosso do Sul reger-se-á: I - pela Lei Complementar n. 20, de 1.º de julho de 1974; II - pela Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977; III - pela legislação expedida pelo Governador do Estado, no uso dos poderes que lhe conferem as Leis Complementares n. 20 e n. 31; IV - pelas normas de qualquer natureza hierárquica vigentes em 31 de dezembro de 1978 no Estado de Mato Grosso, desde que compatíveis com as Leis Complementares n. 20/ 74 e 31/77, e com a legislação do Estado de Mato Grosso do Sul.

entretanto, no Estado de Mato Grosso do Sul foi consolidado apenas na década de 1990. (PARO, 1996)

O movimento pela democratização no ensino nos anos de 1980 foi responsável pela descentralização e da gestão democrática, com a participação de docentes e intelectuais, no Fórum em Defesa da Escola Pública (FNDEP), os quais defendiam a eleição direta para diretor escolar (FERNANDES, 2002).

3.2 Instituições escolares em Paranaíba

O município de Paranaíba possui 5 instituições escolares pertencentes à rede pública e estadual de Educação, com localizações diversas e atendendo do Ensino Fundamental ao Médio, dentre outros cursos. De acordo com os Projetos Políticos-Pedagógicos (PPP) do ano de 2020, cedidos para esta pesquisa, podemos conhecer as escolas, a estrutura física, quantidade de discentes, docentes e funcionários.

Ginzburg (2007) investiga os vestígios, que podem auxiliar os historiadores a desvendar significados por outro prisma, isto é, levando a condução de uma pesquisa sob outro olhar, e a partir desses “rastros” vão se revelando as fontes, as quais podem descortinar informações preciosas e importantes para a sociedade, uma vez que é necessário interpretar os indícios encontrados. Isto posto, a partir da leitura dos PPP das escolas e procedendo visitas às instituições escolares, temos as seguintes escolas da rede estadual de Paranaíba: Escola Estadual José Garcia Leal, Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes, Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa, Escola Estadual Dr. Ermírio Leal Garcia, e Escola Estadual Manoel Garcia Leal.¹⁷

3.2.1 Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa

A escola foi criada pela Lei n.º 2.635, de 03 de agosto de 1966, com a denominação “Escola Normal de Paranaíba”, iniciando suas atividades em fevereiro de 1967, no prédio do Rotary Clube de Paranaíba, situado à Rua Wladislau Garcia Gomes. O Decreto n.º 4789/ 88 alterou o nome da instituição para “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Aracilda Cícero Corrêa da Costa¹⁸” e mediante o Decreto n.º 9.104, de 15 de maio de 1998, recebeu a denominação atual de “Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa”, sendo que a escola

¹⁷ Fonte: <<https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/CENSO-ESCOLAR-Relacao-de-Escolas-Estaduais-com-Diretores-e-Adjuntos.-Atualizada-em-01.06.2022.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2022.

¹⁸ Aracilda Cícero Corrêa da Costa nasceu em 10 de abril de 1915, na cidade de Cuiabá-MT. Fonte: Arquivo Histórico Guilherme Hans, localizado no Museu Municipal Dico Quirino, na cidade de Paranaíba.

funciona no prédio denominado Centro Educacional Walmir Lopes Cançado, localizado à Avenida Durval Rodrigues Lopes, n.º 500.

A instituição possui: 01 (um) agente de atividades educacionais, 01 (uma) secretária, 03 (três) assistentes de atividades educacionais. O Corpo docente é formado por 27 (vinte e sete) professores efetivos, 46 (quarenta e seis) convocados e 08 (oito) assessores pedagógicos (professores readaptados), 01 (uma) coordenadora pedagógica, 03 (três) professoras coordenadoras, 14 (quatorze) agentes de limpeza, com 07 (sete) readaptados e uma terceirizada; 01 (uma) auxiliar de merenda, 04 (quatro) merendeiras, com uma funcionária readaptada, 01 (um) agente de manutenção, 01 (uma) diretora, 01 (um) diretor adjunto e 01 (um) técnico em Suporte de Tecnologia (TST), com um total de 121 (cento e vinte e um) funcionários. A escola possui 728 (setecentos e vinte e oito) estudantes, sendo: 24 (vinte e quatro) turmas no turno matutino, com Ensino Fundamental Ensino, Ensino Médio Regular e Ensino Médio – técnico em Informática, e no turno vespertino são ofertados os anos do Ensino Fundamental. (Projeto Político Pedagógico, 2020).

Figura 1 – Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa



Fonte: Registro da autora (2021).

Os diretores que passaram pela Escola Aracilda foram: Silvia Geraldi Neves, de 1967 a 1969 e 1974; Francisco Neves, de 1970 a 1972; Maria da Glória Cançado Garcia Gomes, 1973; Athair Mariano de Queiroz, de 1975 a 1976; Lucia Fonseca Martinez Peres, de 1977 a 1978; Maria Auxiliadora Neves Machado, de 1979 a 1982; Eloiza Helena Fratari, de 1983 a 1988; Sonia Leal de Freitas Modesto, 1989; Alcione Oliveira Leal Rodrigues¹⁹, de 1990 a 1992; Magnólia Silveira Santos Umbelino Dias, de 1993 a 1994; Samir Haddad, de 1995 a 1998; Maria Aparecida Eufrásia da Silva; 1999 a 2015; 2016 a 2019.

¹⁹ A partir de 1991, os diretores passaram a ser eleitos pela Comunidade Escolar, conforme o Decreto n.º 5.868 de 17/04/1991 – e Alcione Oliveira Leal Rodrigues foi a primeira diretora eleita pelo novo sistema.

A Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa tem os seguintes espaços físicos: 01 (uma) sala para direção, 01 (uma) sala para direção adjunta, 01 (uma) sala para secretaria, 01 (uma) sala para coordenação técnica, 01 (uma) sala para coordenação pedagógica, 01 (uma) sala para estudos (para os professores), uma sala para professores, 01 (um) banheiro masculino, 01 (um) banheiro feminino, 01 (uma) sala de vídeo, 01 (uma) sala de tecnologia, e 01 (um) anfiteatro com 02 (dois) banheiros. Depois da primeira rampa de acesso, há 01 (uma) cozinha, 01 (uma) cantina, 01 (um) refeitório, 01 (um) pátio coberto, com 01 (um) banheiro masculino e 01 (um) banheiro feminino, 01 (uma) biblioteca, com três ambientes e 02 (duas) salas para livros didáticos; 04 (quatro) laboratórios tecnológicos de Física, Química, Microbiologia e Informática. No andar térreo, a escola possui 01 (uma) quadra coberta, com 01 (um) banheiro masculino e 01 (um) banheiro feminino, 01 (um) vestiário masculino e outro vestiário feminino, e 01 (uma) quadra descoberta. Já no segundo pavimento há 04 (quatro) salas de aulas, 02 (dois) banheiros: 01 (um) masculino e 01 (um) feminino. Tem, também, 04 (quatro) laboratórios científicos, de Matemática, Química, Biologia e Informática; existem 08 (oito) salas de aula em cada, com 02 (dois) banheiros, sendo 01 (um) feminino e 01 (um) masculino. A instituição escolar possui 01 (um) Técnico em Suporte de Tecnologia (TST), salas de tecnologia, de vídeo e anfiteatro; na biblioteca, 02 (duas) funcionárias readaptadas atuam nas funções de bibliotecárias.

3.2.2 Escola Estadual Dr. Ermírio Leal Garcia

A Escola Dr. Ermírio Leal Garcia foi criada em 19 de dezembro de 1985 pelo Decreto n.º 3.398, D.O n.º 1.722, de 20 de dezembro de 1985, sendo que sua criação, construção e inauguração se deram sob o governo estadual de Wilson Barbosa Martins. A escola iniciou suas atividades no ano de 1986 e localiza-se à Rua Maria Leal de Oliveira, n.º 255, Jardim América. Atendia ao Ensino Fundamental, até a 5ª série e gradualmente adicionou até a 8ª série. Ofertou a Educação Infantil e a Especial.

Figura 2 – Escola Dr. Ermírio Leal Garcia



Fonte: Jornal Interativo (2018).

Possui 01 (uma) diretora e 01 (uma) diretora adjunta, uma secretária escolar, 02 (dois) coordenadores pedagógicos, 29 (vinte e nove) funcionários administrativos, 42 (quarenta e dois) professores, sendo que 12 (doze) deles trabalham com a Educação Especial. Atende a 06 (seis) turmas da educação integral do 2.º ano do Ensino Fundamental e 02 (duas) turmas do 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental. Os diretores que passaram pela Dr. Ermírio Leal Garcia foram: Waldirene Mathias Garcia Gomes, de 1986 a 1991; Janete Aparecida dos Santos²⁰, de 1991 a 1995; Adenir Domingos da Silva, de 1995 a 1997; Anatólia Siqueira Neves Poli, de 1997 a 2001; Adenir Domingos da Silva, de 2001 a 2008; Neusane Batista da Silva, de 2008 a 2015; Rozeni Lima de Souza Ferreira Silva, de 2016 a 2019.

3.2.3 Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva

O prédio da escola Gustavo Rodrigues da Silva foi construído no ano de 1970 e iniciou seu funcionamento em 1971, com o nome de Centro Educacional, mediante o Decreto de Criação n.º 1.474 de 08 de março de 1971, (D.O n.º 15.812, de 11 de março de 1971). Em 29 de janeiro de 1976, de acordo com o Decreto n.º 443, a escola integrou-se ao Centro Educacional de Paranaíba. Em 24 de abril de 1997, por meio do Decreto n. 8.817, publicado no D.O. n.º 4.512, de 24 de abril de 1997, a Escola Estadual de Pré- Escolar e 1.º Grau “ Gustavo Rodrigues da Silva” foi transferida para a rede municipal de ensino, passando a denominar-se dessa forma. A escola localizava-se na Rua Mello Taques, nº 1.740, Centro, com atendimento de aproximadamente 400 (quatrocentos) alunos, com crianças de 6 a 17 anos, do 1.º ano do Ensino Fundamental à 3.ª série do Ensino Médio.

Figura 3 – Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva



Fonte: Arquivo JP/ News (2019), atual CRE-10.²¹

²⁰ A partir de 1991, os diretores passaram a ser eleitos pela Comunidade Escolar, conforme o Decreto nº 5868 de 17/04/1991 – e Janete Aparecida dos Santos, foi a primeira diretora eleita pelo novo sistema.

²¹ Coordenadoria Regional de Educação em Paranaíba-MS, no antigo prédio da Escola Gustavo.

Os diretores que passaram pela Escola Gustavo foram: Marlene Alves de Oliveira, de 1971 a 1976; Gertrudes Alves Bardelin, de 1976 a 16/02/1991; Jerônimo Vieira de Souza, de 17/02/1991 a 14/05/1991; assumindo a direção da escola, devido ao falecimento da sra. Gertrudes em 16/02/1991; Aguiel Bento da Silva, de 15/05/1991 a 29/11/1995; Joelma Machado Moreira F. Silva, 30/11/1995 à 15/05/1997; Solange Aparecida Miziara Severino, de De 16/05/1997 a 28/02/2000; Guilherma Aparecida de Souza Chaves, de 29/02/2000 a 30/06/2008; Romilda Anacleto de Oliveira, de 01/07/2008 até 31/12/2015; Neiva Nazareth da Silva- 01/01/2016 a 2019.

3.2.4 Escola Estadual José Garcia Leal

A escola José Garcia foi fundada em 22 de junho de 1933, com a denominação de Escola Reunidas de Paranaíba. Em 05 de maio de 1945 (Decreto n.º 193), como homenagem ao fundador da cidade, José Garcia Leal²², a escola recebeu o nome de Grupo Escolar “José Garcia Leal”, permanecendo esta denominação até o ano de 1975. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do ano de 2020, a escola possui 1.473 (mil quatrocentos e setenta e três) estudantes, desde o 2.º ano do Ensino Fundamental à 3.ª série do Ensino Médio, e atendimento à Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Figura 4 – Escola Estadual José Garcia Leal



Fonte: Registro da autora (2021).

Os diretores que passaram pela Escola José Garcia desde sua fundação foram: Jorge Assad de Queiroz, de 1933 a 1934; Levino Garcia Leal, de 1934 a 1935; Aracilda Cícero Correia da Costa, de 1936 a 1941; Aldoná Borges Guimarães, de 1941 a 1942; Santa Ana de Gaeto e Silva, de 1942 a 1944; Geraldo Nunes Ribeiro, de 1945 a 1947; Ruth Brito Leal, de

²² José Garcia Leal, capitão designado para conquistar o estado do Mato Grosso, considerado um dos fundadores de Sant’Anna do Paranaíba”, atual Paranaíba, primeiro intendente nomeado pelo Presidente da Província de Mato Grosso, do povoado “Sertão dos Garcias”, em 11 de janeiro de 1836, permanecendo no cargo até 1862. Fontes: <<https://www.geni.com/projects/Fam%C3%ADlia-Garcia-Leal/47019>>; <<https://eusougarcialleal.wordpress.com/2011/01/29/eu-sou-garcia-leal-com-muita-honra/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

1947 a 1948; Andreлина Correia e Castro, de 1948 a 1955; Esther de Mendonça, de 1956 a 1960; Nair Garcia dos Santos, de 1960 a 1961; Bete Correia Garcia, de 1961 a 1962; Brasilina Garcia Machado, de 1962 a 1965; Esther de Mendonça, de 1965 a 1983; Cleusa Maria Molinari da Costa, de 1983 a 1985; Suely Bim Leal Garcia²³, de 1985 a 1991 e de 1991 a 1993; Joana D'Arc dos Santos de 1993 a 1995; Noêmia Gonsales Machado, de 1995 a 1996; Osmar Higino Barreto e Manoel José Nunes, de 1996 a 2016 e de 2016 a 2020.

O prédio da escola foi inaugurado em 1933, depois ampliado, houve uma demolição e reconstrução, e no ano de 2014 foi aprovada reforma, que foi concluída no ano de 2016; a escola possui 17 (dezessete) salas de aula, 01 (uma) sala para a Direção, 01 (uma) sala para a Coordenação, 02 (duas) salas para a secretaria, 01 (uma) sala para os professores, 02 (duas) salas de arquivo- morto, 01 (uma) sala para a Biblioteca, 01 (uma) sala de vídeo, 01 (uma) sala para o almoxarifado, 01 (uma) sala de jogos multifuncional, 01 (um) depósito para livros, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) área de serviço, 01 (um) banheiro para o setor da cozinha, 01 (uma) despensa, 01 (um) refeitório, 06 (seis) banheiros para estudantes, sendo 03 (três) masculinos e 03 (três) femininos, com 02 (dois) banheiros adaptados, 03 (três) banheiros para professores, 02 (dois) femininos e 01 (um) masculino, 01 (um) banheiro para os funcionários administrativos, 01 (uma) sala de Tecnologia Educacional e 01 (um) depósito de material de limpeza.

Na escola há um espaço livre que é coberto no piso superior, e outro no térreo, um espaço livre coberto utilizado como refeitório, 01 (uma) quadra esportiva coberta e 01 (uma) quadra esportiva descoberta e, também, diversas áreas livres descobertas. Quanto ao quadro de funcionários da escola, o mesmo é formado por 01 (um) diretor, 01 (um) diretor adjunto, 01 (uma) secretária, 84 (oitenta e quatro) professores, 01 (uma) coordenadora especialista, 02 (duas) professoras coordenadoras, 07 (sete) professores readaptados, na função de assessoramento escolar, 01 (um) técnico de informática, 07 (sete) professores de apoio, 30 (trinta) funcionários administrativos, 03 (três) supervisores de gestão escolar e 02 (duas) técnicas (Núcleo de Educação Especial).²⁴

²³ A partir de 1991, os diretores passaram a ser eleitos pela Comunidade Escolar, conforme o Decreto n.º 5.868 de 17/04/1991 – e Suely Bim, foi a primeira diretora eleita pelo novo sistema.

²⁴ Pesquisando sobre a Escola José Garcia encontrei-me com uma ex-funcionária, que trabalhou por muitos anos na instituição, porém não cabe ao subalterno o poder de fala e sim ser um mero representante da classe proletária, ou seja, não lhe cabe contar a história vivida na escola, por seu ponto de vista. O livro *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), feminista indiana, tece críticas às representações do Terceiro Mundo pelos ocidentais. Considera-se esta obra de Spivak um ponto de partida para os estudos pós-coloniais e, também, os de gênero, quando a autora estabelece o “lugar de fala”, o que não pode ser realizado pelo subordinado.

3.2.5 Escola Estadual Manoel Garcia Leal

A Escola Estadual Manoel Garcia Leal foi criada em 31 de março de 1978, pelo Decreto n.º 1.300, D.O. (Diário Oficial) n.º 17.553, localizada à Rua Onze de Outubro, n.º 900, Bairro de Lourdes, atendia no momento de sua criação 900 (novecentos) alunos. Ofertando os Ensinos Fundamental e Médio, com capacidade para atender 1.500 (mil e quinhentos) alunos, após a reforma no ano de 1993, e conforme o Projeto Político-Pedagógico do ano de 2020, a escola conta com 689 (seiscentos e oitenta e nove) alunos.

Figura 5 – Escola Estadual Manoel Garcia Leal



Fonte: Registro da autora (2021).

A instituição é dotada de onze salas de aulas, distribuídas em três pavilhões, além de uma cozinha, um refeitório, sala de recurso multifuncional (I e II), sala de leitura/ jogos, uma biblioteca, uma sala de professor, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de tecnologia, uma sala de vídeo, uma secretaria, uma sala de arquivo (direção), uma quadra coberta, um pátio coberto, dois banheiros adaptados para alunos com necessidades educacionais especiais, (masculino e feminino), dois banheiros para professores, masculino e feminino, um banheiro para a secretaria e a direção, com um banheiro administrativo. Conta, ainda, com um corpo docente formado de 56 (cinquenta e seis) professores, 02 (dois) coordenadores e 25 (vinte e cinco) funcionários administrativos. Os diretores²⁵ que passaram pela Escola Manoel desde sua fundação foram: Diogo Robalinho de Queiroz, de 1978; Nadi Ferreira Chaves; Mair Leal de Souza; Nelci Cândida de Faria; César Rodrigues da Silva; Laura Maria Rodrigues Salgueiro; Rosemary Aparecida Rulli.

3.2.6 Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes

A Escola Wladislau teve origem na implantação do Curso Ginásial em Paranaíba, por meio do Decreto n.º 302, de 30/08/1957, para os alunos que ao findar a antiga 4.ª série não

²⁵ Nem no atual Projeto Político Pedagógico, de 2020, nem nos anteriores constam os períodos, nos quais os(as) citados(as) exerceram a função de diretor(a).

tinham outra oportunidade de continuar seus estudos. O Curso Ginásial começou no então Grupo Escolar *José Garcia Leal*. Assim, em março de 1957, previsto em lei, realizou-se o exame de admissão para ingresso no ginásio. O Inspetor de Educação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) decidiu invalidar o ano letivo de 1957 e fechou o então Ginásio Estadual, cuja denominação é em homenagem ao sr. Wladislau Garcia Gomes²⁶, todavia, validou o exame de admissão daquele ano. E em agosto de 1957, foi recriado o Ginásio Estadual Wladislau Garcia Gomes, mediante o Decreto n.º 302 de 30/08/57 e Portaria Ministerial n.º 1.741 de 09 de dezembro de 1957, com autorização de funcionamento a partir de 25 de novembro de 1957.

Figura 6 – Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes



Fonte: CRE-10 (s.d.).

Os diretores que passaram pela Escola Wladislau foram: Cássio de Figueredo, de 1957; Antônio Garcia de Freitas, de 1957 a 1960; Anna Lígia Mancini Coelho, de 1961 a 1962; Martinho da Palma Mello, de 1963 a 1966; Luiz Carlos Brandão, de 1967 a 1971; Vera Lúcia Belluzo Vecchi, 1972; José Álvaro Agi, de 1972 a 1975; Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza, de 1976 a 1978; Paulita de Queiroz Leal, de 1979 a 1980; Aurita Ferraz Agi, de 1981 a 1982; Rodolpho Schimid, de 1983 a 1990; José Carlos Seguraci, de 1991 a 1995²⁷; Ivone de Freitas Leal, de 1995 a 1998; Arlene Ramos Lacerda Custódio, de 1999 a 2004; Elio Cardoso dos Santos, de 2005 a 2007; de 2008 a 2011; 2012 a 2015, 2016 a 2019.

A instituição escolar localiza-se em um bairro de classe média, com lojas comerciais, oficinas mecânicas, centro de estética, praça, igrejas, posto de saúde, clínica de fisioterapia. Possui um 01 (um) diretor e 01 (uma) secretária escolar, com uma Equipe Técnica Administrativa, composta por 04 (quatro) funcionários: 02 (dois)

²⁶ Wladislau Garcia Gomes, ex-prefeito de Paranaíba, nascido em 1905, pai de Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza, diretora da escola na qual seu pai foi patrono, durante o período de 1976 a 1978.

²⁷ A partir de 1991, os diretores passaram a ser eleitos pela Comunidade Escolar, conforme o Decreto n.º 5.868 de 17/04/1991 – e José Carlos Seraguci, foi o primeiro diretor eleito pelo novo sistema.

Assistentes de Atividades Educacionais, 01 (um) professor readaptado e 01 (uma) merendeira readaptada. A equipe pedagógica é constituída por 01 (um) gestor, 03(três) professores coordenadores e 01 assessor pedagógico, proporcionando suporte a 39(trinta e nove) docentes.

3.3 Linha do tempo – diretoras (es) escolares em Paranaíba

Com o propósito de conhecer as diretoras escolares das escolas estaduais da cidade de Paranaíba-MS, as quais exerceram suas funções durante o recorte temporal da pesquisa, que se inicia na década de 1970 e culmina na década de 1990 é essencial a construção de uma linha do tempo, a partir dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) de todas as escolas estaduais, reportagens na internet e mediante conversas com a diretora aposentada Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza.

Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa – Diretoras:

Silvia Geraldi Neves (Período: 1967 a 1969 e 1974)

Maria da Glória Cançado Garcia Gomes (Período: 1973)

Lucia Fonseca Martinez Peres (Período: 1977 a 1978)

Maria Auxiliadora Neves Machado (Período: 1979 a 1982)

Eloiza Helena Fratari

Sonia Maria Freitas Leal

Alcione Oliveira Leal Rodrigues

Magnólia Silveira Santos Umbelino Dias

Maria Aparecida Eufrásia da Silva

Escola Estadual Dr. Ermírio Leal Garcia – Diretoras:

Waldirene Mathias Garcia Gomes (Período: 1986 a 1991)

Janete Aparecida dos Santos (Período: 1991 a 1995)

Anatália Siqueira Neves Poli (Período: 1997 a 2001)

Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva – Diretoras:

Marlene Alves de Oliveira (Período: 1971 a 19/05/1976)

Gertrudes Alves Bardelin (Período: 20/05/1976 a 16/02/1991) – A diretora faleceu.

Joelma Machado Moreira

Figura 7 – Gertrudes Alves Bardelin (à direita)



Fonte: Acervo João Alves Bardelin (s. d.)

Escola Estadual José Garcia Leal - Diretoras

Esther de Mendonça – A professora Esther de Mendonça, nasceu em 14 de julho de 1924, em Paranaíba, filha de Joaquim Teodoro de Mendonça e de Rita Pereira de Mendonça. Em 1955, a sra. Esther foi nomeada diretora do Grupo Escolar José Garcia Leal permanecendo até o ano de 1961, ocasião na qual trabalhou na prefeitura municipal até o ano de 1964, no setor de contabilidade. No ano de 1965 voltou à direção da Escola José Garcia Leal, ficando por 18 (dezoito) anos como diretora, sendo transferida para a Agência Regional de Educação, local no qual aposentou-se em 08 de maio de 1986. A sra. Esther de Mendonça foi a diretora que mais permaneceu na direção de uma escola em Paranaíba, em duas oportunidades, de 1955 a 1961, e de 1965 a 1983, totalizando nesta segunda passagem 18 (dezoito anos). A diretora faleceu.

Figura 8 – Professora Esther de Mendonça



Fonte: Jornal Tribuna Livre (2000).

Cleusa Maria Molinari da Costa – Período: 1983 a 1985.

Suely Bim Leal Garcia

Joana D'Arc dos Santos

Noêmia Gonsales Machado – A professora Noêmia Gonsales Machado, nascida em 03 de julho de 1952, iniciou-se na carreira com o nascimento do Estado de Mato Grosso do Sul, em outubro

de 1977, em meio às incertezas que pairavam com a divisão territorial, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa na Escola José Garcia Leal, em Paranaíba, cargo no qual foi efetivada sem concurso, pois na época não havia, e a partir daí trabalhou por 40 (quarenta) anos na profissão.

Figura 9 – Noêmia Gonsales Machado



Fonte: Jornal Correio do Estado (2017).

Exerceu o cargo de diretora da Escola José Garcia, durante os anos de 1995 a 1996. A antiga diretora faleceu no ano de 2021, durante o transcorrer da pesquisa.

Escola Estadual Manoel Garcia Leal – Diretoras:

Nadi Ferreira Chaves (Período: 1978)

Nelci Cândida de Faria

Laura Maria Rodrigues Salgueiro

Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes – Diretoras:

Vera Lúcia Belluzo Vecchi

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza

Paulita de Queiroz Leal – Período: 1979 a 1980 – Segundo a professora Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza (colaboradora da pesquisa), a antiga diretora Paulita de Queiroz Leal faleceu. Encontrei um recorte de uma reportagem do dr. José Álvaro Agi com a antiga diretora, no jornal Tribuna Livre de Paranaíba, sob o título “Paulita de Queiroz Leal – Retrato de Uma Vida”, o qual fotografei em 30 de julho de 2021.

Figura 10 – Diretora Paulita de Queiroz Leal



Fonte: Jornal Tribuna Livre

No ano de 1949, foi convidada a lecionar em uma escola rural. No ano de 1951, casou-se com Milton Garcia Leal, paranaibense e contador, e transferiu-se para Paranaíba, continuando os estudos em música e no lar. Foi nomeada pelo governo do estado professora de Canto Orfeônico (disciplina), na atual escola Wladislau Garcia Gomes, em 1957. A nomeação transformou-se vitalícia por ato governamental e inclusive por concurso, foi submetida a exame na disciplina Trabalhos Manuais. Em 1979, foi designada diretora da escola Wladislau e permaneceu no cargo até o ano de 1981, passando ao cargo de Assistente ao Educando, na Agência Regional de Educação de Paranaíba, aposentando-se em 09 de agosto de 1982.

Aurita Ferraz Agi

Ivone de Freitas Leal (Período: 1995 a 1998)

Arlene Ramos Lacerda Custódio

4. REFAZENDO PERCURSOS E REAVIVANDO MEMÓRIAS

As lembranças do passado afloram à medida que as pessoas idosas contam suas histórias, relembando fatos ou situações já vividos. As memórias dos idosos possuem uma história social desenvolvida e relatada em momentos de confiança pelas pessoas mais velhas, como confidências. Cada lembrança atrai outra e sucessivamente as histórias vão sendo reconstruídas e se tornando infinitas. Ao contar vivências e experiências, os indivíduos mais velhos narram passagens de fatos ocorridos em determinados períodos de suas vidas, expondo recordações de maneira trivial e não obrigatória. Muitas vezes, as lembranças não seriam contadas em uma entrevista formal, todavia vem à tona em situações cotidianas simples, como tomar um café e papear com um conhecido.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. [...] Para enfrentar a tarefa de entendimento das narrativas valime de autores que centraram na memória suas reflexões, como Bergson, Halbwachs, Bartlett, Stern, tendo-me ajudado também a obra de fôlego que Simone de Beauvoir dedicou à velhice e as análises que Benjamin fez do processo narrativo (BOSI, 1994, p. 3).

Ao indagar às colaboradoras sobre a anuência em participar da pesquisa, algumas delas mencionaram o esquecimento que vêm sofrendo, devido à idade, algo muito real e desafiador, pois justamente a memória é um arcabouço de lembranças. E se a memória falha, ocorrendo os lapsos temporais, quando a pessoa se lembra de certo período e esquece de outros, pode-se dizer que o indivíduo que esquece uma passagem de sua vida perde contato com os seres com os quais convivia.

[...] Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam. [...] Não há motivo, aliás, para se espantar caso essas lembranças se diluam todas ao mesmo tempo e se anulem. É porque formam um sistema independente, pelo fato de serem as lembranças de um mesmo grupo, ligadas uma a outra e apoiadas de certo modo uma sobre a outra; [...]. Podemos definir ainda termos gerais os grupos com os quais nos relacionamos. Mas não nos interessam, porque no presente tudo nos afasta deles (HALBWACHS, 1990, p. 32-33).

Devido à pandemia de SARS-COV 2 e de todo o perigo que emana dela, ao entrar em contato com as diretoras aposentadas percebi o quão deveria deixá-las à vontade para prosseguir com nossos diálogos e, dessa maneira, indaguei se poderiam encaminhar o questionário

elaborado por *e-mail*, com 11(onze) questões²⁸ sobre seu desejo de seguir qual profissão, a escolha da carreira docente, a prática que optou na docência, escolarização, formação profissional, ingresso na gestão escolar, dentre outras. Creio que o maior obstáculo para o desenvolvimento da pesquisa foi o momento pandêmico, que trouxe para todos nós o medo da doença e da transmissão dela, e por isso algumas diretoras não quiseram manter nenhum tipo de contato pessoal.

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios[...] (BOSI, 1994, p. 15)

Assim, serão enumerados os percursos de cada diretora que concordou em participar da pesquisa, juntamente com o questionário respondido e a forma que foi contatada, além das memórias revividas dessas mulheres, donas de si e que retém, em suas memórias, histórias vividas de seus ofícios e de suas trajetórias.

4.1 Alcione Oliveira Leal Rodrigues

Todo profissional independente e principalmente da educação [...] você não consegue desenvolver um bom trabalho transmitir segurança, porque você tem que transmitir conhecimento e segurança para os seus alunos [...], principalmente segurança. (RODRIGUES, 2021; entrevista).

Alcione Oliveira Leal Rodrigues exerceu seu cargo na Escola Aracilda no período de 1990 a 1992. Não a conhecia pessoalmente, assim sendo contei com o auxílio de uma colega que informou a localização da colaboradora que, para minha surpresa, residia perto de minha casa. Passei em sua residência e a mesma me atendeu no portão, apresentei-me, expliquei sobre a pesquisa e marcamos uma conversa. A antiga professora recebeu-me em sua casa no dia 15 de junho de 2021, às 12:30, terça-feira, com muita cordialidade, e nosso diálogo transcorreu com os cuidados e distanciamento exigidos pela pandemia. Permanecemos na área da frente da casa, sentadas em cadeiras distantes, em um local amplo e arejado, portando máscaras faciais de proteção. Inicialmente, solicitei autorização para gravar a conversa, por meio do gravador de meu telefone celular, e a diretora concordou.

²⁸ O referido questionário encontra-se em Apêndice.

A sra. Alcione é uma mulher de estatura média, cabelos levemente grisalhos, com voz firme e educada, recepcionou-me com alegria; disse que estava lavando as louças do almoço. Durante o transcorrer de nosso diálogo, contou histórias entremeadas de lembranças, foi uma conversa agradável. Perguntei se poderia tirar uma fotografia para inserir na pesquisa, cuja resposta foi negativa, pois a antiga diretora não gosta de fotos, fato que respeitei. Relembrou sobre o início da carreira docente, escolarização, enfim, toda sua vivência no período em que foi diretora de escola. Contou que fez vários cursos manuais, que gostava muito. Como não havia oportunidades em Paranaíba, ao concluir o antigo 2.º grau, cursou o que havia na cidade naquele momento, ou seja, o Magistério²⁹ e, concomitantemente a ele, iniciou-se na carreira docente, na 2.ª série do ensino fundamental, na Escola Municipal Major Francisco Faustino, em Paranaíba.

A gestão da escola Aracilda, na qual trabalhava, a convidou para assumir as aulas da disciplina de Metodologia, por um período de 04 (quatro) anos com as referidas disciplinas. Para completar a carga horária, lecionava Psicologia, História da Educação e Metodologia. A ex-diretora contou que naquele tempo a nomeação política reinava e quando a diretora se demitiu da escola, lhe disse para ser a nova gestora, uma vez que um parente seu era deputado (o sr. Benedito Leal) e realmente a sra. Alcione foi nomeada e permaneceu por quase dois anos. Contou que houve uma eleição e ao se candidatar para o cargo de direção, foi derrotada pela professora Magnólia. Havia mais de 1.200 alunos na escola Aracilda na época de seu mandato.

Na época, quando eu tinha as duas quartas séries, quarta série, a direção da escola Aracilda me convidou para assumir as aulas de Metodologia do, do Magistério, então eu saí do ensino primário, na época... se chamava primário e já fui direto trabalhar com as metodologias, com as 40 horas, no Magistério, ali eu fiquei...uns 4... os 4 anos com as metodologias, de 4 a 6 anos mais ou menos [...] é, eu fiquei com as metodologias e para completar minha carga horária, pegava Psicologia, pegava História da Educação, mas o carro chefe mesmo era as Metodologias (RODRIGUES, 2021; entrevista).

A antiga diretora referiu, a partir de suas memórias, que conseguiu, juntamente com sua equipe, que o governo estadual mudasse a Escola Aracilda Cícero Correa do seu antigo endereço (localizado à Rua Maria Cândida de Freitas, Bairro São José) para o atual, muito mais

²⁹Magistério- Antes denominada como “Escola Normal”, que foi criada pelo Decreto n.º 1.835 e somente em 1977, passou-se a “Magistério”, como “Habilitação Específica de 2.º Grau para o Magistério”. O referido curso tinha o objetivo de habilitar professores para a Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental, e consistia em um curso de nível médio.

amplo, arborizado e que proporcionou, no mandato, cerca de 1.400 (mil e quatrocentas) matrículas em um ano.

4.2 Cleusa Maria Molinari da Costa

Eu comecei a lecionar [...] com pessoas idosas, depois eu fui pro CEASA³⁰, trabalhar com os carregadores, eu tinha que pegar eles, a mão deles, pra eles saberem pegar o lápis, ensinar a pegar o lápis. Nossa, foi uma experiência única. E eu fiquei feliz com isso, por que chegamos em três meses todos alfabetizados, era um programa do MOBREAL [...] (COSTA, 2021; entrevista).

Cleusa Maria não residia em Paranaíba e tentei localizá-la por meio da internet, obtendo o número do seu telefone fixo, no site de buscas *Google*. Fiz a ligação telefônica e apresentei-me, informando que era discente do curso do Mestrado, em Paranaíba. Informou-me que se mudou de Paranaíba no ano de 1998 e atualmente reside em São Gotardo, MG. A sra. Cleusa, embora atenciosa, mostrou-se (inicialmente) desconfiada e, mesmo assim, concordou em participar da pesquisa. Destarte, enviei por *e-mail* o questionário de 11(onze) perguntas para que ela respondesse. Contou também que contou foi gestora da Escola José Garcia Leal no período de 1983 a 1985.

Figura 11 – Cleusa Maria Molinari da Costa



Fonte: *Meta* (antigo *Facebook*), 2016

³⁰ Centro Estadual de Abastecimento do Estado de São Paulo. Fonte: <<https://www.ceagesp.org/ceasa-sp/>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

A ex-diretora relatou que sua nomeação para a direção da Escola José Garcia Leal foi política, algo corriqueiro na época, conforme contou durante a entrevista.

[...] Aí, na época, quem ganhou? Era de uma família aí, cujo rapaz o meu marido era muito amigo, ele falou assim “Dona Cleusa, a senhora quer um lugar para a senhora trabalhar?” e (respondei) ”Qualquer coisa na educação eu quero!”, “Eu quero professora” – falei pra ele. E ele falou “Nananininã³¹” você vai ser diretora! Eu falei “eu tenho curso para direção, orientação vocacional...coordenação... pedagógica, tinha esses cursos”. Ele (o amigo) falou” Você vai ter”. Eu falei “Quero experimentar.” Aí eu fiquei, eu fiquei só 02 (dois) anos (COSTA, 2021; entrevista).

No dia 22 de junho de 2021, entrei em contato novamente com a sra. Cleusa Molinari, via ligação telefônica, e a mesma me contou sobre a sua participação desde o ano de 2010, em uma associação de combate ao câncer (Associação de Ação Humanitária de São Gotardo), que inicialmente era um trabalho de visita a pacientes com câncer em São Gotardo e evoluiu para a participação efetiva em uma diretoria, na qual é a presidente, encaminhando pacientes da cidade mineira e região para Barretos, São Paulo.

A antiga diretora nasceu em 20 de abril de 1955, na cidade de São Paulo. Exerceu seu cargo na Escola Estadual José Garcia Leal no período de 1983 a 1985. Contou que acompanha as notícias de Paranaíba, desde que se mudou da cidade, pois as professoras da rede estadual possuem um grupo do Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SIMTED) de Paranaíba no aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Em meus contatos com a senhora Cleusa constatei, por meio de sua fala, o amor que possui por tudo o que faz, seja auxiliando as pessoas doentes, seja sendo professora, coordenadora ou diretora, em suma, em todos os âmbitos de sua vida.

Figura 12 – Cleusa Maria Molinari da Costa



Associação de Ação Humanitária (AAH)

Fonte: *Meta* (antigo *Facebook*), 2019.

³¹ É uma gíria utilizada em negativas, significa “não”, “de jeito nenhum”. Fonte: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

É impressionante o carinho que tem ao reviver suas memórias passadas e trazer suas reminiscências de volta e seu empenho em ajudar o próximo e acalantar aqueles que são portadores do câncer, por meio de uma página na rede social *Facebook* (atual *Meta*) e como participante ativa da associação, um trabalho árduo, porém repleto de empatia e solidariedade. Nota-se um carinho que emana da dona Cleusa quando conta suas experiências na pós-aposentadoria, não percebi amargura e tristeza, apenas vontade de ajudar e compartilhar com o próximo, o que me emociona em relatar sua trajetória tanto na vida profissional e pessoal. Em 11 de setembro de 2021, às 15:50, fiz uma ligação pelo *Messenger (Facebook)* e conversei novamente com ela. Indaguei se poderia participar de uma entrevista, pelo aplicativo *Zoom* e se tinha facilidade em acessá-lo. A querida mestra replicou que não tinha nenhum problema em manusear o aplicativo, daquele modo expliquei que avisaria com antecedência e enviaria um *link* de acesso para a vídeo chamada.

Remarcamos a entrevista para o dia 05 de novembro de 2021, a partir das 17 horas, horário de Brasília. Destarte, encaminhei mensagem no *WhatsApp*, com o *link* de acesso da entrevista pelo *Zoom*, uma plataforma que grava reuniões e entrevistas, muito utilizada no momento de pandemia. A dona Cleusa estava com dificuldades em acessar a reunião e ao conseguir, vibramos de alegria, após mais de vinte minutos de tentativas frustradas. Desde o primeiro contato, em junho de 2021 e até a entrevista, passados cinco meses, estabeleci um vínculo com a entrevistada, tal qual Liblik (2021) externa:

[...] Uma delas é quando o entrevistador se identifica com as histórias, sentimentos, cotidiano e afetos relatados. As primeiras análises podem ser influenciadas por um certo entusiasmo por parte do historiador que, não só entrevista mas “dá as mãos aos seus depoentes”, formando uma cumplicidade entrevistado-historiador. É necessário se distanciar desses relatos, o que implica se distanciar momentaneamente das suas condições de identificação para analisar o discurso e suas representações dentro de uma historicidade (LIBLIK, 2021, p. 281).

Realmente é difícil conter o entusiasmo diante da colaboradora, e também não se identificar com as palavras e pensamentos, ou seja, somos professoras, ambas passamos por situações parecidas, ela se casou no ano de 1974 (minha irmã nasceu nesse ano) e a sra. Cleusa mudou-se para a cidade de Paranaíba no ano de 1976 (ano do meu nascimento): tais situações provocam a identificação entre as partes, com um “dar as mãos”, conforme Liblik (2021) expôs em seu artigo e que evoca a controlar os sentimentos, com um distanciamento respeitoso sem exaltações; foi uma experiência válida para não projetar os sentimentos e vínculos nas

colaboradoras. A entrevista com a antiga professora e diretora, Cleusa, foi a primeira em audiovisual que realizei (algo inédito para uma pesquisadora amadora), portanto houve uma (grande) euforia da minha parte, infelizmente não pude controlar-me, dessa feita peço desculpas pela exaltação, tendo em vista, a dificuldade em obter anuência das colaboradoras (algumas mencionam vergonha com o vídeo, outras que não gostam ou não queriam gravar). A professora Cleusa é uma mulher magra, de estatura baixa, com cabelos pintados, vaidosa, com uma conversa que chama atenção pela eloquência, é atenciosa e não aparenta a idade que possui: 68 anos. Relatou que cursou o curso de Pedagogia³², em Jales-SP. Na entrevista concedida destacou a importância de Paulo Freire, a escola pública, o coronelismo e a solidariedade.

4.3 Laura Maria Rodrigues Salgueiro

Para ser diretora adjunta [...] o professor César que me convidou para ser aqui junto com ele é que era ele eleição né então ele pegou e a gente tinha uma amizade assim muito grande eu tinha muito relacionamento muito bom com os alunos então ele me convidou por isso (SALGUEIRO, 2021; entrevista).

A professora Laura foi diretora adjunta na Escola Manoel durante os anos de 1997 a 2000, e nesse ano, após a morte do diretor César Rodrigues da Silva, assumiu a direção, por meio de deliberação do Colegiado da instituição, que a escolheu, confidenciou que sofreu bastante rejeição em sua chegada à direção, em virtude do falecimento do antigo gestor.

No início [...], o que havia muito conflito era diferença cultural, dos alunos, dos pais dos alunos, então, a gente enfrentou muita resistência, principalmente quando o César morreu, a resistência foi muita: “porque ela não vai conseguir.” [...] a resistência que encontrei foi muita... até os alunos

³² Pedagogia - A palavra “Pedagogia” tem origem grega (*paidós* – criança, *agogé* – condução) e a disciplina surgiu com João Comênio (Amós Comenius), considerado o criador da Didática Moderna e um dos educadores mais importantes do século XVII. Comenius mirava de forma pedagógica a interdisciplinaridade e o lado afetivo dos educadores. Destarte, a Pedagogia é reputada como uma disciplina ou ciência, com a finalidade de refletir, sistematizar e classificar o processo da educação. Em 1939, o curso de Pedagogia, no Brasil, surgiu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade do Brasil. Com a promulgação da nova LDB, na década de 1990, a Pedagogia firmava-se na docência e existia como um Curso Superior. Apenas em 2006, com a aprovação da Resolução CNE n.º 01, dispôs a Pedagogia e seu campo de atuação do profissional da área, em ambientes escolares ou não.³²

entenderem que, qual a proposta que a gente tem... [...] não sei, é, então, isso foi muito difícil, mas até sido superado (SALGUEIRO, 2021; entrevista).

Em tempo de pandemia, enviei mensagem pelo *Messenger (Facebook)* para a ex-diretora escolar e informei que era discente do mestrado da UEMS, pedindo-lhe autorização para encaminhar um questionário. Laura Maria Rodrigues Salgueiro é natural de Paranaíba, nascida em 07 de novembro de 1958, casada com o professor Cláudio Tadeu (atual diretor da Escola Aracilda). É oriunda de uma família muito conhecida na cidade. Iniciamos um diálogo via *Messenger*, no dia 02 de junho de 2021 e, a partir dessa data até agendarmos a entrevista, decorreram exatamente 8 meses.

Figura 13 – Laura Maria Rodrigues Salgueiro



Fonte: Acervo pessoal da ex-diretora (s. d.).

A entrevista foi concedida na residência da sra. Laura Salgueiro, no centro da cidade, no dia 02 de fevereiro de 2022, sendo que sugeri a utilização da plataforma *Zoom*. Contudo, por meio de mensagem, a ex-diretora informou o endereço e o horário convenientes. Exatamente às 14:00 compareci e nos sentamos na área da frente de sua casa. Durante a entrevista houve diversas interrupções (grasnar constante de araras, sons de veículos transitando, enfeite sonoro pendurado na área, que emitia um tilintar, quando o vento o balançava e toque de celular), que serão notadas, entretanto, é aconselhável o distanciamento e o uso de um local arejado, em virtude das medidas sanitárias, a fim de se evitar o Corona Vírus, permanecemos na área da frente.

Figura 14 – Laura Maria Rodrigues Salgueiro



Fonte: Acervo pessoal da ex-diretora (s. d.).

Na apresentação inicial, agradei a honra de poder entrevistá-la e de tê-la na pesquisa, concedendo a palavra para a professora Laura, a qual dispôs-se auxiliar e feliz em participar desse trabalho. Relatou que sua família era oriunda do Rio de Janeiro e era conhecida por ser filha do sr. Evandro Salgueiro e irmã do dr. Pedro Eurico. É uma mulher de estatura baixa, 64 anos, recepcionou-me de blusa preta e calça jeans, portando óculos de grau, em seu rosto as marcas da passagem do tempo, cabelos levemente grisalhos, sem maquiagem. Apesar de miúda, a professora Laura possui autoridade, que suplanta sua altura e mostra quem está no comando; sucinta ao responder às questões enviadas, imaginei que ao longo da entrevista também fosse mais comedida, como realmente foi. Isso posto, tivemos uma conversa agradável com uma curta duração de 34 minutos e 27 segundos.

4.4 Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza

[...] eu nunca fui de me prender no passado, se não queria me queriam num lugar eu ia pra outro, eu fazia uma gestão regular, vamos dizer assim, não primorosa. Por que eu toda vez que entro pra alguma coisa, eu faço com respeito (SOUZA, 2021; entrevista).

A ex-diretora Lídia Maria reside em Paranaíba, muito conhecida na cidade, principalmente por sua educação e formação, e apesar de conhecê-la superficialmente, pois eu trabalhei em um estabelecimento comercial ao lado de sua casa, nunca havia conversado com a antiga diretora. É uma mulher muito educada, culta, que inspira admiração e respeito, o que me remete à Michelle Perrot, uma autora renomada, que fala da história das mulheres e do seu empoderamento, ao ver em suas respostas a força da mulher e sua dedicação.

Figura 15 – A professora Lídia, adolescente, na Itália



Fonte: Acervo pessoal da colaboradora (s. d.).

Empreendi visita à residência da professora Lídia e para minha (grata) surpresa, recebeu-me com muita cordialidade e pediu que eu entrasse em sua casa, no dia 04 de junho de 2021, à tarde, com todos os cuidados necessários referentes à pandemia de SARS-COVID, com distanciamento social, sendo que usamos máscaras e ficamos em um local arejado, distantes uma da outra. A casa da colaboradora localiza-se na região central de Paranaíba, perto da Praça da República e a ex-professora conduziu-me a uma sala, utilizada como recepção de seu escritório de advocacia e aproveitei o momento para explicar como seria minha pesquisa, memórias de diretoras aposentadas. A sra. Lídia é uma mulher de estrutura média, cabelos meio longos, com sua voz cadenciada e tom baixo, contando que é praticante da religião espírita (ouvi-la é voltar no tempo de uma forma calma e emocionante, tendo em vista que a antiga diretora conta sua história de uma maneira envolvente).

Filha do sr. Wladislau Garcia Gomes (o meu espanto foi total, uma vez que desconhecia este fato), patrono da Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes, também foi ex-prefeito de Paranaíba, em duas oportunidades e dá nome a uma importante rua do centro da cidade (local do atual prédio do Banco do Brasil). A antiga diretora nasceu em 24 de fevereiro de 1950, em um hospital público de Paranaíba, contou que seu parto foi difícil e a mãe teve problemas com a eclampsia, ficando sem poder amamentar e, por tal fato, a sra. Lázara Pinhé foi sua ama de leite, pela qual tem muita consideração.

Figura 16 – A professora Lídia, atualmente



Fonte: Acervo pessoal da colaboradora (s. d.).

Seu relato, feito pelo aplicativo de mensagens, é instigante, dando vontade de saber cada vez mais as peripécias da professora em sua infância e juventude, e parece que ao lê-las retrocedo ao tempo, como se estivesse presente, tal qual uma espectadora invisível. Como não é possível, fecho os olhos e imagino essa personagem impecável narrar suas memoráveis aventuras. Durante a nossa conversa (presencial), a colaboradora concordou em participar da pesquisa e forneceu o número de seu telefone celular, para que nos comunicássemos. Assim, enviei o questionário a ser respondido e caso precisasse de mais informações, inclusive, comentou sobre as outras diretoras e suas possíveis localizações (uma contribuição generosa). Relatou que foi gestora da Escola Wladislau durante o anos de 1976 a 1978 e informou que naquele período trabalhou de forma a contribuir para o sucesso da escola, melhorar o ensino, e

[...] que [...] nos contratamos, fizemos questão de contratar as pessoas que tinham preparo para fazer uma melhoria no ensino. Eu lutei muito pra que tivesse no Wladislau um ensino bom, melhorou muito a biblioteca, tudo que foi possível fazer nesse período em que fui diretora, eu fiz. Fazer assim assim essa melhoria muito grande [...] (SOUZA, 2021; entrevista).

A sra. Lídia respondeu pelo aplicativo de mensagens o questionário, de acordo com seu tempo, e assim enviava o que digitou. Sugeri à antiga professora que gravasse áudio, se quisesse, entretanto, a diretora preferiu digitar da forma tradicional. Dessa forma, concordei e agradei sua participação. Nossos diálogos no aplicativo de mensagens iniciaram-se em 04 de junho de 2021 e se estenderam por meses, que em nenhum momento nesse período utilizou-se da função do áudio, fato que acedi por ser tratar de uma pessoa idosa, avessa à tecnologia. Em 20 de setembro de 2021, comentou pelo aplicativo de mensagens que não conseguiu responder nos meses de agosto e setembro, tendo em vista o período de seca e ocupando-se de sua fazenda,

cozinhando para os filhos, e por isso a demora em responder; disse-lhe que ficasse tranquila, que a aguardaria. Relatou que é pedagoga, e também cursou Letras³³.

Figura 17 – Os pais da professora Lídia, em São Paulo



Fonte: Acervo pessoal da colaboradora (s. d.).

A antiga diretora encaminhou a última questão respondida do questionário e avisou que a partir do dia 23 de novembro vencia a quarentena de sua terceira dose da vacina contra a Covid-19. Tal fato me fez suspirar de alívio e afastar a preocupação do meu semblante, tendo em vista que o prazo para minha qualificação no Mestrado se aproximava e o fato de não poder gravar uma entrevista com a antiga diretora seria um duro revez em minhas expectativas, pois a sra. Lídia é uma fonte riquíssima e inesgotável de histórias, “causos”, experiências, uma verdadeira “máquina do tempo”, viajando para relembrar o passado dessa mulher, uma dama, na acepção da palavra.

4.5 Maria Ivete da Cruz Bruno (Educandário Santa Clara)

Seguindo indicação do meu orientador do mestrado, o qual sugeriu conversa com a professora Maria Ivete da Cruz Bruno, uma vez que ela foi diretora escolar na década de 1970. É uma personalidade muito conhecida em Paranaíba, por ser proprietária de uma escola

³³ Letras- Desde o primeiro estabelecimento escolar fundado pelos jesuítas, em 1549, na cidade de Salvador, o ensino sofreu a monopolização da Igreja católica, e por isso e pelo domínio dele, o curso de Letras era hegemônico, e era considerado como uma disciplina básica, a qual correspondia ao ensino fundamental II e ao ensino médio de hoje. Após a Reforma Pombalina³³, ocorrida em 1759, longe das instituições religiosas, o curso de Letras ocupava as chamadas aulas régias³³, cuja instalação se deu em 1782, no Rio de Janeiro, destinada a professores que ensinavam nas residências, com rendimentos apenas simbólicos. Inicialmente o curso de Letras não foi contemplado como Curso Superior, o que só veio anos mais tarde, em 1883, no Colégio Dom Pedro II houve a proposição de transformar o curso de Letras em Superior, o que só efetivamente ocorreu no ano de 1933 (SOUZA, 2016).

particular na cidade. Fui à escola, em 10 de setembro de 2021 e conversei com a professora Maria Ivete, mais conhecida como Ivete Bruno, a qual me recebeu cordialmente. Maria *Ivete* da Cruz *Bruno* é uma mulher de 66 anos, nascida em 27 de fevereiro de 1955, natural de Jales, SP, casada, de estatura mediana, cabelos curtos, sempre no mesmo estilo: com reflexos ou luzes (jamais a vi com cabelos escuros), usando acessórios (brincos), portando máscara facial de proteção, bem arrumada e vaidosa, com uma fala firme e que demonstra ser alguém de comando.

Figura 18 – A professora Ivete Bruno



Fonte: Acervo pessoal da colaboradora (s/d)

Aproveitando a oportunidade, indaguei qual a época que a sra. Ivete trabalhou na direção do Educandário Santa Clara, e contou que foi na década de 70, só que não tinha certeza das datas. A diretora Ivete pediu que no *e-mail* descrevesse o que eu precisava saber e inclusive verificaria a questão das datas corretas. A entrevista ocorreu em 23 de agosto de 2022, no escritório de seu uso da Escola Caminho, em Paranaíba, após 11 meses de diálogo.

Figura 19 – A professora Ivete Bruno



Fonte: Acervo pessoal da colaboradora (s. d.).

4.6 Prática Pedagógica

A Prática Pedagógica consiste em um conjunto de elementos, dentre eles, o aluno, o professor, concepções de escola e educação, a metodologia a ser utilizada na sala de aula, as avaliações, ou seja, uma multiplicidade que norteia a sala de aula, ajustando-se de acordo com

os reflexos da sociedade, culminando em uma prática social, aliando-se a uma gestão escolar que seja participativa e observe que a Prática Pedagógica não é algo imutável, pois necessita de apportes e sofre influência do meio social. Evidentemente a sala de aula é o foco de toda prática, seja a pedagógica, seja a social e é necessário que os envolvidos (professores, alunos e toda a conjuntura) possam ser agentes reflexivos na construção do conhecimento e da consequente aprendizagem.

No campo das múltiplas dimensões da prática pedagógica (professor, aluno, metodologia, avaliação relação, professor e alunos, concepção de educação e de escola), as características conjunturais e estruturais da sociedade são fundamentais para o entendimento da escola e da ação do professor. Na esfera do cotidiano escolar e processos participativos são elementos fundantes para repensar a prática pedagógica (SOUZA, 2005, p. 3).

Na época do recorte dessa pesquisa ainda não havia a nomenclatura “Gestão Pedagógica”, e sim “Direção Pedagógica”. A mudança para “Gestão” só ocorreu na redemocratização³⁴. A nova denominação, Gestão Escolar, foi instituída pela LDB 9.394/ 1996, considerada como um pilar de grande relevância, com o objetivo de priorizar o PPP. Caberia à antiga direção escolar, motivar os professores e primar pelo desenvolvimento de formações deles. Outra função pertinente era a de elaborar o calendário escolar, juntamente com a assimilação da aprendizagem pelos discentes, observando continuamente seu desempenho (FERREIRA, 2022).

4.7 Trajetórias profissionais

- Alcione Oliveira Leal Rodrigues

A professora aposentada Alcione relatou que iniciou sua trajetória profissional na Escola Major Francisco Faustino Dias³⁵, em Paranaíba, passando pela Escola Estadual José Garcia Leal e pelo Educandário Santa Clara (atual Preve Objetivo). Como havia um “convênio” com o governo estadual, a antiga diretora foi efetivada na rede como professora, sem o trâmite de um concurso público. Exerceu o cargo de docente também na Escola Antônio Garcia de Freitas (desativada pelo governo), retornou ao Educandário Santa Clara, permanecendo por 10 anos.

³⁴ A redemocratização refere-se ao período pós-ditaduras militares, com o advento do Decreto nº 5.868, de 17 de abril de 1991, pelo qual os diretores e vice-diretores seriam escolhidos mediante Eleição, com a participação de professores e comunidade escolar. A íntegra do Decreto encontra-se no Capítulo 3 deste trabalho.

³⁵ A Escola Major Francisco Faustino Dias pertence à Rede Municipal de Paranaíba.

Foi professora na Escola Estadual Aracilda e indicada como diretora, cargo que ocupou por 2 anos. “Na época, quando eu tinha as duas quartas séries, quarta série, a direção da escola Aracilda me convidou para assumir as aulas de Metodologia do, do Magistério, então eu saí do ensino primário, na época...se chamava primário e já fui direto trabalhar com as metodologias[...]”. A sra. Alcione relatou como chegou à direção da Escola Estadual Aracilda.

- Cleusa Maria Molinari da Costa

A ex-diretora Cleusa iniciou a vida profissional na cidade de São Paulo, durante 03 (três) anos, no Projeto de “Alfabetização Paulo Freire”. Segundo a antiga diretora “Uma experiência incrível e diferenciada que atendia adultos de 30 a 75 anos de idade”. Trabalhou na Editora Abril, como cartógrafa. Na Escola Aracilda lecionou no 2.º grau, atual Ensino Médio, em cinco disciplinas, até ser convidada para ser diretora na Escola José Garcia Leal. Depois mudou-se para São Gotardo, MG, continuando na educação, como coordenadora pedagógica até aposentar-se em 2010.

- Laura Maria Rodrigues Salgueiro

A professora Laura lecionou primeiramente na Escola Estadual Antônio Garcia de Freitas (desativada atualmente), com aulas de Inglês, Horticultura, posteriormente nas disciplinas de Ciências e Matemática. Ao iniciar na escola, logo foi indicada para ser diretora-adjunta na Escola Estadual Manoel Garcia, no ano de 2000, e substituiu o diretor devido a seu falecimento, tornando-se a diretora da escola, por escolha do colegiado da instituição.

- Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza

A antiga professora foi contratada como professora na Escola Wladislau, lecionando 10 (dez) aulas, em 1974, e no ano posterior, em 1975, o então diretor da escola a convidou para ser a nova gestora da instituição, o que realmente ocorreu.

- Maria Ivete da Cruz Bruno

A vida profissional da professora Ivete foi iniciada em São José dos Quatro Marcos, MT, durante três anos como professora e após mudança para Paranaíba, lecionando as disciplinas de Matemática e Ciências, em escolas estaduais. Convidada para ser docente no Educandário Santa Clara, pelas Irmãs Agostinianas, no fim da década de 1970, pelo período de 03 (três) anos, assumiu a direção do colégio durante 9 anos, e foi para Chapadão do Céu, GO,

trabalhar como diretora de uma escola particular. Anos depois abriu uma escola particular em Paranaíba.

4.8 Tempos de aposentadoria

- **Alcione Oliveira Leal Rodrigues:** “A primeira coisa que eu fiz foi assumir a cozinhar dentro da minha casa: ‘minhas panelas ninguém mais põe a mão’, é tão ruim quando você chega para almoçar, saía 11:40, chegava, almoçava e retornava às 13:00, naquela correria, punha o almoço na mesa, a comida não está te agradando. Sempre gostei muito de cozinhar, de fazer torta, doce, sempre gostei, mesmo quando estava dando aula. Ia para a fazenda, matava porco, sempre gostei, essas coisas rústicas, o queijo, o requeijão, sempre gostei, fim de semana gostava de fazer essas coisas, e aí comecei a fazer doces, doce de leite. Comecei a pensar antes de aposentar, pensando em aposentar [...]”.

- **Cleusa Maria Molinari da Costa:** “Em 2010 resolvi deixar pro passado a educação, e fui pra Saúde! Iniciei um trabalho de visita a pacientes com câncer em nossa cidade, que evoluiu para uma diretoria e criação de uma Associação de Ação Humanitária de São Gotardo, onde sou presidente, encaminhando e agendando pacientes da cidade e região para Barretos. Coordenadora do Hospital de Amor de Barretos. Sou feliz demais com meu trabalho atual onde oriento, encaminho e agendo para o Hospital Referência na América Latina, que atende com enorme afeto e amor, medicina de excelência e aparelhamento de ponta com os melhores médicos”.

- **Laura Maria Rodrigues Salgueiro:** “[...] ainda não me aposentei em um cargo. No momento estou afastada em razão da idade, pela pandemia”.

- **Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza:** “Olha, após a aposentadoria, [...] eu sou uma pessoa...[...] que não me prendo as coisas do passado, embora possa falar com eles com saudade, que dá muita saudade, foi um tempo enriquecedor, que eu falei no jornal, que eu escrevia, fazia crítica, colocava a cara a tapa”.

- **Maria Ivete da Cruz Bruno:** “Eu penso. Já pensei. Aliás, já me perguntaram, me perguntam sempre sobre isso: ‘Por que você não para!’. ‘[...] Por que vocês querem que eu pare? Vocês não acham que aquilo é minha felicidade?’ Aquilo é o jeito de eu ser feliz. O que me motiva.

Por que eu vou deixar de trabalhar, pra quê? Ficar em casa fazendo o quê? Eu não vou lavar, passar, cozinhar, fazer isso. Eu faço isso esporadicamente. Quando precisa, mas não quero isso. E agora que... vocês já observaram também, que eu sei tanta coisa, que eu vou parar, agora eu estou ali pra ajudar, com a minha experiência...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento final, vem à tona todo o trabalho elencado e construído na portentosa e sempre imprescindível História Oral, desde a sugestão do tema – diretoras aposentadas – até a culminância dessa dissertação. Ouvir as antigas diretoras e suas histórias, contando suas trajetórias, contribui especialmente nesse resgate das memórias de mulheres empoderadas e fortes, apresentando nos contextos regional e local suas experiências únicas de vida. A melhor palavra para nomear a busca por essas mulheres, foi instigante: desde ouvir os relatos, em meio a uma pandemia, cercada de terror e medo do contágio, com a frustrante negativa de participação de outras antigas diretoras, e até a autorização para a gravação das conversas, tendo em vista que toda e qualquer história seria fundamental para a construção da escrita da história das mulheres – evidenciando-se que no Estado de Mato Grosso do Sul não existiam trabalhos que englobassem tal tema na época da escrita deste trabalho.

O resgate das memórias de velhas professoras, no qual a dissertação focou, principalmente nas falas das colaboradoras da pesquisa, indicadas para seus cargos politicamente, seja por seus pares, gestores anteriores, ou que possuíam parentesco ou amizade. Isto posto, todas foram nomeadas em virtude de um apadrinhamento político – muito usual na década de 1970 e anos posteriores, parte do recorte temporal desse trabalho –, época na qual o favorecimento e troca de favores vigorava, sem eleições diretas para a direção escolar, o que só ocorreu apenas no período de redemocratização.

Constatamos por meio do trabalho, que a alternância na direção escolar no Mato Grosso do Sul era previamente decidida por quem estava no poder – principalmente por governantes aparentados, amigos ou mesmo apadrinhamentos - como no caso de diretores e investigamos os cenários estadual e municipal no período temporal proposto, verificando o nascimento de um novo Estado, Mato Grosso do Sul, justamente no ápice da ditadura. As ex-diretoras, personagens da pesquisa foram devidamente contatadas e qualificadas, destarte evidenciamos as ações pedagógica, administrativa e política, constantes no texto.

É inegável a força das mulheres, como diretoras, pois é importante apresentar uma narrativa do gênero feminino, com seus relatos de vida e profissionais no período em que exerceram sua função, reavendo suas práticas docentes ao longo da jornada profissional e ingressos na carreira, e mais especial ainda: são protagonistas de suas próprias histórias.

Por conseguinte, percebemos que a partir das falas das mulheres, objetos desta dissertação, nomeadas para a direção de escolas, concederam as entrevistas que são fontes prestimosas para a História Oral, pois contribuem para a melhor compreensão de situação

dantes relegadas apenas às lembranças de velhas senhoras, desnudadas para maior visibilidade das antigas diretoras, mulheres e pioneiras na educação, proporcionando a oportunidade de serem reconhecidas pelo trabalho.

Enfim, verificamos que as antigas diretoras, por meio de suas falas, passaram por várias situações, tanto na vida pessoal como profissional, que foram significantes para a construção de suas identidades- nesse interim algumas ex-gestoras- mesmo que não tivessem optado pela carreira de docente, apaixonaram-se pela profissão, inclusive relataram que na época que concluíram o ensino fundamental, a falta de outros cursos superiores em Paranaíba-MS para o ingresso foi fator decisivo para optarem pelo magistério.

Outro ponto interessante no contexto temporal da pesquisa: não havia verbas federais para as escolas e as diretoras buscavam soluções “caseiras” para dirimir as despesas das instituições. Convém abordarmos o quão relevante a pesquisa, retroceder no tempo e na história, e apresentarmos, a partir das memórias das diretoras, a emoção das mulheres, o envolvimento com todas as questões da direção escolar e, ao seguir os *vestígios*, conforme o autor italiano Carlo Ginzburg (Paradigma Indiciário), observarmos que era uma época de opressão política, de mandos e desmandos. Nesse sentido as memórias captadas por meio da História Oral, destinando-se a um público diverso e que, geralmente, desconhece a obscuridade da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), permitem conhecer passagens vividas por mulheres fortes e empoderadas.

REFERÊNCIAS

ARZABE, A. C. G. T. *Memórias de Professores: um estado sobre a implementação de um Curso de Psicologia em São Paulo na década de 70*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BELLO, M. C. *Professoras e professores em greve? Memórias do congresso do magistério público do Paraná (1968)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BOSI, E. *Memórias e sociedade – lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Lei Complementar n. 31 de 11 de outubro de 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/> Acesso em: 14 maio 2021.

_____. Decreto n. 1 de 01 de janeiro de 1979. Estabelece a organização básica do Estado de Mato Grosso do Sul e dá outras providências.

_____. Decreto n. 102 de 06 de junho e 1979^a. Dispõe sobre o plano de carreiras do magistério e dá outras providências.

_____. Lei Complementar n. 4 de 12 de janeiro de 1981. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Estadual de Mato Grosso do Sul e dá outras providências. Disponível em: <<http://aacpdappls.net.ms.gov.br/appls/legislacao/secoge/govato.nsf>>. Acesso em: 14 maio 2021.

_____. Decreto n.º 5.868, de 17 de abril de 1991. Dispõe sobre a estrutura básica das unidades escolares da rede estadual de ensino e dá outras providências. Campo Grande.

_____. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Senado, 1996.

_____. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação. Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (2003-2013). Campo Grande, MS, 2003.

CAMPOS, M. I. *Memórias de infância de professoras da educação infantil: gênero e sexualidade*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010.

- CANTALICE, M. B. de N. *Memórias de professoras: identidade e autorias na formação docente*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- CORREA, D. I. T. *Em algum lugar do passado...* Investigando as relações que professoras alfabetizadoras estabelecem com a leitura a partir de suas memórias. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
- CURY, M. C. *Memórias de leitura de professoras primárias no Estado de São Paulo: uma história de leitura contada por professoras*. 2001. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- DAVIS, N. Z. *Nas Margens*. Três mulheres do século XVII. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Culturas do povo*. Sociedade e Cultura no início da França Moderna. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Paz e Terra, 1975.
- DE PIERI, F. *Memórias de professoras transexuais no leste de Mato Grosso do Sul*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2017.
- DORS, M. *Repositório de memórias: o arquivo de Nicolau Araújo Vergueiro (1882-1956)*. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rios dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- DUTRA, P. S. *Memórias de professoras negras no Guaporé: do silêncio a palavra*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2010.
- FERNANDES, M. D. E. F. Eleição de diretores escolares e exame de certificação: continuidade e rupturas na política educacional (1991 a 2008). *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Tubarão, v. 6, n. 10, p. 479-496, jul./ dez. 2002.
- FRAZÃO, M. das D. C. *Memórias de diretoras: práticas administrativas no cotidiano dos Grupos Escolares do Maranhão (1960-1970)*. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rios dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- FREITAG, V. *Tecendo os fios das memórias de infância no processo criativo docente: um estudo com professoras de Artes Visuais da Casa de Cultura de Santa Maria*, 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*: 2. ed. São Paulo, 2007.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOMES, L. K. de S. G. *Memórias de professoras alfabetizadoras do Mobral em Fortaleza*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 2. ed. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HOMRICH, M. T. *Infância e memórias de professoras de Educação Infantil*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Stória e Memória. ed. São Paulo: Unicamp, 1990.

LIBLIK, C. S. da F. K. A entrevista na História Oral: notas sobre intersubjetividade e relação historiador-depoente. *História Oral*, v. 24, n. 10, p. 273-291, jul./ dez. 2021.

LIMA, J. M. A. L. *Ingeburg Hassenack: memórias de uma educadora musical*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

LUCA, T. R. de. *Práticas de pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2020.

MARIANO, M. J. *A história da educação de Valença – segunda metade do século XX: memória de professoras negras*. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

MATO GROSSO DO SUL. Decreto n.º 102. Campo Grande, 1979.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, L. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIRA, R. de F. *Memórias e histórias de ex-professoras do grupo escolar Antonio Padilha (1952-1990)*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2012.

MELO, J. C. O. de. *Lembranças de mulheres professoras*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

MERCADANTE, M. *Memórias de velhas professoras: a natureza e a relação sociedade-natureza*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2009.

MORAIS, G. M. de. *Memórias de professoras primárias no Seridó. Uma viagem pelo século XX*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES; BARBOZA, C. M. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação por escrito*. v.5, n. 2, p. 154-164, jul./ dez. 2014.

MULLER, T. M. P. As pesquisas sobre o “estado do conhecimento” em relações étnico-raciais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, n. 62, p. 164-183, dez. 2015.

- NEVES, M. do N. *Negras Marias: memórias e identidades de professoras de História*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- NORA, P. Entre memória e história. São Paulo: *Proj. História*, 1993.
- PAES, A. B. *A eleição de diretor escolar e as mudanças na vida da escola*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2000.
- PARO, V. H. Eleição de Diretores de Escolas Públicas: Avanços e Limites da Prática. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 77, n. 186, p. 376-395, maio/ ago. 1996.
- PEDRO, J. M. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. Ponto de Vista. *Revista Estudos Feministas*. Brasília, v. 77, 11(2), dez. 2003.
- PEIXOTO, S. M. de A. *Histórias, estórias e memórias: professoras de Educação Infantil*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*. p. 9-28, 1995.
- _____. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 18, p. 9-18, 1989.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, p. 200-212, 1988.
- PRIORE, M. D. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 1990. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1990.
- REIS, I. C. R. *Recordar é preci[o]so: memórias da cultura afro-brasileira no Proesp/ Letras no polo de Alagoinhas-BA*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade do estado da Bahia, Alagoinhas, 2015.
- SAMPAIO, S. M. G. *Uma escola (in)visível: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do século XX*. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.
- SANTOS, Z. do C. W. N. dos. *Trajetórias docentes na cidade de Camboriú-SC nas décadas de 1940, 1950 e 1960: memórias de professoras da infância*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2010.
- SANTOS JUNIOR, A. L. *Mulheres professoras: memórias da organização docente*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SILVA, B. G. da. *Memórias de professoras surdas: o que não sinalizam as professoras sobre sua formação?* 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SOUSA, C. C. de. *Inventário memóriográfico das experiências de diretoras da rede estadual de ensino público.* 2009. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

SOUZA, M. Prática Pedagógica: Conceito, Características e Inquietações. In: Encontro ibero-americano de coletivos escolares e redes de professores que fazem investigação na sua escola, IV, *Anais...* Curitiba, 2005.

SOUZA, R. A. Os cursos de Letras no Brasil: passado, presente e perspectivas. *Opiniões.* São Paulo, p. 13-26, jan./jun. 2014.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. *História Oral.* Trad. Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira.

VELÁSQUEZ, C. D. C. *Memórias de professoras rurais: um tempo... um vento... sentidos e significados de vivências.* 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

VILANOVA, F. G. *Memórias de professoras piauienses: itinerários escolares e experiências docentes (1940-1970).* 2014. Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

WOLF, I.; DAVIS, N. Z. Decentering History: Local Stories and Cultural Crossings in a Global World. *History and Theory*, v. 50, mai. 2011, pp. 188-202. *Revista Historiador*, n. 13, p. 168-176, dez. 2020.

Sites Pesquisados

<https://catalogodeteses.capes.gov.br>
<http://www.bdtd.ibict.br>
<https://search.scielo.org/>
<https://explore.zoom.us/>
<http://www.paranaiba.ms.gov.br>
www.campograndenews.com.br
<https://www.cmparanaiba.ms.gov.br/>
<https://www.memoriasdeparanaiba.com.br/>
<https://www.rcn67.com.br/culturafm/paranaiba/sed-anuncia-fechamento-da-escola-gustavo-no-segundo-semester/127353/>
<https://www.camara.leg.br/deputados/178902/biografia>
<https://www.sed.ms.gov.br/>
<https://www.al.ms.gov.br/>
<https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm>
<https://www.ceagesp.org/ceasa-sp/>
<https://www.camara.leg.br/>
<https://www.dicionarioinformal.com.br/>
<https://www.geni.com>
<https://eusougarcialeal.wordpress.com/>
<https://www.cre10paranaiba.sed.ms.gov.br/>
<http://www.fgv.br>
<http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/66-filme/191-mobral.html>
<https://saude.abril.com.br/medicina/doenca-de-parkinson-o-que-e-e-quais-seus-tratamentos-e-sintomas/>
<http://portal.mec.gov.br>
<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/magisterio>
<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/114864>
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/reformas-pombalinas.htm>
<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/260-aulas-regias>
<https://petpedagogia.ufba.br/curso-de-pedagogia-no-brasil-trajetoria-saberes-e-profissionalizacao#:~:text=O%20curso%20de%20Pedagogia%2C%20propriamente,Escola%20Normal%20no%20Per%C3%ADodo%20Regencial.>

FONTES

COLABORADORAS (DIRETORAS)

Prof.^a Alcione Oliveira Leal Rodrigues

Prof.^a Cleusa Maria Molinari da Costa

Prof.^a Laura Maria Rodrigues Salgueiro

Prof.^a Dra. Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza

Prof.^a Maria Ivete da Cruz Bruno

ARQUIVOS/INDIVÍDUOS CONSULTADOS

Arquivo Histórico Guilherme Hans- Paranaíba-MS

Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul

Museu Municipal Dico Quirino de Paranaíba-MS

Coordenadoria Regional de Educação CRE-10 - Paranaíba

COGES/SED (Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul)

Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa (Arquivos e documentos)

Escola Estadual Dr. Ermírio Leal Garcia

Escola Estadual José Garcia Leal

Escola Estadual Manoel Garcia Leal

Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes

Jornal Correio do Estado

Jornal Folha de Paranaíba

Jornal Tribuna Livre

Prof. Me. Carlos Roberto Waidemam

Prof. Dr. Fernando Luis Oliveira Athayde Paes

Sr. José Álvaro Agi

José Álvaro Agi Filho

Sra. Eurídice Oliveira de Paula
Sr. João Alves Bardelin
Prof.^a Dra. Tânia Regina Zimmermann
Professora Adriana Santana Ferreira
Professora Alice Cristina Ramos Mendes
Professora Me. Daniela Ferreira dos Santos
Professora Ellen Cristina da Silva Souza
Professora Elenita Santos
Professora Elza Moraes de Brito
Professora Dra. Georgea Suppo Prado Veiga
Professora Ilza Rodrigues
Professora Me. Laurenice Coutinho
Professora Leandra Pereira de Melo Zebian
Professora Dra. Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza
Professora Maria Aparecida Eufrásia da Silva
Professora Márcia Regina Alves Ribeiro
Professora Maria Célia Ribeiro de Souza
Professora Maria Luiza Soncin Pimentel de Oliveira
Professora Marisa Aparecida Ribeiro Dias
Professora Milla Moraes
Professora Rozana Gonçalves Hipólito

DECRETOS, LEIS

Índice cronológico de Leis e Decretos do Estado de Mato Grosso do Sul (1970-1990)

ENTREVISTAS REALIZADAS

Alcione Oliveira Leal Rodrigues. 15 de junho de 2021, Paranaíba-MS. Entrevista concedida a Adriana Ribeiro de Brito e Silva (Áudio telefone celular /arquivo da autora)
Cleusa Maria Molinari da Costa. 05 de novembro de 2021. Entrevista concedida a Adriana Ribeiro de Brito e Silva (aplicativo de vídeo conferências Zoom- arquivo da autora)
Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza. 26 de novembro de 2021, Paranaíba-MS. Entrevista concedida a Adriana Ribeiro de Brito e Silva (Áudio telefone celular /arquivo da autora)

Laura Maria Rodrigues Salgueiro. 1º de fevereiro de 2022, Paranaíba-MS. Entrevista concedida a Adriana Ribeiro de Brito e Silva (Áudio telefone celular /arquivo da autora)

Maria Ivete da Cruz Bruno. 23 de agosto de 2022, Paranaíba-MS. Entrevista concedida a Adriana Ribeiro de Brito e Silva (Áudio telefone celular /arquivo da autora)

QUESTIONÁRIOS (RESPONDIDOS)

Prof.^a Alcione Oliveira Leal Rodrigues

Prof.^a Cleusa Maria Molinari da Costa

Prof.^a Laura Maria Rodrigues Salgueiro

Prof.^a Dra. Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza

Prof.^a Maria Ivete da Cruz Bruno

APÊNDICES

Quadro 1

No IBICT:

Autor(a)	Título da dissertação	Local	Ano
Marilu Mercadante	<i>Memórias de velhas professoras: a natureza e a relação sociedade-natureza</i>	Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus de Rio Claro (SP)	2009

Maria das Dores Cardoso Frazão	<i>Em cena: empoderamento de mulheres diretoras</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Maranhão	2009
Celina Claret de Sousa	<i>Inventário memóriográfico das experiências de diretoras da rede estadual de ensino público</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2009
Reinaldo Inácio de Lima	<i>O diretor escolar e a ideia de democracia: um olhar a partir da formação</i>	Mestrado em Educação, Universidade Metodista de São Paulo	2006
Conceição Aparecida Garcia Brunelli	<i>Gênero, raça, discriminação: o tom da cor na direção da escola pública</i>	Mestrado em Educação, Universidade Metodista de São Paulo	2007
Judite Helena Ramalho Giolito	<i>A mão e o não: compromissos e obstáculos na escola pública em uma comunidade popular</i>	Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais, Fundação Getúlio Vargas	2005
Lucas Henrique Silva Gonçalves	<i>O Instituto Municipal de Comércio de Santos: da fundação ao ginásio secundário (1948-1953)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Católica de Santos	2018
Silvete Aparecida Crippa de Araújo	<i>Professora Julia Wanderley, uma mulher-mito (1874 – 1918)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Católica de Santos	2010
Emily Aline Maiolino	<i>Formação continuada e acolhimento de professores da Educação Infantil a partir de narrativas docentes</i>	Mestrado Profissional, Universidade Estadual de Campinas	2020
Jairo Barbosa Moreira	<i>Mulheres docentes: saberes e fazeres na cidade garimpeira, Cristalândia-TO (1980-2007)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Goiás	2008
Priscila Muniz Coutinho	<i>Um perfil profissional de diretoras escolares: trabalho, gênero e educação em escolas do Ensino Fundamental em Uberlândia</i>	Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	2018
Julia Vieira Tochetto de Oliveira	<i>Determinando preceitos, educando condutas: a higiene prescrita para e pelos grupos escolares e a sociedade catarinense nos anos 1910</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná	2015
Jean Magno Moura de Sá	<i>Gestão na educação profissional e tecnológica: a Escola Agrotécnica Federal de São Luiz entre 2002 e 2006</i>	Mestrado em Educação, Universidade de Brasília	2009
Bruno Tonhetti Galasse	<i>Narrativas de práticas em educação e tecnologia: a trajetória do professor digital</i>	Mestrado em Educação, Universidade Metodista de São Paulo	2016
Gisele dos Santos Oliveira	<i>Manoel Bomfim e a formação de professores: reflexões sobre lições e pedagogia</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2014
Jesualdo da Silva	<i>Gênero e sexualidade no ambiente escolar: concepções das diretoras frente a preconceitos e discriminações com estudantes LGBT</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina	2015
Lúcio José Duarte	<i>A construção da identidade gerencial de professoras no exercício de cargo de direção: um</i>	Mestrado em Administração, Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte	2011

	estudo de caso em uma Instituição Federal de Ensino Superior em Belo Horizonte		
Catia Cristina Xavier Mazon	<i>O mal-estar docente em gestores escolares</i>	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru	2012
Hilma Tereza T. Khoury Carvalho	<i>Professores, trabalho e saúde mental: o primeiro grau menor em escolas públicas</i>	Mestrado em Planejamento, Universidade Federal do Pará, Belém	1994
Aleida Cardoso Correa	<i>Trajatórias de diretoras negras na educação básica de Tubarão/SC: barreiras raciais e ascensão social'</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina	2020
Roseméry Celeste Petter	<i>A gerência de qualidade total na educação pública na compreensão de diretores e professores da rede municipal de ensino de Cuiabá-MT</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá	2000
Marileuza Rosa de Souza	<i>Memória, desafios e trajetórias de professoras que exerceram cargos eletivos em Dom Aquino</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá	2019
Marcella Paluan	<i>Gestão na Educação Infantil: um estudo em duas creches do interior paulista</i>	Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto	2016
Benedito Jose de Queiroz	<i>Gestão democrática escolar: uma imersão nos contextos cotidianos</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró	2016
Maria Aparecida de Souza Vangiler	<i>O professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a organização do tempo escolar: pressupostos, crenças e práticas Rio Branco – AC</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Acre, Rio Branco	2017
Gilmar Pereira Costa	<i>O Projeto Professor Diretor de Turma e a gestão pedagógica das escolas estaduais de educação profissional do sertão dos Inhamuns</i>	Mestrado Profissional, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza	2019
Janaína Machado Asseburg Lima	<i>Ingeburg Hassenack: memórias de uma educadora musical</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria	2008

No Quadro 1 (acima) podemos observar que estão elencadas as publicações de Mestrado que foram encontradas na ocasião de minha pesquisa de Mestrado, na plataforma do IBICT.

O próximo quadro, nº 2, refere-se às publicações existentes na área do Doutorado de trabalhos com memórias de diretoras escolares, que se assemelham ao tema pesquisado.

Quadro 2

Ainda no IBICT, no doutorado:

Autor(a)	Título da tese	Local	Ano
----------	----------------	-------	-----

Talita Dias Miranda e Silva	<i>De pajens a professoras de Educação Infantil: representações acerca da carreira e das condições de trabalho no município de São Paulo (1980-2015)</i>	Universidade de São Paulo (USP)	2017
Walkiria de Oliveira Rigolon	<i>O que muda, quando tudo muda?: uma análise do trabalho docente dos professores alfabetizadores do Estado de São Paulo</i>	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	2013
Maria das Dores Cardoso Frazão	<i>Memórias de diretoras: práticas administrativas no cotidiano dos Grupos Escolares do Maranhão (1960-1970)</i>	Doutorado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo	2018

No Quadro 2 (acima) constatamos que estão listadas as publicações de Doutorado que foram encontradas no momento de verificação dos trabalhos existentes de minha pesquisa de Mestrado, também na plataforma do IBICT.

No próximo quadro, nº 3, verifica-se o que foi encontrado no Banco de teses da CAPES, em relação ao meu tema de pesquisa.

Quadro 3

No Banco de Teses da Capes³⁶ foram encontradas diversas pesquisas:

Autor(a)	Título da dissertação	Local	Ano
Marcele Teixeira Homrich	<i>Infância e memórias de professoras de educação infantil</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2009
Jeane Carla Oliveira de Melo	<i>Lembranças de mulheres professoras</i>	Mestrado em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão	2012
Marina do Nascimento Neves Felizardo	<i>Negras Marias: memórias e identidades de professoras de História</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora	2009
Maria Betânia de Nascimento Cantalice	<i>Memórias de professoras: identidade e autorias na formação docente</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal da Paraíba	2009
Miria Izabel Campos	<i>Memórias de infância de professoras da educação infantil: gênero e sexualidade</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados	2010
Cinara Dalla Costa Velásquez	<i>Memórias de professoras rurais: um tempo... um vento... sentidos e significados de vivências</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria	2010
Regina de Fátima Meira	<i>Memórias e histórias de ex-professoras do grupo escolar Antonio Padilha (1952-1990)</i>	Mestrado em Educação, Universidade de Sorocaba	2012
Vanessa Freitag	<i>Tecendo os fios da memórias de infância no processo criativo docente: um estudo com professoras de Artes Visuais da Casa de Cultura de Santa Maria</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria	2008
Paulo Sergio Dutra	<i>Memórias de professoras negras no Guaporé: do silêncio a palavra</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá	2010
Bianca Gonçalves da Silva	<i>Memórias de professoras surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas	2012
Fabiana De Pieri	<i>Memórias de professoras transexuais no leste de Mato Grosso do Sul</i>	Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	2017

³⁶ CAPES– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nubia Lino de Oliveira	<i>História das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (1946-1956)</i>	Mestrado em Enfermagem e Saúde, Universidade Federal da Bahia	2016
Celina Clareta de Souza	<i>Inventário memóriográfico das experiências de diretoras da rede estadual de ensino público circunscrita à Superintendência Regional de Ensino de Itajubá (Minas Gerais) – 1960-1980</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2009
Surlei Ronconi	<i>Democracia e participação no sistema educacional paulista: do discurso à prática – Penápolis, um estudo sobre o processo de reorganização das diretoras de ensino</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de São Carlos	2008
Maria Lucia de Oliveira Feliciano de Lima	<i>Empreendedores de políticas públicas na implementação de programas governamentais: estudo de caso com diretoras de escolas no Distrito Federal</i>	Mestrado em Administração, Universidade de Brasília	2011
Erika Pastorelli Pocker	<i>O diretor de escola e o enfrentamento de conflitos: necessidades formativas</i>	Mestrado Profissional em Educação, Universidade de Taubaté	2017
Helena Cardoso Ribeiro	<i>Diretor de escola: novos desafios, novas funções?</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora	2012
Mariza Aparecida Santos da Silva	<i>As atividades do diretor escolar: a experiência de profissionais de um sistema em cadeia criativa</i>	Mestrado Profissional em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2016
Glauca Melasso Garcia de Carvalho	<i>A direção escolar na constituição da subjetividade social favorecedora da inovação</i>	Doutorado em Educação, Universidade de Brasília	2018
Andreia Cristina Nagata	<i>(Re) visitando o papel do gestor escolar de escolas do Ensino Médio: o sujeito em tempos de incertezas</i>	Mestrado em Educação, Universidade Cidade de São Paulo	2015
Tathiana Gouvêa da Silva	<i>Diretor em ação: entre a burocracia e o cotidiano da escola</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2010
Cátia Cristina Xavier Mazon	<i>O mal-estar docente em gestores escolares</i>	Mestrado em Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru	2012
Helena Claudia Soares Achilles	<i>Gestão democrática: um estudo a partir das representações sociais das</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2011

	diretoras das escolas públicas municipais de São Leopoldo-RS		
Ivana Gonçalves de Oliveira	<i>Gestão escolar e gênero: análise do trabalho de diretoras(es) no contexto das reformas educativas</i>	Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo	2019
Christiane Oliveira Teixeira de Barros	<i>O papel do diretor escolar na formação em serviço: um estudo da proposta de formação da Secretaria de Educação de São Bernardo do Campo</i>	Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo	2004
Eunice Maria Ferreira Silva	<i>Concepções e práticas de gestão em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro	2005
Maraisa Silva Mascarenhas	<i>Gestão da Educação Infantil: o olhar das diretoras sobre instituições públicas no município de Vitória da Conquista – BA</i>	Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista	2015
Maria Claudia Lemos Morais Nascimento	<i>As diretoras do Instituto de Educação Presidente Kennedy (Rio Grande Do Norte, 1965 – 1975)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2017
Francisco Gomes Vilanova	<i>Memórias de professoras piauienses: itinerários escolares e experiências docentes (1940-1970)</i>	Mestrado em Educação, Fundação Universidade Federal do Piauí	2014
Ana Luiza Jardim Frangelo	<i>As concepções de diretoras e pedagogas sobre a formação em serviço das DIs</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1999
Renata Boiatti Miglioranca Galisteu	<i>Gestão na Educação Infantil: fazeres e saberes de diretoras de pré-escola</i>	Mestrado em Ensino e Processos Formativos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto	2019
Wilson Alfredo Meneghel	<i>As eleições dos diretores das escolas públicas no Estado de Minas Gerais: o colegiado escolar e a legitimidade dos diretores reeleitos nas escolas públicas de Andradas</i>	Mestrado em Educação, Centro Universitário Salesiano de São Paulo	2008
Karine Jacques Hentges	<i>Homens na Educação Infantil: O que pensam as diretoras sobre isso?</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas	2015
José Ricardo Pegnatti	<i>A trajetória dos mitos e a vida pessoal: depoimentos de professoras aposentadas</i>	Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo	2000
Miriam Tronnolone	<i>A gestão de creche no município de São Paulo: Diretores em contexto</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2003

Aleida Cardoso Correa	<i>Trajetórias de diretoras negras na Educação Básica de Tubarão/SC: barreiras raciais e ascensão social</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina	2020
Sônia Machado de Oliveira	<i>Gestão feminina nas escolas da Sociedade Educação e Caridade</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo	2008
Márcia Maria de Mello	<i>Educação Infantil: aprendizagens de diretoras iniciantes</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de São Carlos	2008
Miriam Mity Nishimoto	<i>Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa</i>	Mestrado em Educação, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande	2011
Ieda Ramona do Amaral	<i>Concepções e práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras aposentadas (1985-2005)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá	2008
Andréia Kunz Morello	<i>Aspectos da história da educação: memória de professoras aposentadas</i>	Mestrado em Educação, Fundação Universidade de Passo Fundo	2007
Marcela Evelyn Serra Silva	<i>Gestão democrática: concepções de diretoras de escolas públicas estaduais do município de Lins-SP</i>	Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília	2013
Edilange Borges de Ouza	<i>Educação na roça: práticas pedagógicas de letramento de professoras aposentadas em classes multisseriadas</i>	Mestrado em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia	2017
Rosana Capputi Borges	<i>Concepções de diretoras de Centros de Educação Infantil paulistanos sobre creche, educação e cuidado de crianças pequenas de até 3 anos</i>	Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2015
Erika Pastorelli Pocker	<i>O diretor de escola e o enfrentamento de conflitos: necessidades formativas</i>	Mestrado Profissional em Educação, Universidade de Taubaté	2017
Elizabete Paulina Gomes	<i>Professoras primárias: a construção profissional de alfabetizadoras negras em Florianópolis (1950-1970)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina	2006
Sonia Maria de Araujo Peixoto	<i>Histórias, estórias e memórias: professoras de Educação Infantil</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Amazonas	2003
Maria das Dores Cardoso Frazão	<i>Em cena: empoderamento de mulheres diretoras</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Maranhão	2009
Vanessa Coelho dos Reis	<i>Muitas histórias para contar: a trajetória profissional das diretoras de</i>	Mestrado em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina	2017

	organizações militares da Marinha do Brasil		
Rosângela de Souza	<i>Constituindo-se diretora: entre histórias, memórias e representações em escolas de Bento Gonçalves/ RS na década de 1960</i>	Mestrado em Educação, Universidade de Caxias do Sul	2020
Valéria Silva de Lima	<i>Programa "Ensino Alternativo" da Secretaria Municipal de Uberlândia: caracterização do funcionamento e concepções das professoras</i>	Mestrado em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto	1999
Katia Maria Ferreira Barreto	<i>Representações da EEFM Monsenhor Catão Porfírio Sampaio em Itapagé-CE: memórias do "grupão" (1936-1978)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza	2008
Geralda Aparecida de Carvalho Pena	<i>A formação continuada de professoras e suas relações com a prática docente</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte	1999
Thaís Marília Coelho Tiba	<i>Loucas, certinhos ou incompetentes: uma etnografia do assédio moral entre professoras e professores do Distrito Federal</i>	Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília	2014
Giancarla Giovanelli de Camargo	<i>Práticas de professoras da Educação Infantil no desenvolvimento curricular em Matemática</i>	Mestrado em Educação, Universidade São Francisco	2014
Edna Aparecida de Oliveira	<i>A formação continuada das professoras da Educação Infantil em Anápolis-GO</i>	Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia	2014
Irani Rodrigues Menezes	<i>A prática pedagógica no processo de alfabetização – um estudo de professoras bem-sucedidas em Feira de Santana Bahia</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1987
Alcides Leão Santos Júnior	<i>Mulheres professoras: memórias da organização docente</i>	Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2006
Daniela Isabel Taipeiro Correa	<i>Em algum lugar do passado... Investigando as relações que professoras alfabetizadoras estabelecem com a leitura a partir de suas memórias</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de São Carlos	2007
Luciana Kellen de Souza Gomes	<i>Memórias de professoras alfabetizadoras do Mobral em Fortaleza</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Ceará	2012

Ana Cristina Gomes Teixeira Arzabe	<i>Memórias de professores: um estudo sobre a implementação de um Curso de Psicologia em São Paulo na década de 70</i>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2000
Iramayre Cassia Ribeiro Reis	<i>Recordar é preci[o]so: memórias da cultura afro-brasileira no Proesp/ Letras no polo de Alagoinhas-BA</i>	Mestrado em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia	2015
Melissa Colbert Bello	<i>Professoras e professores em greve? Memórias do Congresso do Magistério Público do Paraná (1968)</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná	2013
Soraia Souza Cardoso	<i>Representações sociais de professoras tecidas em colcha de retalhos e caderno de memórias</i>	Mestrado Profissional em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2017
Zemilda do Carmo Weber Nascimento dos Santos	<i>Trajetórias docentes na cidade de Camboriú-SC nas décadas de 1940,1950 e 1960: memórias de professoras da infância</i>	Mestrado em Educação, Universidade do Vale do Itajaí	2010
Marileuza Rosa de Souza	<i>Memória, desafios e trajetórias de professoras que exerceram cargos eletivos em Dom Aquino</i>	Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá	2019

No Banco de Teses da CAPES foram encontrados os trabalhos acima elencados, na área do Mestrado, que referem-se ou se aproximam do meu tema de pesquisa.

No Doutorado:

Autor(a)	Título da tese	Local	Ano
Maria Catarina Cury	<i>Memórias de leitura de professoras primárias no Estado de São Paulo: uma história de leitura contada por professoras</i>	Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2001
Maria das Dores Cardoso Frazão	<i>Memórias de diretoras: práticas administrativas no cotidiano dos grupos escolares do Maranhão (1960-1970),</i>	Doutorado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2018
Marcia Maria de Mello	<i>Diretores de escola: o que fazem e como aprendem</i>	Doutorado em Educação, Universidade Federal de São Carlos	2014
Katia Maria Senise Martinho Rabelo	<i>Eu sou a escola: o par dialético diretor e escola na perspectiva da teoria walloniana</i>	Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2019
Maria das Graças Fernandes Amorim dos Reis	<i>A gestão das creches municipais de São Carlos na visão das diretoras:</i>	Doutorado em Educação, Universidade Federal de São Carlos	2007

	da assistência à educação (1999-2004)		
Elaine Prochnow Pires	<i>Memória(s) e História(s): Exames de Admissão ao Ginásio no Alto Vale do Itajaí-Açu (1931 – 1971)</i>	Doutorado em História, Universidade do Estado de Santa Catarina	2020
Helenara Plaszewski Acin	<i>Ações pedagógicas de professoras aposentadas: da prática aos saberes</i>	Doutorado em Educação, Universidade Federal de Pelotas	2014
Isabel Cristina Franca dos Santos Rodrigues	<i>Professoras aposentadas em território rural/ ribeirão: identidades e práticas socioculturais</i>	Doutorado em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém	2013
Ivone Goulart Lopes	<i>O projeto educativo das Salesianas na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/ RJ e a tessitura da identidade da professora católica: 1937-1961</i>	Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2013
Tania Maria Rodrigues Lopes	<i>Uma história de instituições escolares e formação de professoras no Cariri (1923 a 1960): o Colégio Santa Teresa de Jesus e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte em perspectiva histórico-comparada</i>	Doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará	2015
Grinaura Medeiros de Moraes	Memórias de professoras primárias no Seridó” Uma viagem pelo século XX	Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2004
Marines Dors	<i>Repositório de memórias: o arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro (1882-1956)</i>	Doutorado em História, Universidade Vale do Rio dos Sinos	2016
Sonia Maria Gomes Sampaio	<i>Uma escola (in) visível: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do século XX</i>	Doutorado em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara	2010
Maria José Mariano	<i>A história da Educação de Valença – segunda metade do século XX: memória de professoras negras</i>	Universidade do Estado da Bahia- UNEB	2015
Gislene Pires de Camargos Ferreira	<i>Memórias de leitura e de leitores(as) de professores(as) de Literatura da Educação Básica: diálogos entre semiótica e letramento literário</i>	Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins	2019

As pesquisas que foram enumeradas neste apêndice reforçam que encontrei diversos trabalhos que se assemelham ao meu tema de dissertação em diferentes plataformas de pesquisa, e contribuíram especialmente para meu trabalho e na ocasião de elaboração deste texto não foram encontrados trabalhos que envolvessem meu tema no estado de Mato Grosso do Sul, referente às memórias de diretoras, o que proporciona a esta dissertação o ineditismo do tema abordado.

APÊNDICE B

Questionário

- 1) Relate, por gentileza, seu nome completo, data e local de nascimento.
- 2) Pode, por favor, relatar como foi sua infância e adolescência?
- 3) Durante a infância/adolescência já pensava na profissão de professor /diretor(a) ou pretendia outra profissão?
- 4) Por que escolheu a carreira docente?
- 5) Como foi sua escolarização (primária e secundária)?
- 6) Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional.
- 7) Como se deu o ingresso na gestão/direção escolar?
- 8) Quais os desafios e dificuldades que encontrou como diretor(a) de escola?
- 9) Relate sua prática docente, suas concepções, por favor.
- 10) Conte-nos sobre os acontecimentos na escola que mais a impressionaram durante o exercício de sua profissão, enquanto gestor(a):
- 11) Relate suas experiências nos tempos de aposentadoria, por favor.

Questionário

1) Relate, por gentileza, seu nome completo, data e local de nascimento.
Alcione Oliveira Leal Rodrigues

Nasci em Paranaíba-MT, na época era Mato Grosso, no dia 22 de abril de 1959.

2) Pode, por favor, relatar como foi sua infância e adolescência?

Foi aqui mesmo em Paranaíba. A infância foi tranquila, saudável. Na minha adolescência estudei em Colégio Interno, dos 11 aos 14 anos, Colégio Nossa Senhora Aparecida, em Araçatuba-SP, onde concluí a 8.^a série. Fui para São José do Rio Preto fazer o 2.^o grau.

3) Durante a infância/ adolescência já pensava na profissão de professor/diretor(a) ou pretendia outra profissão?

Na verdade na época, a gente tinha que fazer o que era oportuno. Eu vim para Paranaíba, que nós tínhamos para oferecer era o Magistério e na época já havia falta de professores. Ingressei no Magistério e já peguei uma sala de aula na escola Major Faustino, uma escola municipal, e era a única oportunidade que tive.

4) Por que escolheu a carreira docente?

Pela oportunidade que havia na época, para Paranaíba.

5) Como foi sua escolarização (primária e secundária)?

Até a 4.^a série estudei no Educandário Santa Clara, a 5.^a série na Escola Wladislau Garcia Gomes; na minha adolescência estudei em Colégio Interno, dos 11 aos 14

anos, Colégio Nossa Senhora Aparecida, em Araçatuba-SP, onde concluí a 8.^a série. Fui para São José do Rio Preto fazer o 2.^o grau.

6) Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional.

Já comecei o Magistério e fui dar aula. Na escola Major Francisco Faustino, fiquei só o primeiro ano, no segundo ano fui para uma 1.^a série na escola José Garcia e uma 4.^a série no Educandário Santa Clara. Naquela época o Estado (governo) fez convênio com o Educandário Santa Clara e ofereceu. Já entrei, fui para o Estado, nós tínhamos pontos, uma contagem de pontos, você fazia inscrição e o que que eram seus pontos, seus estudos e os cursos que você tinha. E todos que apareceram, a partir do momento que eu entrei na educação, eu fazia, às vezes era regional aqui, então vinha o pessoal de Aparecida, Cassilândia, Inocência, e na época tinha Chapadão, Costa Rica, então todos sempre tinham recursos e eu estava sempre fazendo cursos. Então fazia a inscrição e pela contagem de pontos conseguia ser lotado. Consegui ser lotada na escola José Garcia, com uma 1.^a série, e logo em seguida me convidaram para assumir uma 4.^a série, na escola Educandário Santa Clara, hoje é o Objetivo, então fiquei com duas salas e a partir daí eu sempre trabalhei com duas salas. No outro ano, eu deixei a escola José Garcia e no outro ano eu fiquei com uma 4.^a série, no ano seguinte, no José Garcia, duas 4.as séries. No primeiro ano foi só uma 2.^a (série), no segundo foi um 1.^o e uma 4.^a, no terceiro (ano) foram duas 4.as séries, aí no outro ano eu deixei o José Garcia, e fui para a escola Antônio Garcia de Freitas, numa 2.^a série, então no quarto ano fiquei com uma 4.^a série e com uma 2.^a no Antônio Garcia. No ano seguinte me ofereceram mais uma 4.^a série no Educandário, todas pelo Estado, ali eu fiquei 10 anos com duas 4.as séries, uma de manhã e outra à tarde.

7) Como se deu o ingresso na gestão/ direção escolar?

Na época eu tinha as duas 4.as séries, a direção da escola Aracilda me convidou para assumir as aulas de Metodologia, do Magistério, então eu saí do ensino primário, na época se chamava ensino primário, e já fui direto trabalhar com as metodologias, as 40 horas no Magistério, ali eu fiquei uns 4 anos com as Metodologias, de 4 a 6 anos ou foi mais, e para completar a carga horária, pegava Psicologia, História da Educação, mas o carro-chefe era as Metodologias. Naquela época era nomeação política as direções, e a diretora pediu demissão e disse para eu pegar a direção, pois meu tio é deputado. Na época o Benedito Leal era deputado, irmão da minha mãe, me nomeou. Saiu a nomeação, e eu assumi a direção e fiquei quase 2 anos, e saiu eleição para direção, eu concorri e fiquei 2 anos e depois teve outra eleição e concorreu a Magnólia e eu, e perdi para a Magnólia. Já estava na escola nova, e perdi por 26 votos,

tínhamos mais de 1.200 alunos, era uma escola muito grande. Nós conseguimos que o governo mudasse a escola Aracilda para lá. Ela (escola) cresceu muito. A gente construiu salas, a escola criou uma proporção enorme. No período em que fiquei na direção, foram quase 2 anos, quase não tinha tempo para vir almoçar. Fizemos quase 1.400 matrículas em 1 ano.

8) Quais os desafios e dificuldades que encontrou como diretor(a) de escola?

Lidar principalmente com os pais de alunos, inclui pai e mãe, e também com os profissionais. Muito difícil lidar com os professores, quando você passa por uma escola grande, ali nós tínhamos mais de 100 professores, na época.

9) Relate sua prática docente, suas concepções, por favor.

Eu sempre zelei pela disciplina, o ponto inicial para uma sala de aula, não importa se é pequeno ou adolescente, tem que ter disciplina, respeito. O aluno tem que entender que é aluno, e o professor está um grau acima, com isso ter respeito.

10) Conte-nos sobre as dificuldades durante o exercício de sua profissão, enquanto gestora:

A dificuldade é lidar com o excesso de cobrança, dos pais de alunos, que sempre tentavam jogar a responsabilidade na escola, sendo que a base da educação, é o lar, mas os pais, grande maioria dos pais joga tudo pra cima da escola.

11) Relate suas experiências nos tempos de aposentadoria, por favor.

A primeira coisa que eu fiz foi assumir a cozinhar dentro da minha casa: “minhas panelas ninguém mais põe a mão”, é tão ruim quando você chega para almoçar, saía 11:40, chegava, almoçava e retornava às 13:00, naquela correria, punha o almoço na mesa, a comida não está te agradando. Sempre gostei muito de cozinha, de fazer torta, doce, sempre gostei mesmo quando estava dando aula. Ia para a fazenda, matava porco, sempre gostei, essas coisas rústicas, o queijo, o requeijão, sempre gostei, fim de semana gostava de fazer essas coisas, e aí comecei a fazer doces, doce de leite. Comecei a pensar antes de aposentar, pensando em aposentar. Sempre tive uma pessoa trabalhando e me ajudando e começando a fazer doce de leite de barrinha, feito no tacho com a colher de pau, o caseiro, não é o adoçado, é caseiro. Na época comecei a vender em supermercado, mas tem um desrespeito muito grande com esse tipo de produto.

Questionário

- 1) Relate, por gentileza, seu nome completo, data e local de nascimento.

Nome completo: Cleusa Maria Molinari da Costa

Nascimento: 20/04/1955 em SÃO PAULO – CAPITAL

- 2) Pode, por favor, relatar como foi sua infância e adolescência?

Sou filha única, meus pais se dedicaram inteiramente a mim. Foi um período tranquilo, calmo, simplista tão diverso do que vemos atualmente. Lembranças estupendas, maravilhosas cheia de “cheiros” e momentos felizes com as amiguinhas e primas. E nosso palco era o quintal de casa! Era só alegria brincadeiras comuns: “casinha”, bonecas, ensaios de dança, cirquinho etc. onde criávamos nossos sonhos.

- 3) Durante a infância/adolescência já pensava na profissão de professor /diretor(a) ou pretendia outra profissão?

Não pensava e nem conhecia bem as profissões que existiam, só depois dos 16 anos surgiu interesse em buscar orientação vocacional. Passei por testes vocacionais e o resultado foi Ciências Humanas. Logo, busquei os famosos “Cursinhos”, da época, preparatórios para Faculdade e fui... Recordo que as meninas, de modo geral, só falavam em ser professoras. Nessa época tudo era tão simples, diferente e bastante cobrada... pelos idos de 1960! A escola era rígida e disciplinar, assim como os professores. Segui até terminar o segundo grau como Normalista/ Professora.

4) Por que escolheu a carreira docente?

Prestei o vestibular para Ciências Humanas na Universidade de São Paulo – USP – que me proporcionava a escolha de vários cursos, de acordo com a pontuação, onde escolhi a Geografia e em seguida pós-graduação. Quando estava para iniciar o Mestrado em Aerofotogrametria veio o casamento e a mudança, após dois anos, para Paranaíba, MS.

5) Como foi sua escolarização (primária e secundária)?

Estudei apenas e tão somente em escolas públicas. Tenho muito orgulho disso, pois hoje visualizo que foi uma formação completa de “excelência” com ótimos professores e dirigentes que somaram para um suporte reforçado na sequência de preparação para a Universidade.

6) Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional.

Enquanto estudava, lecionei em São Paulo, com o Projeto de “Alfabetização Paulo Freire”, por 3 anos. Uma experiência incrível e diferenciada que atendia adultos de 30 a 75 anos de idade. Em seguida, no último semestre da Universidade, fui para a Editora Abril como cartógrafa. A minha profissão é de uma especialidade que exige busca de aperfeiçoamento em grandes centros e Paranaíba ficava distante. Resolvi partir para o Magistério, opção imediata, preenchendo minha necessidade de me acostumar com a troca de cidade. Porém, foi tudo rápido, a Escola Aracilda precisava urgente de professores em várias matérias. Conclusão: peguei cinco delas no segundo grau. Com o passar do tempo algumas mudanças ocorreram, foram vinte e dois anos de trabalho na sala de aula e coordenação pedagógica.

Em 2010, já em Minas Gerais, completei 40 anos de Educação.

Minha trajetória então foi:

- a) Acadêmica em Geografia e Pedagogia pela USP – São Paulo
- b) Pós-graduação em Gestão Ambiental – USP
- c) Pós-graduação em Orientação Educacional em Pereira Barreto, SP
- d) Pós-graduação em Supervisão Escolar Faculdade de Jales, SP
- e) Professora do Curso de Alfabetização “Paulo Freire” para Adultos
- f) Cartografa na Editora Abril – Lapa, SP

- g) Orientadora/ Supervisora Educacional e Diretora.
- h) Professora de Filosofia e Sociologia Faculdade CESG em MG.

7) Como se deu o ingresso na gestão/direção escolar?

Dirigentes de cargos considerados de confiança são regidos pela Administração do Governo Municipal e, também, através do uso de critérios, como históricos profissionais ou currículos. Em todos estes anos trabalhei nas duas formas.

8) Quais os desafios e dificuldades que encontrou como diretor(a) de escola?

A adaptação foi rápida e tranquila porque já dentro da escola há anos tinha ciência das ações e atividades mais importantes onde necessitavam de reavaliação e principalmente de atualização pedagógica e administrativa. As dificuldades existem, diariamente, em toda extensão das diferenciadas tarefas em que somos responsáveis. Enumerar tipos de dificuldades nesta atividade fica complicado pq depende dos fatos e ações dia a dia, por exemplo: aluno X aluno (brigas e comportamento em sala); aluno X funcionários e alunos X dirigentes (coordenação e direção).

9) Relate sua prática docente, suas concepções, por favor.

Como dirigente ou professora buscava muito por participação em seminários, palestras, congressos, capacitações, projetos integrados com as demais matérias através de campeonatos, exposições, relatos, feira de Ciências, excursões educacionais etc. Como concepção, digo que ouvir o educando, conhecer sua história, dar-lhe opções, trabalhar conscientização social, cultural, econômica e política. Aqui se misturam as práticas e as concepções, objetivamente.

10) Conte-nos sobre os acontecimentos na escola que mais a impressionaram durante o exercício de sua profissão, enquanto gestor(a):

A alegria e disposição dos professores e alunos que se entregam a projetos positivos e importantes com sucesso. A colaboração de pais nos eventos da escola que se doam e participam. A disponibilidade de professoras de primeiro ano – alfabetizadoras, que se entregam em horários extras para socorrer alunos com dificuldades de aprendizagem até que consigam juntar as sílabas e ler! A parte negativa é restrita, sinceramente não tenho. Mas, uma

falha que sempre me perturbou foi a dificuldade enorme de trazer os pais para a escola nas reuniões pedagógicas com os professores. Vejo aqui em Minas que acontece também em todos os níveis escolares.

11) Relate suas experiências nos tempos de aposentadoria, por favor.

=> Supervisora Educacional numa Escola particular de 1.º e 2.º grau

=> Professora de Filosofia e Sociologia na Centro de Ensino de São Gotardo
CESG – Faculdade de Pedagogia e Agronomia

=> Supervisora numa Escola Estadual por nove anos

=> Em 2010 resolvi deixar pro passado a educação, e fui pra Saúde

=> Iniciei um trabalho de visita a pacientes com Câncer em nossa cidade, que evoluiu para uma diretoria e criação de uma Associação de Ação Humanitária de São Gotardo onde sou Presidente, encaminhando e agendando pacientes da cidade e Região para Barretos

=> Coordenadora do Hospital de Amor de Barretos – SP

SOU FELIZ DEMAIS COM MEU TRABALHO ATUAL ONDE ORIENTO, ENCAMINHO E AGENDO PARA O HOSPITAL REFERÊNCIA NA AMÉRICA LATINA QUE ATENDE COM ENORME AFETO E AMOR, MEDICINA DE EXCELENCIA E APARELHAMENTO DE PONTA COM OS MELHORES MÉDICOS.

Espero que tenha servido para atender seu trabalho... Dúvidas me retorne, faço com satisfação e Amor! que aprendi com o Hospital de Amor.... Kkkkkk.

Cleusa Maria Molinari da Costa.

Questionário

- 1) Relate, por gentileza, seu nome completo, data e local de nascimento.

Nome: Laura Maria Rodrigues Salgueiro

Nascimento: Paranaíba/ MS

Data : 07.11.1958

- 2) Pode, por favor, relatar como foi sua infância e adolescência?

Tive uma infância de liberdade e maravilhosa.

- 3) Durante a infância/adolescência já pensava na profissão de professor /diretor(a) ou pretendia outra profissão?

Em minha infância nunca me passou pela ideia em ser professora. Na adolescência tinha o sonho de ser arquiteta.

- 4) Por que escolheu a carreira docente?

Na verdade, não escolhi a carreira, ela que me escolheu. Um dia uma amiga me pediu para substituí-la e assim gostei .

- 5) Como foi sua escolarização (primária e secundária)?

Estudei tanto o primário como o secundário em escola particular.

- 6) Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional.

Em ensino superior sou formada em Ciências Físicas e Biológicas e em Pedagogia.

7) Como se deu o ingresso na gestão/ direção escolar?

Ingressei na direção como adjunta (1997) de Cesar Rodrigues da Silva, no qual morreu (2000) durante o mandato. Passei, então, a ser a diretora de 2000 a 2015. De 2015 a 2020 voltei a ser diretora adjunta.

8) Quais os desafios e dificuldades que encontrou como diretor(a) de escola?

O maior desafio é a carência de respaldo da SED e, também, a falta de compromisso dos pais.

9) Relate sua prática docente, suas concepções, por favor.

Sempre procurei trabalhar com meus colaboradores em parceria, com liberdade de se expressar e dando autonomia a cada um de cumprir sua missão. Claro que sempre cumprindo as diretrizes dadas pelo MEC e SED.

10) Conte-nos sobre os acontecimentos na escola que mais a impressionaram durante o exercício de sua profissão, enquanto gestor(a):

O que mais me impressionava era a carência de afeto das crianças e adolescentes a quem eu servia. Na realidade é uma carência de tudo.

11) Relate suas experiências nos tempos de aposentadoria, por favor.

Ainda não me aposentei em um cargo. No momento estou afastada em razão da idade pela pandemia.

Questionário

- 1) Relate, por gentileza, seu nome completo, data e local de nascimento.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza, 24/2/50. Local: Paranaíba, havia um hospital público, onde hoje é casa do gerente do Banco do Brasil. Mamãe teve parto difícil, eu estava em posição fetal invertida (pelos pés). Teve eclampsia. Por isso tive mãe de leite: D. Lázara Pinhé, a quem reverencio. Na infância corria dela, não me aproximava.

- 2) Pode, por favor, relatar como foi sua infância e adolescência?

Infância feliz: recordo-me do frio intenso que fazia, festa de Natal, comida muito boa que mamãe fazia (tinha fornalha: biscoito, rosca, pão) pudim, doce de mamão, diariamente. Sentávamo-nos em volta e ela descascava fruta para nós (Jônia e Vladislau – irmãos mais novos). Os mais velhos estudavam internos: Célia, Célio – gêmeos, Cirino, Ceres (falecida com 1 ano e meio), Ana Rita, Djalma, Jônia, eu, Vladislau, que nasceu em abril, depois da morte de papai em 6/9/51). Na infância tínhamos uma casa com enorme quintal, mamãe proporcionou-nos tempos memoráveis: descascava frutas do quintal embaixo de sombra para nós, fazia mini fogão à lenha, com chapa pequena e panelas também, onde fazíamos guisado. Recordo-me de uma passagem hilária: Jônia e eu num batizado de nossas bonecas torcemos pescoço de um frango, rodopiamos até, quando o soltamos ele saiu correndo. Em resumo: mamãe nos socorreu trazendo de casa frango pronto, pois tínhamos convidados. Hahahaha, ainda dou gargalhada ao lembrar. Outra passagem: como havia muita árvores, Jônia e eu íamos de uma para outra, sem descer, caímos da ramagem e ficamos sem voz, imagine o apuro que passamos: além disso rasguei vestido. Enterramos boneca de pano, íamos à fazenda de nossos tios (Abel e Fiúza) que nunca tiveram filhos, enfim fui muito feliz. Fizemos doce: goiabada,

mamão, bolinha de queijo etc. Batíamos geleia de mocotó até ficar branca: mamãe mandava para irmãos que estavam em São Paulo (meninas no CBB e meninos no externato) enrolava com papel manteiga. Adolescência: Jônia, eu e minha prima Iolanda (Landinha) fomos internas no CBB, estava com 11 anos em São Paulo (Colégio Batista Brasileiro) era protestante, aceitei Cristo, como impunha a religião, embora sendo espírita (nascida e criada). Adolescente: até hoje não decifrei esta escolha. A diretora, d. Adalgisa, era viúva, havia morado em Portugal, durante a segunda guerra, trazia uma grande bagagem da vida, e colocava música clássica para nos acordar. Eram muitos quartos. Havia disputa de organização e ganhamos uma vez com gruta que fizemos: lembro que ela foi planejada por mim. Depois fomos internas, agora com meu irmão Djalma no IAL (Instituto Americano de Lins), tinha internato masculino e feminino, ele jogava no Jaguar, futebol de salão. O feminino ia assistir aos jogos, ele era craque. Sentíamos orgulho dele. Foi aí que tive meu primeiro namoradinho. Era tão respeitoso: o espaço entre nós era tão grande que meu irmão se sentou ali. Recordo-me que depois acabei o namoro. Ficamos dois anos, depois fomos para Araraquara – ficamos 5 anos estudando, um nível superior onde professores de Inglês e Francês entravam e saíam falando o idioma. A de História seguia coletânea Burns: nas provas estudava a semana toda. Escolhi o Clássico, Jônia o Normal. Ela era preferida da professora então dava assistência à alunas do primário experimental. Eu tive que estudar muito para vencer a diferença. No começo gastava horas para traduzir: p. ex. traduzia procurando dicionário francês *bonne* = empregada, mas não aparecia a forma igual, era feminino de *bon* = *bonne* = boa. Adulta: assim acreditava. Foi casamento de meu irmão mais velho, Célio em Araçatuba. Ali em maio encontrei Ailton, tinha 26 que seria meu namorado. Paquerou-me e não correspondi, fui até agressiva, tinha 16 anos, cursava clássico em Araraquara. Em julho comecei namoro, que se estendeu por 5 anos e meio quando fiquei noiva, por 2 anos e meio, quando me casei. Tive sete filhos: Átila, Kasla, Caio, Thaís, depois de 12 anos tive mais três filhos, Tales, Lucas, Lídia. Chamo de 2.a geração: o intervalo foi grande. Todos estudaram em universidades. Átila: engenheiro e advogado, Kasla: advogada e historiadora, Caio: médico, Tales: administrador, Lucas: médico e Lídia: médica. Tenho satisfação grande com esta graduação de todos. São pessoas inteligentes. No namoro teve muita coincidência: éramos 3 amigas, com 16 anos: Landinha (prima), Eliane Faustino, e eu: namoramos ao mesmo tempo três rapazes (Prado Veiga, Luís Carlos Brandão, Ailton Tiago de Souza, com 26 anos). Casamo-nos em anos diferentes. Fomos os últimos. Dos três.

3) Durante a infância/ adolescência já pensava na profissão de professor/ diretor(a) ou pretendia outra profissão?

Sim, desde criança brincava de escolinha. Sempre era a professora. A característica principal e que me satisfazia era poder modificar o meio em que os alunos hipotéticos viviam.

4) Por que escolheu a carreira docente?

Foi fortalecendo este vínculo. Por ex. Meu irmão mais velho foi secretário de educação: não tivemos receio: Jônia e eu quando vínhamos de férias para cá, dávamos aula para professores do meio rural, que tinham grandes dificuldades. Ainda hoje encontro alunos que relembram estes períodos. Fico grata por achar que colaboramos com nosso município, em tempos difíceis, como o que vivíamos. Escolhi a profissão porque queria modificar o mundo, na limitação que é imposta pela humanidade. Bem pequena: mas, hoje, aposentada, verifico que esta realidade se concretizou: não consegui modificar todos os alunos, mas alguns entenderam que a missão principal do professor não é transmitir conteúdo, mas preparar alunos, reintegrá-los em uma sociedade mais produtiva. Enfim, prepará-los para vida. Estou feliz com o resultado, embora seja diminuto.

5) Como foi sua escolarização (primária e secundária)?

Acho, no geral, foi respondida. Em detalhes: primária foi em Paranaíba 1.a, professora tia Lúcia, em um ano; 1.b tivemos duas professoras, Lenir e Alzira Peralta, 2.º ano prof. Jacira, lembro que ela gritava muito. No 3.a mudamos para São Paulo. Era aluna aplicada, mas tinha dificuldade em inglês, pois o CBB (Colegio Batista Brasileiro), ensinava Inglês desde 1.a série. Célia (irmã mais velha), já formada, lecionava com Tia Esther em São Bernardo, vinham para casa em São Paulo final de semana. Tino estudava em Campo Grande, Rio de Janeiro. Assistíamos a TV na vizinha, (Jônia, Dilau, eu) que tinha uma filha, Aidil (contrário de Lídia: ela tinha meu nome). Uma propaganda ficou gravada: sobre pneu 477, Dilau se irritava, era motivo de gozações. Voltamos a Paranaíba, no meio do ano: minha mãe não se adaptou a São Paulo. Ficamos adoentados. Terminamos o antigo Primário (6 anos: 1: a, b, c, 2, 3, 4). Depois ginásio: 4 anos (começa fase de Internato : 1.a CBB (São Paulo), 2.a, e 3.a (IAL – Instituto Americano de Lins) 4.a em Araraquara e, também, 3 anos do Clássico. Podia-se fazer tríplice escolha: Normal, Científico e Clássico. Aluno já fazia escolha do que seguiria na faculdade.

6) Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional.

Fiz primário em Paranaíba (com as devidas ressalvas)

Ginásio – 4 anos São Paulo, Americano de Lins, Araraquara

Clássico: Araraquara

Faculdade: Letras USP – São Paulo; Langue Française - Université de Nancy; Pedagogia – Universidade de Urubupunga; Direito: Unirp – Rio Preto. Pós-graduação: Especialização: em Letras: Unaerp – Ribeirão Preto, mestrado em Direito sem apresentação da tese *A cine linguagem comparada com linguagem do direito*; Mestrado em Direito – USP, São Paulo, doutoranda da Universidade Federal da Argentina – Buenos Aires, mestrado em Direito.

7) Como se deu o ingresso na gestão/ direção escolar?

Dava 10 aulas de português em 1975, quando o diretor da Escola Wladislau Garcia Gomes me disse estava cansado e que se retiraria da direção. Como o partido político dominante era Arena não tive dificuldades na minha nomeação, que se deu em 1976. Fiz uma gestão moderna para época: cuidava da redação de comunicados, fazia horários, eleição da APM, que juntamente comigo fizemos bingo de um carro, que resultou em armários para escola (diretores anteriores dependiam da secretária Nadir de Moura e eles apenas assinavam) criei Horta Comunitária com projeto para plantio de mudas de café, quando fizemos convênio com Secretaria de Educação (nomeado, inclusive Engenheiro Agrônomo), chegamos a milhares de muda que, infelizmente, não foram plantadas, pois por motivos políticos fui brutalmente exonerada, estava em licença gestante, e no meu lugar ficou nomeada Professora Paulita, “catedrática” de canto orfeônico e eu chegava da USP, formada em Letras, cursando Pedagogia, exigência da época. Quando fui a Campo Grande o Secretário de Educação, na divisão do Estado, Romeu (era de Brasília) ficou abismado com pedido do deputado estadual Waldomiro Gonçalves, de Cassilândia, para tal substituição. Então, fui reintegrada no quadro de funcionários e cedida à prefeitura local (Walderes Grande, “Delinho da farmácia”). Os “políticos” não me aceitavam e tornei pessoa perseguida: não me queriam ver integrada. Fui exonerada novamente, eu que trabalhara no Estado não fazia mais parte dele. Esposa de deputado, mulheres de políticos foram efetivadas, com declaração mentirosa que haviam dado aulas num município distante, só porque o prefeito aliado assinou “como verdadeira”. Fiz escolha de funcionários em concurso interno dependendo de sua capacidade: p. ex. para limpeza geral o funcionário devia entender de limpeza: assim gabaritou-se quadro eficiente em cada função, independentemente de ser letrado. Então, fui efetivada, porque um secretário de governo, Waldir Pereira, que conhecera papai, colocou meu processo no meio de tantos e o

governador assinou sem conhecimento de causa. Saiu meu enquadramento (na divisão do Estado os funcionários que estavam na ativa foram considerados “concursados”). Fui exonerada do cargo em fevereiro de 1979 o enquadramento não era para ter saído. Depois que Wilson Barbosa Martins foi eleito governador do Estado, e eu era vereadora, (1982), conseguimos regularizar minha vida, tornando nula minha exoneração que Pedrossian assinara. Nesta época tinha feito concurso de professora (1981) e passara em primeiro lugar em Paranaíba. Julinho Melo brincava comigo dizendo que não seria nomeada porque aquele partido contrário nomearia do fim da lista para o começo.

8) Quais os desafios e dificuldades que encontrou como diretor(a) de escola?

De fato foram muitas: 1) falta de verba. Não tinha repasse escolar e manter uma instituição como “Wladislau” não era fácil. Tínhamos a cantina e todos os dias era depositado o saldo da venda dos produtos. Era a renda somada com doação das festas esporádicas da APM. 2) a interferência dos políticos: professor era nomeado conforme o partido eleito para governador. Tínhamos um quadro fechado, bem como auxiliares de limpeza etc. Era tanta interferência que a nomeação do diretor como as demais submetia-se ao diretório da cidade, depois seguia para o governador, primeiramente para Cuiabá, e a partir da divisão do Estado para Campo Grande. 3) falta de poder de resolução do diretor, em alguns casos, que dependia da vontade externa dos políticos. Até de horários, professor que não gostasse é que tinha tradição política, recorria ao diretório para ver se o mudava. 4) como queríamos Horta Comunitária fizemos convênio com Secretaria da Educação e obtivemos nomeação de engenheiro agrônomo com ajuda do vice-diretor, que havia sido mudado com Prof Valter.

9) Relate sua prática docente, suas concepções, por favor.

Em relação ao ensino me ative com a melhora do nível. Jônia estava na “Delegacia de ensino” e contratou professores de Jales: Prof. Samir, Ivete, mais duas professoras, (que não lembro o nome agora), valorizei a APM, criando espaço para sua atuação, aumentei valor da direção escolar, em geral injetei filosofia de melhora de ensino, consegui com governador reforma do prédio etc.

10) Conte-nos sobre as dificuldades durante o exercício de sua profissão, enquanto gestora:

Sem dúvida foi 1 - participação da APM, consegui que um gerente do Banco do Brasil fosse o Presidente, e no bingo de um carro contamos com ajuda dos prêmios: teve leilão de gado (arrecadou doações de bezerros junto aos fazendeiros). Tivemos um bom lucro: fizemos armários na sala dos professores. 2 - Houve determinação para entrega da carteirinha fornecida pelo grêmio estudantil, na entrada dos alunos. Eles revoltaram e tumultuaram. Mas a exigência foi mantida: alguns alunos que não conseguiam pagar a diretoria forneceu de graça a carteirinha. Lembro-me disso pois, em tempo “*a posteriori*” pedindo voto para eleição de vereadora um desses alunos agradeceu a medida e que ele não esqueceria. 3 - Reunião com professores: dizia que precisavam ser coesos, exemplificava com os bons exemplos: recordo-me da professora Brasilina Leal, pessoa de boa índole e cooperativa com a direção escolar, sempre lembrada. Professores de outro partido político faziam chacotas e até levantavam suspeita contra. Tinha cuidado de rebater e os comentários infelizes que ficavam bloqueados. E a vida continuava... A horta comunitária, o zelo com a renda da cantina etc.

11) Relate suas experiências nos tempos de aposentadoria, por favor.

Ah! Aposentadoria... Período bom. Do “*fare niente*”, mas enquanto acreditava no meu diálogo com os alunos cria na possibilidade de ensinar. Quando verifiquei, depois de 9 anos, que a maioria dos alunos não queria a técnica de aprendizado com dissertação inclusa, achei que deveria parar. Parei totalmente. E aí veio a aposentadoria. Fiquei parada no tempo: não queria saber de mudanças no Código Penal, nem no Código de Processo Penal. Aproveitei ao máximo meu desligamento com ensino. Mas veio o coronavírus, estou seguindo à risca o aconselhamento médico. Existem momentos em que me imagino ministrando aula. É devaneio: não estou disponível ao ensino, não o curto, como anteriormente fazia. Fico pensando como foi bom este contacto com alunado, que me proporcionou crescimento, mas a despedida, por mais que doa, foi também salutar – era hora. Eis-me aqui como cumpridora de uma missão, agora posso gozar minha aposentadoria, é o que farei com toda intensidade. São páginas viradas, momentos da vida que também precisam ser vividos... Eu os viverei e como disse Stendhal: “ressaltarão das páginas da história (de Paranaíba) minha alma e pedaços do meu coração” este será meu humilde legado aos meus queridos alunos. Até breve: nos encontraremos... Fragmentos de minha alma pedaços do meu coração. É a correção. Tomei dose de reforço dia 8, + 14 dias = 23/11 acaba minha restrição. Se vc quiser mais alguma coisa poderá perguntar ou vir até aqui. As fotos tenho que verificar.

A prof. Lídia e eu mantivemos contato desde minha ida à sua residência, por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, iniciando o diálogo em 04 de junho de 2021. E a colaboradora informou em 17 de novembro de 2021 que a partir do dia 23 de novembro, após a dose de reforço contra a Covid-19, poderia me receber pessoalmente, algo que me deixou aliviada e feliz, pois o intuito era ouvi-la e poder registrar sua história, em forma de gravação e a pandemia estava dificultando o acesso à colaboradora. A entrevista ocorreu em seu escritório de advocacia, atualmente desativado, anexo à sua casa, na Rua Visconde de Taunay, por volta das 8:00, em uma sala decorada por uma estante (enorme) de livros, com uma mesa de madeira grande, e a professora convidou-me a sentar em uma das cadeiras à beira da mesa, e ela sentou-se do outro lado. A Sra. Lídia trajava uma camisa jeans com mangas dobradas e uma calça, muito solícita e educada, cabelos levemente grisalhos, e seu olhos azuis emitiam uma calma. Bem, após as imagens da sra. Lídia, segue a transcrição da entrevista, realizada em 26 de novembro de 2021, sexta-feira, com uma colaboradora culta, cheia de histórias, lembranças e uma emoção linda e cálida no olhar. Em suma, é um relato envolvente de uma época passada, de uma mulher além do seu tempo. Relevante explicar que esta pesquisadora portava máscara facial de proteção e manteve-se à distância, sem nenhum toque com a diretora aposentada. A entrevista durou 1:21:39, e em alguns trechos, a colaboradora ficou em dúvida quanto às passagens temporais, situação absolutamente normal, devido ao correr dos anos. As imagens da antiga diretora foram cedidas gentilmente ao término da entrevista, ocasião na qual fotografei seus porta-retratos que estavam na sala de estar de sua residência, sob sua supervisão e autorização.

Questionário

- 1) Relate, por gentileza, seu nome completo, data e local de nascimento.

Maria Ivete da Cruz Bruno

- 2) Pode, por favor, relatar como foi sua infância e adolescência?

Apesar das dificuldades financeiras de meus pais, tive uma infância boa, feliz com meus 2 irmãos e 3 irmãs. Na época a liberdade era total e as experiências de brincadeiras saudáveis e responsabilidades com os afazeres para ajudar os pais.

- 3) Durante a infância/ adolescência já pensava na profissão de professor/ diretor(a) ou pretendia outra profissão?

Essa era a profissão que meus pais puderam sonhar para mim e minhas irmãs. Apesar de não termos tido a oportunidade de escolha, realizamos muito como professoras.

- 4) Por que escolheu a carreira docente?

Como disse não foi uma escolha, e sim uma única oportunidade.

- 5) Como foi sua escolarização (primária e secundária)?

Foi em uma escola pública estadual no interior de São Paulo, na cidade de Urânia. Hoje percebo que os professores da época não instruíram os alunos do Ensino Médio das oportunidades que poderíamos conquistar, tanto que toda minha turma teve formação para serem professores.

- 6) Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional.

Habilitada em Ciências Físicas e Biológicas, Especialização em Biologia pela Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. Pedagogia e Especialização em Didática pela Unijales.

- 7) Como se deu o ingresso na gestão/ direção escolar?

Depois de 15 anos como professora do Ensino Fundamental 1 e Ensino Fundamental 2, nas disciplinas de Ciências e Matemática, fui convidada a fazer parte da Gestão do Educandário Santa Clara, ora professora, ora coordenadora e, também, diretora por 12 anos. Desde 2002 sou diretora da Escola Caminho.

- 8) Quais os desafios e dificuldades que encontrou como diretor(a) de escola?

Nesse quesito daria para escrever um livro, mas desde rejeição de colegas, dificuldades com pais foram desafios e tanto, visto que me convidaram por terem percebido meu perfil de liderança. Graças a Deus, pude colher muitos bons frutos e já peço perdão pelos que inconscientemente, posso não ter atendido às expectativas, nesta trajetória de 48 anos de serviços prestados à educação.

- 9) Relate sua prática docente, suas concepções, por favor.

Minha prática docente sempre teve foco no desenvolvimento do aluno. O desenvolvimento cultural e profissional de nossos alunos deve sempre ser nosso legado. No decorrer dos tempos como educadora posso observar as mudanças de quase 5 décadas, e em cada uma, novos aprendizados, novas maneiras de atuar. Hoje, em tempos de pandemia vivemos um novo normal, que precisamos observar, entender para continuar, sempre com respeito ao aluno, às suas habilidades, diferenças e interesses.

- 10) Conte-nos sobre os acontecimentos na escola que mais a impressionaram durante o exercício de sua profissão, enquanto gestor(a):

Todos são importantes como por exemplo, o despertar da criança para a leitura, escrita até os resultados dos vestibulares. É um longo percurso cheio de acontecimentos importantes. Não dá para descrever todos.

- 11) Relate suas experiências nos tempos de aposentadoria, por favor.

Não me aposentei do trabalho de educadora e não sei quando aposentar. Tenho receio de parar, mas sinto que ainda presto um bom trabalho. Hora que perceber que meus colaboradores não mais precisam da minha experiência. Aí, sim, serei aposentada.

APÊNDICE C

As entrevistas³⁷:

Alcione Oliveira Leal Rodrigues

Autora: Em primeiro lugar, eu agradeço a participação da senhora... eu fiz um questionário, é padrão para todas as entrevistadas, as diretoras. Relate, por gentileza de forma completa, seu nome, data e local de nascimento? O nome completo da senhora...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Alcione Oliveira Leal Rodrigues, nasci em Paranaíba, Mato Grosso, em 22/04/1959.

Autora: Eu nasci dia 4 de abril, que legal (riso) pode, por favor, relatar como foi sua infância, adolescência? Foi aqui mesmo?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Foi aqui mesmo em Paranaíba, aqui mesmo, tranquila tive uma infância saudável, minha adolescência eu estudei em colégio interno dos 11 aos 14 anos, Colégio Nossa Senhora Aparecida, dos 11 aos 14 anos no colégio em Araçatuba, Estado de São Paulo, onde eu concluí a 8.^a série...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO³⁸]

Autora: Só um minutinho, deixa eu achar um lápis... [...] A senhora depois de concluir a oitava série ficou lá (Araçatuba) ou veio para cá (Paranaíba)?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu fui para São José do Rio Preto/ SP fazer o segundo grau... não foi.

³⁷ Para melhor compreensão, a minha pessoa (entrevistadora) será designada, doravante, como Autora durante todas as entrevistas.

³⁸ Devido ao meu amadorismo, e por ser tratar de minha primeira incursão no mundo da pesquisa, houve interrupções similares.

Autora: Quantos anos a senhora tinha, mais ou menos?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Dos 11 e os 14 (anos) eu fiquei em Araçatuba (SP) e dos 14 aos 16 em (São José do) Rio Preto, depois eu vim para Paranaíba e fiz o Magistério [*trecho inaudível*]

Autora: Durante a infância/ adolescência já pensava na profissão de professora, diretora ou pretendia outra profissão, dona Alcione?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Na verdade, na época a gente tinha que fazer o que era oportuno, então... eu vim para Paranaíba, o que tinha, nós tínhamos para oferecer o Magistério e na época... já havia falta de professores, eu já ingressei no Magistério e já peguei uma sala de aula na Escola (Municipal) Major (Francisco Faustino Dias), uma escola municipal Major Faustino, oportunidade que tive.

Autora: Por exemplo, a senhora gostava?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Gostava, sempre gostei muito, sempre gostei muito de trabalhos manuais de coisas detalhadas... inclusive eu falo que o período que eu mais, para mim foi mais do que eu desenvolvi mais essas minhas habilidades, foi no período de internato, não tinha muitas cidades, muitos cursos não, é, cursos de pintura em porcelana e gesso, eu fiz em porcelana e gesso, eu fazia aula de piano, eu fiz 9 anos de, de aula de piano, eu comecei aqui criança, não aos 7, 8 anos de idade, eu comecei a ter aula de piano aqui fui para lá eu dei sequência não tive 9 anos de, de aulas de piano, é, eu fazia muito crochê e tricô, é, bordados... eu fazia todos esses...

Autora: Esses trabalhos manuais ajudaram a senhora a desenvolver a habilidade?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É tudo ligado, quando eu comecei a trabalhar no Magistério...com crianças, não, é comecei com segunda série...

Autora: Nossa, começou na segunda série, segunda série...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Então, é isso, me ajudou muito não, é eu tinha facilidade, não tinha habilidade para, para desenho...é... para a música.

Autora: Então, isso foi melhorando, desenvolvendo cada vez mais, a senhora...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Por isso que me, me ajudou muito a gostar ainda mais...

Autora: Aí na quarta pergunta, eu puxando um pouquinho, por que escolheu a carreira docente?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Então, pela oportunidade que havia na época para Paranaíba... morava aqui...

Autora: Certo. Quanto à escolarização da senhora, a senhora meio que já me relatou no tempo de infância [...] a senhora foi para o colégio interno, dos 11 aos 14 (anos), deixa eu perguntar pra senhora, antes desses... dos 11 anos. a senhora estudou onde?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu estudei até o quarto ano na época na escola, no Educandário Santa Clara, que é o Objetivo (colégio particular) hoje, depois eu fiz a quinta série na Escola (Estadual) Wladislau Garcia Gomes, aí já fui para lá.

Autora: Certo, já foi respondido. Esse aqui, esse questionário (mostrando para a professora aposentada, o formulário destinado para as diretoras, impresso) eu fiz é para quem se quisesse responder... mas aí ficou bastante [*palavra inaudível*] se a sra. quiser conversar “tá” ótimo para mim, isso aqui é uma riqueza (risos). Ai, Senhor acho que eu fico tão feliz, quando eu consigo conversar, escutar...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Você tem facilidade pra conversar... expor suas ideias, isso é muito bom e pro magistério...

Autora: Eu gosto, eu não queria [...] eu queria ser jornalista e meus pais não tinham condição...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Tem tudo a ver essa questão de expressão...

Autora: Sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu também tive sempre tive muita facilidade para me expressar...

Autora: Às vezes, algumas pessoas assim... a gente cria [...]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Isso é tudo na verdade.

Autora: É, eu gosto da minha sala de aula de... eu gosto de cativar, porque tem um momento que tem que ter mais seriedade, mas a gente tem um momento da brincadeira...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Mas o momento da, da seriedade às vezes o momento de austeridade.

Autora: Sim, sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É necessário, somente em uma criança de hoje.

Autora: É bom conversar com a senhora, olha só, é eu falo assim porque para mim é o mestrado, que estou porque eu estou fazendo, é uma oportunidade de aumentar meu conhecimento, que eu estou lá para aprender mesmo, tem dia que você fala... “meu Deus”...estou animada, porque eu adoro. Pensar nisso agora... mas tem uma colega que disse que não está dormindo. Se eu não dormir...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Então, a gente tem que dosar, mas tem que dosar tudo não é, eu não sou... as profissões, a gente precisa saber distinguir a sua vida pessoal no mundo do trabalho correto, você tem que aprender a resolver os problemas do trabalho do trabalho da escola na escola da sala de aula do aluno na escola e sem levá-los para casa, se não a gente é você não deve [...] você adoce, você não é, o ser humano não tem essa digamos competência para poder misturar, assim, eu, eles, ele não vence não, não é, então você é e também distinguir

seu descanso da hora do trabalho. Então, eu sempre fui assim, eu sempre dormi muito bem, porque eu desligo a noite passo chegou na hora de, de dormir eu não gosto de tratar de nenhum outro tipo de assunto, eu gosto de fazer minhas orações, sim bom de ir dormir eu já fecho os olhos para dormir e durmo até hoje durmo nossa que bom, tá certo, eu arrisco nos dá forças energias para o dia seguinte esses problemas todos os dias surgem.

Autora: E se a gente for ocupar um momento de descanso com um problema...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É isso, isso é que fica misturando que é resolver o problema do seu trabalho com seus problemas pessoais, tudo de uma vez também não você não tem, a gente não tem essa, essa habilidade.

Autora: Não tem jeito, algum ou outro consegue, mas a grande maioria não consegue.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Na verdade um influencia o outro.

Autora: Sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Todo profissional independente e principalmente da educação, você, você não consegue desenvolver um bom trabalho transmitir segurança, porque você tem que transmitir conhecimento e segurança para os seus alunos... principalmente segurança.

Autora: Com certeza, porque se não vão muito professor que não é seguro, não consegue dar aula. Relate, por gentileza, sua formação e trajetória profissional... então, a senhora fez o magistério e foi dar aula...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Já comecei no magistério.

Autora: No Major (Escola Municipal Major Francisco Faustino Dias)?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Já dei na, na Escola Major Francisco Dias.

Autora: A senhora lembra quanto tempo ficou lá?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Só um ano.

Autora: Um ano. E depois?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: No segundo ano (de exercício profissional) eu já vim pra uma quarta série na escola José Garcia (Escola José Garcia Leal) e uma 4.^a série na Escola, Educandário Santa Clara (Atual Preve Objetivo). Naquela época, o Estado (refere-se ao Governo do Estado de Mato Grosso do Sul) fez convênio com o Educandário Santa Clara (atual Preve Objetivo) e aí já fui pro Estado... entrei, já fui para o estado, não é, é tinha, nós tínhamos pontos, havia uma contagem de pontos, você fazia uma inscrição e o que que era os seus pontos e os cursos...

Autora: Os cursos de formação...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E todos que apareceram, você tinha de informação, hoje é isso e todos que apareceram a partir do momento que eu entrei na educação, eu, todos que apareciam fazia, é às vezes aqui era regional aqui... então vinha pessoal de Aparecida (do Taboado-MS), de Cassilândia (MS), Inocência (MS), uma época tinha Chapadão (do Sul-MS), Costa Rica (MS). Então, todos sempre tinha recursos e eu estava sempre está fazendo o curso certo, então a gente a fazer a inscrição e pela contagem de pontos, você conseguia ser lotado, então eu consegui ser lotada na Escola José Garcia (Leal), com uma primeira série e logo em seguida me convidaram para assumir uma quarta série na escola... Educandário Santa Clara, que é hoje o Objetivo (Preve Objetivo), então, a partir daí eu sempre trabalhei com 2 salas, em outro ano eu deixei a Escola José Garcia no outro ano eu [...] tinha uma quarta série também, eu fiquei com uma quarta série do ano seguinte no José Garcia...

Autora: Duas quartas séries.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Duas quartas séries... no primeiro ano foi só uma segunda (série), o segundo foi para uma primeira (série), em uma quarta (série), o terceiro foram 2 quartas séries...

Autora: A senhora ficou muito tempo com duas quartas séries ou não?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Aí no outro ano, eu deixei José Garcia (Escola José Garcia Leal) e fui para a Escola Antônio Garcia de Freitas, com uma segunda série, então no quarto ano eu fiquei com uma quarta série e uma segunda no Antônio Garcia. No ano seguinte, me ofereceram mais uma quarta série no Educandário, todas pelo Estado...

Autora: Pelo convênio.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Pelo convênio, ali eu fiquei 10 anos com 2 quartas séries, uma de manhã, outra à tarde.

Autora: Como a senhora chegou à direção da escola (Aracilda)?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Na época, quando eu tinha as duas quartas séries, quarta série, a direção da escola Aracilda me convidou para assumir as aulas de Metodologia do, do Magistério, então eu saí do ensino primário, na época... se chamava primário e já fui direto trabalhar com as metodologias, com as 40 horas, no Magistério, ali eu fiquei... uns 4... os 4 anos com as metodologias, de 4 a 6 anos mais ou menos [...] é, eu fiquei com as metodologias e para completar minha carga horária, pegava Psicologia, pegava História da Educação, mas o carro chefe mesmo era as Metodologias.

Autora: Certo.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E aí naquela época era nomeação política, as direções, e a diretora estava assim muito cansada, ela falou...

Autora: A senhora lembra quem era a diretora?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Era a Sônia Leal, até parente minha, ela estava muito cansada: “[...] não aguento isso mais não, eu vou pedir demissão”.

Autora: Ela ficou um ano?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: A Sônia?

Autora: É.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Era a (professora) Eloiza (Helena) Fratari saiu...

Autora: Eu consegui (a participação), a Sônia me respondeu...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É, foi pouco tempo mesmo, a Sônia era uma pessoa muito boa, mas não sabia falar “não” para as pessoas e algumas pessoas se aproveitam...

Autora: Com certeza, eu vejo a minha direção lá...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E é tão engraçado depois que eu estava na direção, eu hoje estava aqui que tinha levado a Sônia naquele enfraquecimento, naquele desânimo, sabe, eu estava na direção já e ela, ela falou para mim “Pega essa direção, seu tio é deputado!” e na época o Benedito Leal era deputado, é irmão da minha mãe... aí eu disse “Ah, Sônia, pra mim tanto faz...”. E assim de um dia pro outro saiu a nomeação e assumi a direção e fiquei quase 2 anos, e saiu eleição para a direção.

Autora: Sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu concorri, não teve outro candidato, fui candidata única e fiquei 2 anos, depois entrou [...] teve uma outra eleição, concorreu Magnólia e eu, eu perdi pra Magnólia e já estava na escola nova ali. Eu perdi por 26 votos, mas nós tínhamos mais de 1.000 alunos, era uma escola muito grande, a gente mudou para muito grande estava na direção, a gente conseguiu...

Autora: Eu fiz cursinho (para ingresso no Ensino Superior) naquele prédio gente enorme eu pensava meu Deus (como era grande)...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: A escola era pequena, a gente fez uma campanha, assim fomos a Campo Grande, muitas vezes levava representante...

Autora: É muito trabalhoso, a senhora notou isso, então é muito trabalho na direção...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E aí a gente conseguiu, nós conseguimos que o governo mudasse a Escola Aracilda pra lá, mas... ela cresceu muito...

Autora: Até então era aqui na antiga, Maria Luiza (atual escola Maria Luiza, da rede municipal de Paranaíba, à Rua Maria Cândida de Freitas, 1515 – Bairro São José). O prédio era pequeno...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Pequeno, salas... e a gente construiu salas, a gente lutou muito e depois fomos pra lá, a escola criou uma proporção muito grande, sabe, é, ficou muito

[palavra inaudível] o período que eu fiquei na direção lá que foi quase 2 anos, mas não tinha tempo nem de almoçar.

Autora: O dia todo?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não tinha jeito, dia todo, dia todo, porque era assim um horror é um tumulto, sabe, nós chegamos a fazer 1.400 matrículas no ano, sabe, então era muita coisa para ali, teria que ter feito do trabalho de divisão de direção para diretora para determinada série.

Autora: A sra. não tinha (diretora) adjunta na época?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não tinha adjunta na época...

Autora: Nossa, olha, então a senhora foi guerreira.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E não era fácil, tinha uma secretária excelente que era a Sandra, que ela estava ela estava, secretária da UEMS, não sei se ela se aposentou...

Autora: A sra. lembra o sobrenome dela, para eu colocar?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não, a Sandra, não, é que foi muito eficiente, tipo assim, oh, e nessa ela era...

Autora: Porque geralmente nessas épocas atuais, eu fiz até um artigo sobre os eleitos [...] quando as eleições (o período) começou... o adjunto alivia a carga, mas, não, a senhora na época não tinha adjunto...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não, eram 1400 matrículas, não tinha adjunta, era a Sandra secretária, não era fácil sabe a gente eu eu assim, é eu perdi a eleição, mas foi um alívio, um mal necessário, é eu estava cansada.

A autora: Extenuada.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Estou há um ano e meio que a gente ficou livre.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]³⁹

17:57 – retomamos a entrevista. [...]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Então, eu sempre falo assim, “se você deixa o angu encaroçar, engole os carcos”...

Autora: Porque o meu trabalho era sobre narrativas de um transexual. Quando eu entrei no mestrado, fui aprovada e tal, o meu professor falou que (o tema) “vai ser gênero feminino, diretoras”. Eu tive menos de dois meses... eu reescrevi meu projeto, e como se diz, vou perguntando, conversando, vai dali, é, onde está aquela professora, a professora Lídia (Garcia)

³⁹ Neste momento da gravação 17:49 o esposo da sra. Alcione está saindo de casa e conversa conosco, o sr. Waguinho, conhecido funcionário da Prefeitura Municipal de Paranaíba.

aquela amiga disse que eu estava empolgada. Eu penso se for para fazer, tem que fazer bem-feito.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Olha, eu estava te comentando, pra você perceber que às vezes a gente tem que ser muitas vezes austera e as e às vezes impessoal, quando a Sônia (ex-diretora) estava naquele estresse, aquele cansaço que ela deixou a direção passaram poucos dias que eu havia sumido chegou uma mãe chegou falou assim “É, a Sônia saiu da direção...eu quero saber com a senhora que dia que a senhora vai me entregar o dinheiro para eu levar meu filho para o tratamento?!” Eu falei, “Como assim?” A mãe (replicou) “É, porque meu filho caiu aqui na escola e ficou com problema...”. Como assim, mas quando eu bati os olhos naquela mãe por um período, comezinho, eu peguei uma substituição ali na escola Ermírio foi coisa assim de 30 dias, eu estava dando aula à tarde, estava trabalhando com a língua portuguesa. Vieram correndo me chamar que uma criança estava dando uma crise de epilepsia isso já fazia 6 anos, bom e eu saí da sala, ficou uma inspetora de alunos, puseram a criança no meu carro. Eu vim trazer aquela criança, o meu carro era novinho. A criança vomitou tudo dentro do carro⁴⁰ aquela criança vomitou tudinho no carro, deu um trabalho para limpar, arrancar carpete, sabe...

A autora: Nossa... e a senhora. não esqueceu.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E a mãe veio na Santa Casa (hospital), eu entreguei [palavra inaudível]. Eu quando bati o olho...e a mãe veio, eu entreguei o filho pra mãe, estava sendo atendido ali, falou que ele tinha crise de epilepsia, deficiência mental, criança de uns 8 anos.

Autora: Ainda bem que a senhora marcou essa história.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Marquei essa história. E a mulher veio e pra sala e falou desse jeito comigo e eu falei como a sra. chama? Ela se chamava (Dirce), e de jeito nenhum...(morava) no (Jardim) América. Ela disse Dirce. “Como se chama o filho da sra.?” “É Fulano, da 6.^a série.” Na época lá era coisa de 2.^o, de 3.^o. E eu falei “O que aconteceu com seu menino?” (A mãe respondeu) “Ele caiu e bateu a cabeça na quina daquela escada ali. Desse jeito, daquela escada ali. Deu problema no cérebro e todo ano a Sônia (ex-diretora) que eu tenho uma irmã, que mora no Rio de Janeiro, e meu filho faz tratamento lá, no Rio de Janeiro e a dona Sônia me dá as passagens. Ida e volta e era pra eu chegar lá e fazer o eletro(cardiograma) da cabeça.” E eu falei como a dona Sônia dá isso para a senhora? (a mãe respondeu) “Ah, não sei. Acho que é dinheiro da cantina, mas ela é responsável, meu filho machucou na escola”. Falei, então, se a Sônia se sentiu culpada, responsável, eu não sou responsável. Primeiro: seu filho faz tratamento no Rio de Janeiro, porque sua irmã mora lá, porque a senhora quero seu

⁴⁰ Neste momento a diretora reitera que fez um tratamento em sua pele e eu lhe tranquilizei, pois desde a minha chegada, estava preocupada com a aparência.

filho a partir de hoje, vai fazer tratamento através da Secretaria de Saúde da cidade de Paranaíba. O Waguinho, meu marido era secretário de Administração e a dra. Marjorie era a Secretária de Saúde. Ele vai fazer com toda a assistência. Onde ele precisar, a Secretaria de Saúde vai levar pela prefeitura. Só se não tiver esse exame, esse eletro, em Paranaíba, mas se tiver ali em Santa Fé (do Sul-SP) ele vai fazer o tratamento em Santa Fé, no Rio de Janeiro, por conta da escola, não! Nunca mais a senhora venha aqui.

Autora: Meu Deus...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: (A mãe disse) “Por que a sra está falando assim comigo? Quem a senhora pensa que é?”. Brava, ela veio agressiva, sabe.

Autora: “Tá” vendo, ela estava querendo...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: (A mãe:) “Você tem que dar o dinheiro pra eu levar meu filho!!!” Falei “Não, não tenho. Sabe por quê? Porque o seu filho, a professora Alcione estava dando aula na Escola Ermírio e acudiu seu filho com crise de epilepsia. E seu filho é epilético há muitos anos, a sra. está se aproveitando!

Autora: Meu Deus...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: A sra está se aproveitando da fraqueza da diretora da escola (Sônia) que acreditou na senhora. Menina, essa mulher só não me xingou de doce e rapadura...

Autora: O resto...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: O resto...

Autora: Misericórdia!

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu falei para as coordenadoras “Olha, assumo o tratamento dessa criança, via Secretaria de Saúde, põe no carro, leva na Secretaria de Saúde”, e liguei pra dra. Marjorie (a secretária de Saúde de Paranaíba, na época). E ela disse “Pode deixar, Alcione, que eu vou cuidar desse menino!”. E naquele ano, o menino foi fazer o eletro (cardiograma) em Rio Preto (São José do Rio Preto SP) e depois ela (a mãe) tirou esse menino da escola e nunca mais... eu a conheço... ela corta caminho. Ela não esquece de mim. Ela... vê na rua, ela corta (caminho)!

Autora: As pessoas pensam assim, querem aproveitar...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É desonesto.

Autora: Sim...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E isso foi coisas que se passaram, tudo, a (ex-diretora) Sônia falou “Aquela mulher começava a ir no mês de agosto... quando vai me dar o dinheiro?”

Autora: Meu Deus...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: “Meu filho ‘tá’ passando mal, tem que levar ele, tem que levar ele lá pro Rio (de Janeiro) pra continuar o tratamento...”. Malandra....

Autora: Mas, infelizmente acontece, observar... acontece...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Ia passear (a mãe do menino) na irmã, por conta da escola. Ida e volta.

Autora: Bonito, né.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Sabe, então, a gente tem que ser impessoal.

Autora: Tem que ser.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: No primeiro...

Autora: Se não, não aguenta...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: No primeiro momento você tem que ser impessoal, e fazer uma investigação pra saber o que está acontecendo de verdade, por que esse tipo de situação, você...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: A gente viu as pessoas tentando fazer...

Autora: E fazem, né?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E fazem, fazem mesmo.

Autora: Muito triste, mas ainda bem que a sra teve essa, essa.... esse treinamento de... vamos ver o que está acontecendo...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E lembrar dela, né?

Autora: Opa.

Autora: Porque se a sra. não fosse firme, é, tirar do bolso, se todo dia tirar do bolso, você não tem salário.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não.

Autora: Não vive...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Um absurdo. Um absurdo.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Numa escola de... no caso, 500 alunos, 5 derem um tipo, resolvesse aproveitar...

Autora: Não, não...

Autora: Não, Nossa Senhora. Demais.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Tem os meios legais de você prestar atendimento.

Autora: Sim...

Autora: O município, tem, tem o SUS⁴¹... tem toda uma rede, vamos utilizar.

⁴¹ Sistema Único de Saúde, a rede pública brasileira de atendimento à saúde para a população.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Vamos utilizar.

Autora: Agora aproveitar, aproveitou, imagina, quantas outras situações, fora essa, que ela é capaz de usar o filho.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Da má fé...

Autora: Usa mais.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Fazem, fazem mesmo.

Autora: Ai, ai é difícil. A gente pensa que a malandragem está solta...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Hoje ela está bem velha, mas ela corta.

[trecho incompreensível]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Tem situações que você não esquece. (riso)

Autora: A oitava pergunta, são 11 (questões). É... quais desafios que encontrou como diretora de escola. Então, a sra... lidar com esse, esse caso, assim, dessa mãe. A sra. achou um grande desafio ou teve mais... desafios, que...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Lidar, principalmente, com os pais de alunos, pai e mãe, os pais, também com os profissionais.

Autora: A sra. achou muito mais difícil?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É muito difícil lidar com os profissionais. Quando você passa por uma escola grande, onde você tem, ali no Aracilda, mais de 100 professores.

Autora: Nossa.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Então, é muito difícil, você tem... tem pessoas, profissionais, que não poderiam ser chamadas de profissionais.

Autora: (Por que) às vezes passam num concurso, passou, e não tem a noção adequada por que está ali, né?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Você tem que vigiar se o professor está dando aula, se o professor não, não... é... olha...

Autora: Cumprindo...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Tem professores, que vou te falar...

Autora: A sra. achou mais difícil lidar com, mas assim, a questão de dar aula ou às vezes o atrito entre professores? Tudo junto?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: O atrito entre professores. Cumprir com seus deveres, questão das estruturas da escola, é, elaboração de diários...

Autora: Diários...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Entrega de planejamentos, né... na época a gente trabalhava, era papel.

Autora: Hoje está sendo digital. É algumas escolas adotam projeto, outras não.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É, antes era, chamava-se planejamento, mas é praticamente a mesma coisa.

Autora: Sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Onde você define os objetivos, né, o material a ser empregado, tudo o que vai ser tratado, o conteúdo, né, então, nós tínhamos uma dificuldade muito grande... por que as pessoas, lógico, nós não temos, não podemos generalizar, né, temos profissionais excelentes, competentes, responsáveis, mas numa gama de 100 (professores), 15...

Autora: Dava(m) trabalho? (riso)

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Davam trabalho. (riso)

Autora: Mas, é, o que a sra. estava falando, acontece mesmo. Eu... 4 anos que fiz de concursada, olha, nós entramos, éramos novatas...ê....a gente, ó, a outra “tá” fazendo diferente... daqui a pouco ela cansa... (riso).

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: De te deixar na situação que elas ficaram.

Autora: É professora que não gosta de contato com aluno, mas... eu sou eu, gosto de abraço. Eu gosto daquela criança, né, só que a gente encontra dificuldade quando chega. (riso)

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Aqueles que não fazem bem... para não fazer bem também.

Autora: Sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Para que as pessoas...os superiores não percebam que não... querem impedir que alguém...

Autora: Então, é verdade...imagina um pouco que a sra. passou, porque lidar com tantos profissionais assim não é fácil. Por que a escola fosse menor... mas lá...o certo de que a sra. observou, é muita criança, muito aluno... demais da conta...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Um Deus nos acuda!

Autora: A nona pergunta: relate sua prática docente, suas concepções. Como a sra. vê o jeito que a sra. dava aula? A sra. utilizava algum teórico ou não? O que a sra. pode me falar...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Olha, eu sempre... primeiro... eu zelei muito pela disciplina, o ponto inicial para uma sala de aula. Não importa se é pequenininho, adolescente, não importa...

Autora: É verdade.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É, tem que ter disciplina, respeito, tem que ter, o aluno tem que entender que ele é aluno, e o professor está um degrau acima dele.

Autora: Cada um no seu quadrado.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Isso, pra com isso aí ter respeito...

Autora: Respeito.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E sempre assim, gostei de cobrar. Na nossa época era diferente, da de hoje...no magistério...com criança... mas, assim a... hoje não há aquela cobrança, a gente escuta, a gente ouve, não tem aquela cobrança de extraclasse, e essas atividades são importantes.

Autora: São.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Por que as crianças tentam fazer sozinhas, independentes, na sala de aula, a professora ou professor tira as dúvidas, faz as devidas correções, pelo menos faz que a criança tenha o dinamismo de tentar [...] se não fica só recebendo [barulho de veículos passando]

Autora: [palavra inaudível] A décima (pergunta): Conte-nos sobre as dificuldades no exercício da profissão enquanto gestora? A sra. foi diretora. A sra. tem que falar algumas dificuldades, como diretora.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Como diretora.

Autora: Sim.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É a dificuldade...é lidar com o excesso de cobrança dos pais, que sempre tentavam jogar toda a responsabilidade em cima da escola.

Autora: E continuam.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: “Tá.” E sendo o início, a base da educação é o lar, mas os pais, grande maioria dos pais, joga tudo pra cima da escola, tudo o que o aluno faz de errado na escola, na rua, em casa...

Autora: É culpa da escola.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Culpa da escola.

Autora: Deles não.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Deles não. Eu sempre acho que a educação, absorveu demais as obrigações...

Autora: Às vezes a escola está fazendo papel de, da família e a família está falando “Graças a Deus”.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E a família dá a, a educação, dá o dentista, o médico, e aí os pais, eles é, mais e mais cobram, infelizmente o que é dado, de graça não tem valor. O ser humano não valoriza.

Autora: Não valoriza.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não valoriza o... que conseguiu. A dificuldade é a falta de responsabilidade de alguns profissionais... que não é fácil, porque tem profissionais que só querem o salário no final do mês.

Autora: Só estão lá para poder marcar o... a presença...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Assinar o livro de ponto.

Autora: ... e não mudou muito não! Já observei isso, enquanto a gente está lá tentando, o outro...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Está esperando o relógio correr... e se tiver um tempinho, foge mais cedo. Não é fácil.

Autora: Não é.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É você chegar... a gente na direção é uma professora, e tem que chegar pra chamar a atenção de um colega.

Autora: E depois a sra...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Você não é diretora, você está diretora...

Autora: E o outro fica: “Ela está se achando, quando era diretora!” Pois sempre tem isso. Eles abusam...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: “Quem ela pensa que é?”. Você “tá” ali, você assumiu aquela pasta.

Autora: Sim, verdade.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Você é responsável.

Autora: Não é deixar largado.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Você tem que responder.

Autora: Não é fácil, não. Só posso imaginar o que a sra. e a sra. disse que não foi fácil mesmo. Foi guerreira mesmo. Ó, a última pergunta: Relate seu tempo de aposentadorias. A sra. se aposentou e o que a sra. tem feito daí em diante? A sra. aposentou das duas cadeiras...?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Das duas cadeiras, eu tinha 30 dias de diferença de uma cadeira para a outra.

Autora: Ahn, olha!!! [riso]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: [riso]

Autora: Então, a sra. foi rápida para aposentar, falou assim [palavra inaudível] [riso]. Sabe que eu é, a cada 5 anos tem direito a licença-prêmio, eu nunca tirei as licença(s)-prêmio(s). Eu deixava (sem tirar) por isso aposentei cedo.

Autora: Certo.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não tem dobro e as minhas amigas falavam assim “Ai, que que isso, vamos tirar, a gente tem direito!” E se você morrer antes de aposentar? Não, eu falei

eu vou deixar... contar em dobro, mas eu vou deixar pra aposentadoria. Por que se eu ficar sem 6 meses fora da escola, eu não sei se volto. [risos]. Eu falava isso, eu... eles gozaram todas as licenças que tinham direito, eu sempre pensando lá na frente na aposentadoria.

Autora: Certo.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E engraçado, que depois teve uma mudança na lei, na legislação, inclusive eu tive que pagar pedágio, pelo período que eu fiquei na direção.

Autora: A sra... o que é pedágio? Como assim?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Por exemplo, o professor, ele aposenta com 25 anos de trabalho, e quando eu completei os 25 anos, que eu montei o processo pra aposentadoria, veio o período de pedágio que eu tinha, o tempo a mais, o período que eu estava na direção não contava, não inseria nos 25 anos. Então, eu teria que trabalhar 30 (anos).

Autora: A sra. teve que pagar essa diferença.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Tive que pagar essa diferença. Então, eu trabalhei 28 anos, 2 meses e 27 dias, assim saiu no Diário Oficial...

Autora: [trecho inaudível]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: 27 dias. Trabalhei a mais pra pagar o período que eu...

Autora: Para não sair com essa diferença na hora de aposentar...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É.

Autora: Nossa, a sra. lembra quando aposentou?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Fui para o administrativo (setor).

Autora: Para o administrativo.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Foi 16 anos, eu parei em 2005.

Autora: O que a sra. tem feito nesse período (pós-aposentadoria)? A sra. se dedicou aos trabalhos manuais?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Assumi a cozinha.

Autora: Assumi a cozinha?

[Neste momento da entrevista, a colaboradora divertiu-se bastante, rindo, pois um dos seus sonhos, nos tempos de correria como diretora e professora, era literalmente assumir “as panelas”!]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: [risos]. Nas minhas panelas ninguém mais pôs as mãos!

Autora: Muito bem!! [riso]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É tão difícil quando você chega pra almoçar, e às vezes eu saía lá, 11h40, ia almoçar e retornava à 13h (para a escola).

Autora: Aquela correria.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Aquela correria, punha o almoço na mesa. A comida não está te agradando.

Autora: Não é aquilo que... não é aquela (comida) que a gente faz.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É. As minhas funcionárias sempre duraram muitos anos, as minhas funcionárias, a que durou menos foi 6 anos e ela tinha chagas (Doença de Chagas) e ela faleceu. Mas as minhas funcionárias duram 15 anos,

Autora: Não, que a sra. é uma excelente empregadora, porque algumas não duram muito.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Tem dia que a pessoa não está...

Autora: Tem dia que não é o dia.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não é o dia.

Autora: Tem que fazer, por que realmente quando a gente não está bem, parece que tudo sai, não é do jeito...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Com os alimentos você tem que preparar, você tem que...

Autora: Fazer com amor.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Fazer com amor. E tinha dia que chegava assim, olhava nas... em cima da mesa, pensava “Meu Deus!” Uma gororoba... [risos]

Autora: A sra. hoje... [risos] mas a sra....e essa questão do doce, a sra. sempre fez quando era professora?

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu sempre gostei de cozinha, de fazer torta, fazer doce e sempre gostei dessas coisas, mesmo quando dando aula, sábado e domingo ia pra fazenda, matei porco.

Autora: A sra. participou.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Sempre gostei.

Autora: Requeijão...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Coisas de fazenda, coisas rústicas, o queijo, o requeijão.

Autora: Eu lembro da minha vó, fazendo queijo, requeijão. No vô Ed, eu lembro da vó Jovita fazendo doce, até hoje, eu tenho aquele doce de bolinha de queijo na memória. Eu falo “Gente, olha, como a gente é!”

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu sempre gostei...fim de semana a gente ia na fazenda, fazendo essas coisas, sempre gostava. E aí comecei a fazer doces, doces de leite.

Autora: Isso depois de aposentada...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu comecei um pouco antes de aposentar. Comecei a me preparar pensando na aposentadoria.

Autora: Começou...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Depois ela (a aposentadoria). Mas sempre assim, eu sempre tive uma pessoa me ajudando, e aí fui fazendo os doces, os doces de barrinha. Doce de leite feito no tacho, com colher de pau. É o caseiro.

Autora: Misericórdia. Nossa Senhora!

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não é doce, adoçado com glicose, é o açúcar.

Autora: É de casa, caseiro.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Caseiro de verdade. O requeijão sempre gostei de comer, de fazer. Eu tenho um mal muito grande, eu gosto de comer o que eu faço. [riso]

Autora: Eu tenho um problema muito grande, tireoide, e diminuir o consumo de doce... é meu Deus... minha família é doceira, gosta muito de doces. Tive que parar um pouco. Meu Deus. Deixa eu perguntar um negócio para a senhora. A sra. vende doce em algum supermercado ou como é...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Na época eu comecei a colocar em supermercados, mas há um desrespeito muito grande, de produto. Os supermercados vão crescendo e fica muito na mão de funcionário e, também, eu fui diminuindo. Eu fazia muito. Todos os dias da semana eu tinha. Fazer 12 tachos.

Autora: Nossa.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu já tinha três funcionários. Você quer saber de uma coisa, vou diminuir. Então, hoje eu trabalho, eu tenho uma clientela, que liga pedindo...

Autora: E a sra. faz...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: E eu tenho um vendedor... que pega todos os dias, sete horas da manhã, de segunda a sexta (-feira)

Autora: Que legal.

Autora: Mas a sra. faz o doce, ou a sra. terceirizou para outra pessoa.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não, eu tenho ajudante... eu tenho ajudante. Hoje nós fizemos requeijão, a menina (funcionária) está fazendo a limpeza agora. Terminamos. Essa parte de limpar, lavar, é já mais penoso, a gente cansa.

Autora: É mais custoso.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Não estou mais novinha... [riso]

Autora: Ai, dona Alcione [riso]

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Essa parte aí...

Autora: Tem um vendedor que vende pra senhora.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Que vende pra mim na cidade...e eu tenho uma clientela, em Santa Fé (do Sul, SP), Três Fronteiras (SP), em Urânia (SP), em Jales(SP).

Autora: Nossa, bem conhecido.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: em Estrela d'Oeste (SP). A cada 20 dias, eu levo (doces), mais o queijo e requeijão.

Autora: A sra. já tem uma clientela já...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: São mercados pequenos, de porte pequeno, porque a gente não tem o selo da Vigilância Sanitária... tem o SINPE⁴², Serviço de Inspeção Federal, que dá direito de vender dentro, fora não. Mas aqui não vendo dentro dos mercados, de acordo com a venda, vou produzindo. Antes eu trabalhava com leite de fora, trabalho com o meu leite, dá uma diminuída na venda, eu entrego leite para o laticínio, então, o laticínio pega todo dia, eu separo o tanto que vou usar. É pertinho, vou buscar, e mas o dia que dá aquele acúmulo, final de mês, diminui as vendas, o laticínio leva mais (leite).

Autora: Eu estava vendo, que legal, a sra. começou a vender doce, e aproveitar sua aposentadoria, e a senhora pode dizer que a senhora está bem satisfeita, a senhora quer, aproveitou.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Eu faço o que eu gosto. Eu canso, cansa. Vendo as colegas que também aposentaram mais... depois de mim, eu aposentei muito antes, elas não, porque mais ainda, porque elas não tiveram as licenças-prêmio, mas aí esse pessoal, jogam baralho o dia todo, falam “Ah, larga mão disso, é cansativo”.

Autora: Mas cada um tem que aproveitar do jeito que gosta...

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Gente, “tá”, eu não dou conta de ficar sentada.

Autora: Então, se a senhora não gosta... eu acho que cada um tem que fazer o que gosta.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: É questão de natureza.

Autora: Eu, por exemplo, gosto de assistir a séries, quando não tem nada pra fazer.

Alcione Oliveira Leal Rodrigues: Um filminho.

Autora: A sra. por exemplo não gosta... pra fazer trabalhos, tem que ler bastante, as minhas... os meus estudos...

[fim da entrevista]

⁴² Na verdade, a sigla correta para o Serviço de Inspeção Federal é SIF, órgão responsável por garantir a qualidade dos produtos de origem animal, comestíveis ou não.

Cleusa Maria Molinari da Costa

[00:01 a 00:14] Os segundos iniciais referem-se às tentativas de acesso da dona Cleusa à plataforma Zoom]

[00:15] **Autora:** Boa tarde para a senhora [...] dona Cleusa!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Boa tarde!

Autora: É uma honra sua participação na minha pesquisa... agradeço de coração, a sua participação tão especial nesse momento, que é uma forma de homenagear a senhora pelos anos de trabalho, que a senhora passou... teve, e estou muito feliz e emocionada pela sua presença virtual, e quero um dia conhecê-la... se possível, “tá”?

Cleusa Maria Molinari da Costa: ‘Tá’ bom. Estou com saudade de Mato Grosso do Sul, porque eu fiquei vinte e três anos em Paranaíba... pra mim é uma homenagem isso. É um fato que a gente classifica sim de... de semente colhida, uma semente que nós plantamos, que é o conhecimento, a conscientização, desde a política, econômica, social, que a gente tem como tarefa, não é só querer ensinar, ensinar, mas também conscientizar. Isso é meu grande... projeto, de... professora, como professora, levar o conhecimento [...] é um aspecto... firme, que é aquilo, objetivo, é... a tarefa..., mas a conscientização do aluno, eu achava muito importante, muitas vezes brincando, deixando-os participar com algumas... colocações, mas a gente brincava, aprendendo. Eu acho que a gente consegue colher... e até trilhar, fazer uma trilhagem do que você tem que fazer... a conscientização, a conscientização social, onde eu vivo, o que que eu faço, por que eu estou aqui, o que será de mim [...] a conscientização de vida, por exemplo, econômica, a religiosa, e a conscientização política, que é essa, é claro, como eu fui professora de História, de Sociologia, tudo entra.

Autora: Certo.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Isso é um prazer, viu?

Autora: O prazer é meu, enorme [risos]. Estou aqui aprendendo com a senhora, demais, lendo seu questionário, a gente conversando... estou aqui aprendendo... estou aqui. Vamos começar... qual é o nome completo da senhora, por favor?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Cleusa (com S, viu?) Maria Molinari da Costa.

Autora: Certo. A data de nascimento da senhora, por favor?

Cleusa Maria Molinari da Costa: 20 de abril de 1953.

Autora: O estado civil da senhora?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Casada.

Autora: A senhora tem quantos filhos?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Três filhos homens.

Autora: Oh, três filhos... olha que benção...

Cleusa Maria Molinari da Costa: O mais velho está fazendo aniversário.

Autora: Parabéns! Que benção!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Graças a Deus!

Autora: É aquele (filho) que mora na cidade da senhora, que a senhora foi acompanhar, ou não? (A dona Cleusa contou em uma de nossas conversas sobre um dos filhos dela que morava em São Gotardo, antes dela se mudar para lá).

Cleusa Maria Molinari da Costa: Todos moram aí. Todos.

Autora: A senhora reside em São Gotardo, MG?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Sim.

Autora: Há quantos anos?

Cleusa Maria Molinari da Costa: 23 (vinte e três) anos

Autora: E a senhora... nasceu, é natural de qual cidade?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Eu sou de São Paulo, capital.

Autora: Como a sra. foi parar no Mato Grosso do Sul?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Porque eu comecei um namoro em São Paulo (SP), aliás, comecei numa empresa, que era consultoria... na área em que eu estudava.... eu fui trabalhar e conheci meu marido lá, nós trabalhamos juntos e juntos nós ficamos [risos].

Autora: Ah, de Paranaíba, e a sra. está casada há quantos anos?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Olha, eu me casei em 1974. Quantos anos faz? Não sei. [risos]

Há muitos anos.

Autora: A minha irmã nasceu em dezembro de 74. Acho que 47 [...].

Cleusa Maria Molinari da Costa: Acho que 46 anos [...]. Logo, logo, 50.

Autora: Parabéns! Não é fácil, não, na conjuntura atual, os casamentos [...] Dona Cleusa, como foi a infância e adolescência da senhora? Pode relatar à vontade!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Posso relatar sim. Eu tenho muito orgulho do que eu vivi, uma família simples, trabalhadora, São Paulo (a cidade) na época era muito diferente, de hoje a gente tem, hoje está impossível... quase viver. Minha família toda está lá, por parte do meu pai e da minha mãe também, porque eu sou neta de italianos e meu nono... que a gente chama nono e nona, em italiano. Meu nono é de Portugal, nascido em Portugal [...] eu tenho a descendência dos dois, italiano e português [...] olha, eu sou filha única e a gente cresceu no bairro de São Paulo, a Lapa, que é ,era meio junto, porque meus avós compraram casas, ali perto do bairro, perto da outra e acabou ficando ali a família da minha vó, por parte de mãe...e quando minha mãe casou... ela teve a casa dela, e ali eu vivi. Eu nasci ali, nasci na Lapa, e... nós vivemos até eu casar, que eu casei em 1974.

Autora: Sim.

Cleusa Maria Molinari da Costa: 1974... isso mesmo... e... 1976 eu fui para Paranaíba.

Autora: 1976, o ano em que eu nasci [risos]

Cleusa Maria Molinari da Costa: 1976, o meu filho mais velho estava com 8 meses. Eu estava grávida do segundo (filho). Eu fui para Paranaíba grávida, grávida do segundo. E aqui (em São Gotardo, MG) eu tive o terceiro. Nasceu aqui. [risos]

A autora: A profissão da senhora? A sra. já era professora?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não... eu fiz a Pedagogia, até eu fiz em Jales (SP), depois Pereira Barreto (SP), fizemos graduação... naqueles cursos de pós-graduação, mas já era pedagoga. Mas, na verdade, eu fiz depois um concurso de pós-graduação, aqui em Minas Gerais, em BH (Belo Horizonte), na cidade de BH, a capital, nós fizemos, uma turma grandinha, ia uma van (transporte alternativo de passageiros) eu fiz pós-graduação em Meio Ambiente, porque eu gostava de área... Gestão do Meio Ambiente, sempre gostei. Geografia, por que eu sou geógrafa...

Autora: Sim.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Geógrafa, bacharel... eu gosto dessa área. Sempre gostei, eu dava aulas de Geografia, mas eu dava aulas de História, aulas de Sociologia [...] aquela antiga Educação Moral e Cívica (EMC).

Autora: Eu lembro [...]

Cleusa Maria Molinari da Costa: OSPB (Organização Social e Política Brasileira), dei aulas de muitas disciplinas.

Autora: Eu lembro lá no Zé Garcia (Escola José Garcia Leal), tinha Horticultura, também, Horticultura... tão diferente de hoje...

Cleusa Maria Molinari da Costa: E tinha Filosofia, aulas de Filosofia, eu gostava. E aqui eu dei aula de Filosofia na faculdade [risos]

Autora: Meu orientador dava aula de Filosofia, se não me engano, ele me deu aula de Filosofia, para nós, é interessante, professora, a gente vai pensar, por que daquilo... é muito legal, hoje está tão diferente, quando a senhora relata e quando a sra. foi diretora do Zé Garcia (Escola José Garcia Leal). A sra. relatando que a senhora fez em escola pública? A sra. tem orgulho de ter estudado em escola pública...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Muito orgulho, minhas escolas que eu passei, os cursos, até terminar, pra faculdade, pra faculdade, eu tive que fazer cursinho, antigamente, existia o cursinho e o mais famoso era o Objetivo (da franquia Colégio Objetivo), lá em São Paulo (SP), era famoso, mas não tinha dinheiro para pagar o Objetivo não. Eu fiz um curso na Praça da Sé (na cidade de São Paulo), eu só não lembro do nome, eu fiz esse curso, cursinho, para a faculdade. Era muito comum, todo mundo tinha que fazer esse cursinho, e fiz um que era mais barato, que era na Praça da Sé... ia todo dia, ia todos os dias, cedinho, ficava o dia todo, era com professores muito bons, eu não esqueço dele. E por que eu prestei na USP (Universidade do Estado de São Paulo), e minha mãe me falou e meu pai também “Cleusa, se você estudar, e vai conseguir, se você passar nesse...curso que você quer, tem que ser na USP, por que nós não temos como pagar sua faculdade”. Faculdade era cara. E ainda é... eu dei tudo de mim pra entrar e entrei [riso] e foi isso!

Autora: Não é fácil, realmente, fazer faculdade, ingressar, fazer vestibular, principalmente nessas universidades... é difícil. Tem que ter muita dedicação, muito estudo... a formação profissional, onde a sra. começou a trabalhar. Qual o período de trabalho? O que a sra. pode relatar pra gente?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Eu tive várias coisas antes [...] do meu curso, da minha profissão, chamaria profissão, porque nós geógrafos, é profissão. Antes da Geografia, como eu ainda estava na faculdade, eu fiz alguns trabalhos, como *trainee*, um estágio, então, eu trabalhei numa empresa de assessoria administrativa, que eu queria aprender com eles... o que fazer um trabalho muito bacana, com as cidades... da grande São Paulo, Embu... uma série de cidades, ali em volta, que é... faziam cadastro... tem um nome... que não me lembro e inclusive meu marido também participou, foi onde a gente trabalhou juntos... eu gostava muito dessa área... é a área que você trabalha meio ambiente, você dá uma engrenada em tudo..., você faz uma misturada, por que você mexe com medição, você mexe com meio ambiente, você mexe com

a codificação, cadastramento da área, e tudo isso aí e até com topografia... começou assim, eu gostei, achei bacana, mas é muito difícil mulher mexer com isso... fui para a área mais administrativa... aí eu fui para uma empresa, em São Paulo, chamada Planasa (Planejamento e Assessoria Administrativa), essa eu lembro bem... muito boa, que fazia esse trabalho de cadastramento... da, de todas as regiões, os polos de São Paulo, como era muito grande, era um trabalho imenso. E dali, enquanto eu estava trabalhando lá, foi muito bom aprendi muita coisa, mas aí, dali que eu fui pra outro trabalho, foi meu último trabalho, eu fui pra Mato Grosso (do Sul)... sim, fui para o Mato Grosso [risos].

[Trecho inaudível]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Tem hora que [...] e foi em 1976, que eu fui para Mato Grosso do Sul, Paranaíba.

Autora: Aí no Mato Grosso do Sul, começando: a sra. começou a dar aula quando? Mais ou menos, não precisa ser uma data específica.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Minha filha, minha cunhada já morava aí, a família morava daí de Paranaíba, e ela falava “já arrumei até serviço pra você” e eu falei “Nossa, nem cheguei com a mudança”, ela (a cunhada) falou: “No dia seguinte você vai trabalhar” e eu já separei até uma caixa específica com os meus livros e tudo, por que ela... ela me arrumou um trabalho na escola, que era a escola lá em cima... como chama... lá em cima na...

Autora: (Escola)Wladislau (Garcia Gomes)?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não, a outra do lado de cá...

Autora: Escola Aracilda, Maria Luiza...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Aracilda! A Escola Aracilda, eu comecei. Eu comecei como diretora, por que a diretora largou a escola, foi embora! Sumiu de um dia para outro...

Autora: [risos]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Ela arrumou a mudança dela de madrugada, ela sumiu. Eu falei “Nossa, eu vou entrar na direção?”, “Não, o seu currículo é pra diretora” (disseram) e eu já fui entrando pro Aracilda...

Autora: Quanto tempo a senhora ficou na direção lá?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Ah, não, acho que acabar o ano foi, de agosto a dezembro [...]

Autora: Foi temporário.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Aí depois, a escolha era diferente, não era por currículo, tinha escolha lá... da Secretaria de Educação, ali eu fui. [trecho inaudível], aí, vou te falar, sabe quantas matérias fui dar? Sete matérias eu peguei para lecionar! [risos]

Autora: Nossa Senhora! [risos] olha, por que aqui a sra. foi diretora da Escola José Garcia (Leal), de 1983 a 1985?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Sim.

Autora: Eu conversei com a funcionária, da época em que eu estudei (na Escola José Garcia Leal) a dona Eurídice.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Sei.

Autora: E ela, a dona Eurídice faz doces, e eu perguntei “A sra. lembra da diretora Cleusa Molinari, e ela respondeu “Foi muito boa diretora” e eu pensei “Tenho que contar para a dona Cleusa e que ela lembra dela”.

Cleusa Maria Molinari da Costa: [trecho inaudível]

Autora: Ela está bem de idade, faz doces, mora aqui perto.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Deve estar.

Autora: Ela elogiou sua gestão.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Eu queria muito bem ela... um trabalho pesado, trabalhando nas lanchonetes, aguentando muita coisa dos alunos, eles são terríveis, mas é bom que a gente fica sabendo disso, é muito bom.

Autora: Como a gente diz, é muito bom. Faz muitos anos... e dona Cleusa como a sra. entrou para ser diretora do José Garcia? A sra. estava dando aula...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Ah, política, política, minha filha. Nossa, quando eu entrei em Paranaíba, que eu vi o coronelismo, eu falei “Meu Deus, onde que eu fui parar?” [risos]

Autora: Desse jeito...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Eu brigava, eu fazia de tudo, e agora? Eu falei assim “Gente do céu, e agora?” Aí, na época, quem ganhou? Era de uma família aí, cujo rapaz o meu marido era muito amigo, ele falou assim “Dona Cleusa, a senhora quer um lugar para a senhora trabalhar?” e (respondi) “Qualquer coisa na educação eu quero!”, “Eu quero professora” – falei pra ele. E ele falou “Nananinã⁴³, você vai ser diretora!”. Eu falei “eu tenho curso para direção, orientação vocacional... coordenação... pedagógica, tinha esses cursos”. Ele (o amigo) falou: “Você vai ter”. Eu falei “Quero experimentar” Aí eu fiquei, eu fiquei só 02 (dois) anos.

Autora: É, que eu peguei no PPP (Projeto Político Pedagógico), dois anos a senhora esteve como diretora.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Isso, eu gostei e tudo, mas não era o que eu queria. Eu acho que não é isso que eu queria. Eu acho, achava melhor, eu passar os conhecimentos pra

⁴³ É uma gíria utilizada em negativas, significa “não”, “de jeito nenhum”. Fonte: Dicionário Informal.

conscientização, que eu falo muito e outra coisa é só administrativo... é diferencial... em dois anos tinha que ter eleição... eu falei não, não quero entrar, eleição não quis entrar, aí entra muita política, tudo entra política...

Autora: Durante essa trajetória da senhora na gestão, quais são as dificuldades que a sra. encontrou, que a sra. pensou “Meu Deus!”, porque quando a gente está lecionando é diferente essa responsabilidade administrativa... o que a sra. achou o maior desafio? Ou dificuldade, que a sra. pode me falar?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não, eu não considerei desafio, porque na verdade lá no Aracilda (escola), eu já “tava”, tive uma primeira experiência. Eu percebi como era, as coisas que eu devia selecionar, sim, em termos de ação, e muito cuidado pra conversar e saber das pessoas... conhecer melhor... as pessoas, e o que que acontece, você é um... como que eles falam... “pau rodado⁴⁴”... é... “você é de fora, você não tem que mandar aqui, tem que abaixar a cabeça [...]” muita humildade pra ser bem recebida... esse foi o grande desafio, porque eu tive umas coisas meio “brabas⁴⁵” no início e mesmo porque por causa da política, também. Porque você é desse lado ou daquele (política). Eu não era de lado nenhum. Eu estava ali chegando... e nem conhecia essas pessoas, políticas...

Autora: Políticas...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Mas antigamente era do governo, na época que eu cheguei a tal da eleição... eu fui assim tranquila, eu acho... desafio é desafio. A gente mostra a que veio e continuei tranquila depois, quem saiu na época era a... dona... como ela chamava...a diretora... ela já “tava” de idade... não “tava” aguentando mais trabalhar... eu não lembro agora o nome dela... eu sei que ela saiu e eu entrei.

Autora: Eu acho que já sei, eu tenho aqui, a professora Esther de Mendonça.

Cleusa Maria Molinari da Costa: A Esther de Mendonça, muito amiga minha e minha vizinha. Ela foi minha vizinha... eu fui morar em frente à casa dela.

Autora: A professora Esther teve dois períodos... assim ela ficou de 1965 a 1983 (na gestão) foi bem... realmente... a que ficou mais... a diretora com mais longevidade no cargo mesmo foi ela.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Ela (Esther de Mendonça) é viva ainda?

Autora: Não, é falecida.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Ah...

⁴⁴ Expressão popular que designa os forasteiros que tentam fixar-se em determinado lugar. Fonte: Dicionário Informal.

⁴⁵ Expressão popular que designa as pessoas bravas, grosseiras. Fonte: Dicionário Informal.

Autora: Dona Cleusa... a imagem da senhora congelou.⁴⁶

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁴⁷]

Autora: A imagem da senhora...

Cleusa Maria Molinari da Costa: ‘Tô aqui’...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁴⁸]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Vamos continuar.

Autora: Agora, quando a sra. era professora, lecionava, a senhora seguia algum teórico, Paulo Freire... algum...?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Sim.

Autora: O que a sra. pode falar? A sua prática docente era como, nesse ponto, seguia algum teórico?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Que... como eu iniciei, eu tinha que seguir até o fim. Eu tenho 40 (quarenta) anos de educação, quando eu parei em 2010, 40 (quarenta) anos... eu comecei... alfabetizando adultos, no famoso curso de alfabetização... ah, gente, como era o nome... ah, são coisas antigas... curso de alfabetização que o governo criou.

Autora: Não era MOBREAL, não?

Cleusa Maria Molinari da Costa: MOBREAL⁴⁹. MOBREAL? Movimento Brasileiro de Alfabetização.

Autora: Sim.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Eu comecei a lecionar, eu “tava” no último ano, penúltimo/ último semestre da faculdade e eu gostei muito. Eu comecei com pessoas idosas, depois eu fui pro CEASA⁵⁰, trabalhar com os carregadores, eu tinha que pegar eles, a mão deles, pra eles saberem pegar o lápis, ensinar a pegar o lápis. Nossa, foi uma experiência única. E eu fiquei feliz com isso, porque chegamos em três meses todos alfabetizados, era um programa do MOBREAL, foi um excelente programa, foi quando o Brasil saiu daquela, daquele estatística horrorosa de alfabetização, de analfabeto. Bom, esse foi o desafio que nós vencemos. Foi muito bom, gostei.

[Trecho inaudível]

⁴⁶ Termo utilizado quando a imagem de uma pessoa fica parada em transmissão pela internet, ou seja, há um problema de vídeo.

⁴⁷ Queda do sinal da Internet.

⁴⁸ Queda do sinal da Internet.

⁴⁹ Foi um programa criado pelo governo federal, com o intuito de erradicar o analfabetismo, em dezembro de 1967, pela Lei nº 5.379, todavia colocado na prática no ano de 1970, durante os anos de ditadura militar no Brasil. <Fonte: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/66-filme/191-mobral.html>> Acesso em 08 nov. 2021.

⁵⁰ Centro Estadual de Abastecimento do Estado de São Paulo. <Fonte: <https://www.ceagesp.org/ceasa-sp/>> Acesso em: 08 nov. 2021.

Autora: Prática docente, a senhora estava explicando... que segue algum teórico...

Cleusa Maria Molinari da Costa: ... essa primeira experiência foi tão marcante, que eu fui fazer até capacitações, conferências e como se chama... quando junta todo o pessoal...

Autora: Classes seriadas?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não, não, junta todos os professores e vai te lá uma...

Autora: Curso de Formação? Continuada?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não, não, tem esses nomes aí específicos, não é esses temas. É, eu fui pra Goiânia (GO), representando Paranaíba, naquele... no encontro dos professores de todo, não só do estado, de todo o país, eu fui representando a nossa região... de Mato Grosso do Sul e... era com quem... com quem... que foi a base pra mim de tudo, porque eu comecei no MOBRAL . Quem era que fez o MOBRAL? Paulo Freire.

Autora: Opa!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Esse encontro, foi ele (Paulo Freire) que abriu. “Meu Deus, eu chorava! Oh, sabe o que que é? Eu chorava, porque era tanta gente, que eu sabia que não ia te jeito de chegar perto dele”. E eu conhecia pelo MOBRAL e tinha o maior orgulho de estar no MOBRAL por causa dele (Paulo Freire). Ele era muito famoso... eu sabia que não ia chegar (perto) mas eu não tive problema, não, que que eu fiz, eu falei assim “Olha não pode ser essa vez, mas pode ser de outra, eu fiquei muito contente, e ali... eu voltei, repassei, multipliquei tudo que eu trouxe de lá... de Goiânia e foi muito bacana...” o que sempre eu segui? Sempre segui Paulo Freire. E até hoje eu falo para as professoras “Gente, lê Paulo Freire, por favor! Não larga, que não, ainda bem é útil, muito bom”.

Autora: Muito atual... Sempre é bom...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Sempre vai ser...

Autora: Dona Cleusa, a sra. pode relatar um acontecimento que marcou a gestão, quando a sra. estava à frente da Escola Zé Garcia (José Garcia Leal), que marcou a senhora, e a sra. nunca esqueceu?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Nossa. Os eventos eram muito bacana, por que os pais ficavam conversando mais à vontade, então, a gente sempre ouvia alguma coisa, tanto elogio quanto às vezes sugestões, que não vamos chamar de crítica e nem reclamação, fizeram sugestões, o que eu sempre falo, a gente tem sempre que escutar o povo falar [riso]... os pais, eles falavam, eu aceitava, eu não tive assim nada muito fora do normal, não... a gente respeita tudo que vem... do governo, de lá de cima, do estado, federal, do estado, a gente tem que respeitar... eu sempre eu não faltava com nada, sempre deixava tudo em dia, tinha muito cuidado com essa parte... de administração, como diretora, agora e também...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵¹]

Autora: Dona Cleusa?

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵²]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Oi? A internet aí “tá” ruim? “Tá” ouvindo? A internet “tá” ruim...

Autora: E é fibra óptica... oscilava...

Cleusa Maria Molinari da Costa: É... que eu “tava” falando que assim a gente não tem cem por cento de... de gente a seu favor... sempre tem oposição, esse é um lado que me deixava muito triste, eu ficava chateada, realmente, quando eu escutava coisas, outros vinham falar, por que têm os fofoqueiros de plantão...

Autora: Sempre...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Quando acontecia eu pegava, e tudo isso tem, onde tem pessoas, trabalhando junto, eu acho que... não falta... às vezes eu lembro disso... eu fico assim... só lembrando, mas não me toca mais não, são coisas do passado...

Autora: É. Experiências...

Cleusa Maria Molinari da Costa: É. Experiências... eu tive um trabalho muito gratificante, não tenho que reclamar daí, dessa escola não, das outras escolas e até aquela escola lá embaixo, no fim da avenida... eu morava na avenida, aí., que sai da praça (da República, no centro da cidade de Paranaíba) e vai.

Autora: Av. Coronel Augusto Correa da Costa...

Cleusa Maria Molinari da Costa: É.

Autora: A Escola Gustavo (Rodrigues da Silva).

Cleusa Maria Molinari da Costa: Isso, a Escola Gustavo, eu trabalhei, morava ali, pertinho. É... eu trabalhei no Aracilda (Escola Aracilda), eu trabalhei no Afonso Pena, Afonso Pena? Não! [risos] Lá da Praça!

Autora: No José Garcia?

Cleusa Maria Molinari da Costa: No Zé Garcia, é.. acho que só...

Autora: E a senhora foi embora daqui e foi para a cidade de São Gotardo (MG). A sra... me contou que foi coordenadora ainda em São Gotardo?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Em São Gotardo, fui coordenadora.

Autora: Por quantos anos a sra. ficou como coordenadora?

⁵¹ Queda do sinal da internet.

⁵² Queda do sinal da internet.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Coordenação. Eu fiquei na coordenação. Eu fiquei por uns... quase dez anos praticamente, praticamente dez anos, sim, porque quando eu fiz uma reunião com todos os professores, eu “tava” na... coordenação pedagógica... e era fim de ano... aí era reunião de... celebrar... o ano, da gente... fazer uma reunião de café especial... e... aí, eu como “tava” na direção dessa escola na época e eu falei para eles que eu tinha uma gratidão muito grande com a amizade de todos, fui muito bem recebida, sabe, assim sempre me procuravam pra tudo... todas as vezes, que tinham uma coisa pra resolver (falavam): “Não, a Cleusa tem que participar, ela sabe, ela sabe”. Eu tinha sim muito prazer...

Autora: Que bom!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Contente com isso. Eu falei pra eles, ninguém sabia. Eu falei “2010 é uma data muito importante pra mim, porque nós estamos terminando esse ano, eu fui muito feliz com todos, eu não tive nada pra reclamar, não tive assim, se alguém não gostava de mim, eu tudo bem, do jeito que eu sou, do que eu “tava” fazendo, isso é normal, mas eu não tive problema, tive só alegrias, os eventos que se faz aqui... gosto muito de festa, faz muita festa na escola, tudo é festa... fui muito feliz nesses dez anos, tanto que eu fiquei todo esse tempo já, “tava” aposentada, eu não precisava trabalhar. Mas eu vou ficar fazendo o que? Aqui dentro de casa, eu não vou ficar, eu vou trabalhar. Então, fiquei até 2010, por que eu cheguei aqui em 2001, eu já cheguei aqui pra trabalhar, e fui até o final de 2010, final de ano... eu tenho essa notícia, foi...um...uma surpresa muito grande... pessoal falou “Não é possível! Você vai continuar!” Falei: “Vou continuar...é lá em casa!” [risos]

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵³]

Autora: Dona Cleusa? A senhora está me ouvindo? Dona Cleusa? Oi... dona Cleusa?

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵⁴]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Oi...

Autora: Essa internet...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Oi...

Autora: Não vou demorar, não... ô internet ajuda a gente [riso] Dona Cleusa?

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵⁵]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Oi. Ela (a internet) até desligou aqui...desligou aqui...[riso]

Autora: É... dona Cleusa? Como a sra. chegou na Associação de Combate ao Câncer? Como a sra. chegou lá?

⁵³ Queda do sinal da internet.

⁵⁴ Queda do sinal da internet.

⁵⁵ Queda do sinal da internet.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Então... seu eu parei com a educação, eu pensei assim “Ah, agora eu tenho que esquecer, não quero mais pensar em educação, não!”. A coisa já estava tão séria, naquela época que eu parei, nossa, eu estava achando um absurdo, as coisas da educação... um absurdo atrás do outro! Não aguento ver isso, pra mim, eu... que Paulo Freire ensinava tanta coisa, tão bom de... se aplicar, agora estava esculachado, professor ganhando, enrolando, ganhando, só fazendo pra ganhar... nossa senhora, eu falei assim “Não quero mais saber disso!. Vou sair desse meio!”. Infelizmente, viu, é a verdade, mas... tudo bem... eu comecei, assim, umas amizades bacanas, que eu sempre tive facilidade e eu cheguei nova e eu já peguei muitas amizades... uma amiga, que ficou muito amiga mesmo, ela diagnosticou câncer e eu fiquei muito preocupada e falei... mas ela tratou e graças a Deus fez cirurgia, ficou boa, fez o tratamento e tal, e ela fez esse tratamento em Barretos (SP), então “tá” bom... daí tudo bem... de repente um dia nós estávamos reunidos, por que nós formamos um grupinho de quatro amigas, três, quatro amigas, como ela, que tiveram câncer e eu falei assim pra ela “Ô Ivete, vamos fazer umas visitas ‘pras’ pessoas que têm câncer, ver se eles precisam de alguma coisa, o que que a gente pode ajudar, se eles comem alguma coisa especial pra gente poder arrumar pra eles, por que eu sei que a maioria é... pobre, não tem condições”, aí ela falou: “Vamo! Vamo começar!”. E nós começamos, só que quando nós começamos, a gente foi meio cortada no meio dessa história, por que o TFD que trabalha, o TFD é fora de domicílio, Tratamento Fora de Domicílio... ela tinha a lista dos pacientes com câncer, por que sai daqui da cidade para a cidade que tem o tratamento, mas ela negou... não podia por que era falta de ética ela passar nomes de quem “tava” com câncer e as pessoas nem gostavam de falar, que “tava” com câncer... minha mãe morreu de câncer cerebral... eu falei assim...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁵⁶]

Autora: Dona Cleusa? Gente, essa internet não “tá” legal! Oi, dona Cleusa? Estou aqui, “tá”? A internet “caiu” novamente... oi?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Oi... [riso]

Autora: A internet está dando trabalho pra nós!

Cleusa Maria Molinari da Costa: É...

Autora: Mas a sra. estava contando que a mãe da sra. faleceu de câncer cerebral, com um tumor e a sra. falando...

Cleusa Maria Molinari da Costa: É, pois é, e nós começamos a visitar... só que aí começou a passar um... captador de recursos de Barretos (SP), estava na região e veio, entrou em São

⁵⁶ Queda do sinal da internet.

Gotardo e Deus faz tudo, e ele faz, dá andamento... ele (o captador) entrou em São Gotardo, e procurou um assistente social da prefeitura, por que aqui tinha só sete pacientes em Barretos, por que não mandava pra Barretos e a gente “tava” numa reunião que a gente “tava” discutindo já montar uma diretoria pra nosso grupo e quando ele chegou, ele veio falar de Barretos. Quando ele falou, nossa, eu fiquei apaixonada com o que ele contou, por que eu não conhecia. Eu nunca tinha ido naquele hospital, por que Barretos é longe de São Paulo, minha mãe tratou em São Paulo, mesmo, por que São Paulo tem muito tratamento... eu peguei e fui... ouvindo aquilo e ficando arrepiada, falei, gente, é isso o que eu quero, isso que veio pra mim, e fiquei, até parei de respirar! Aí, “tá”... e começou tudo a estrada de novo...

Autora: Percebi, quando a sra. respondeu o questionário, eu vi o amor que a sra. tem, o trabalho, eu acessei a página (*Facebook*), curti a página (da Associação de Combate ao Câncer de São Gotardo-MG), eu falei “Gente!” e sempre estou observando, quando eu consigo, eu falei “Isso é bom demais!”, dona Cleusa. Em vez de ficar em casa, parada... a senhora...

Cleusa Maria Molinari da Costa: É, eu não fico! [risos] de jeito nenhum, ninguém me amarra, meu filho fala isso, quando ele chegou aqui (São Gotardo) primeiro, o mais velho (filho), ele chegou num restaurante que ele comia, falou pra dona assim “Dona Édma, a sra. é professora... me falaram que a sra deu aula”, falou “Sim, eu fui professora”, agora eu sou cozinheira, aí ele falou assim “Pelo amor de Deus, arruma um lugar pra minha mãe, por que eu não ‘guento’ ela em casa, não” [risos]

Autora: [risos] por que a sra. passa o dia a todo na Associação? Como que é?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Dia todo, não. Tem vez que igual hoje, a nossa secretária está de férias, aí hoje eu fui, fiquei até umas dez e meia, corri, fazer almoço, e à tarde, voltei uma hora e saí às cinco. Mas eu vou sempre mais é à tarde, se precisar de mim, às vezes chega paciente lá, só eu que faço o encaminhamento... eu tenho que ir lá.

Autora: Tem bastantes eventos que a sra. participa, “tava” olhando lá no *Face* (*Facebook*), vários eventos...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Tudo para o hospital. Agora o último é dia 21 (de novembro) a rifa do carro zerinho, um carro zero que nós “tamo” vendendo a rifa dele R\$ 1.000,00 cada rifa, e fizemos 240 rifas, então vai dar R\$240.000,00, é pro Hospital de Amor (Barretos), total.

Autora: Parabéns pela ação da senhora, de solidariedade, porque é difícil a gente ver... eu estava observando isso... parabéns!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Isso... porque o que dá dinheiro para Barretos, é o leilão. O leilão, aí Paranaíba faz, “tá” no vigésimo primeiro leilão ... esse é que eles gostam, porque

dá dinheiro, muito dinheiro. Como só fizemos virtual esse ano, nós fizemos um leilão virtual deu R\$150.000,00... e o leilão, a *live* que a gente fez com ... artistas daqui de Araxá (MG) nós fizemos a *live* deu mais R\$ 150.000,00.

Autora: Graças a Deus!

Cleusa Maria Molinari da Costa: [trecho inaudível]... valeu pelo ano, por causa da pandemia, que não pode juntar e eu não posso juntar mesmo, o nosso paciente de câncer não pode ter Covid, então, nossa, foi muito cuidado, muito difícil, agora já tá liberando.

Autora: Graças a Deus!

Autora: Que benção! Olha, dona Cleusa, eu “tava”lembrando, sim, como eu conheci a senhora... eu vi o nome da senhora, joguei no *Google*, e liguei pra senhora, a sra. me atendeu . Eu pensei assim “Deus que está agindo... é... tão maravilhoso o agir Dele, e as vezes a gente duvida, e peço sim, desculpas se eu incomodei nesse transcurso...”

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não, não...

Autora: Estou aprendendo demais... agradeço demais. Eu falei lá em Aparecida (do Taboado-MS) porque que eu trabalho em Aparecida... eu falei lá assim pra minha amiga “Olha, dá vontade de ir lá em Minas, pra conhecer a dona Cleusa!”[...] [risos]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Minha casa está aberta!

Autora: Senhora?

Cleusa Maria Molinari da Costa: “Tá” aberta! Vem, pode vir!

Autora: Deixa passar mais o tempo, por que eu morei em Ituiutaba-MG, em Uberaba, Ituiutaba...

Cleusa Maria Molinari da Costa: E eu fico a duzentos e cinquenta quilômetros de Uberaba. Chegou em Uberaba, pega ônibus pra cá.

Autora: A sra. me recebeu, tão bem, virtualmente, por causa da pandemia, é tão difícil e eu falei pro meu orientador e com minha amiga Ligian “Eu gosto da dona Cleusa, tanto que a gente conversa, eu atrapalho ela... desculpa...”.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Não atrapalha, não!

Autora: Pra mim é uma forma de homenagear, homenagear a senhora, pelo seu trabalho, pela sua experiência e quero que Deus retribua pra senhora, que deve estar retribuindo em triplo, quádruplo, pelo amor que a sra. transborda, pela conversa. A senhora... porque parece que a sra. não tem idade, a sra. parece tão nova, a sra. conversa, não é aquela pessoa rancorosa, parabéns, dona Cleusa!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Obrigada!

Autora: Eu... pra mim, estou emocionada, porque toda vez que eu converso com a senhora eu aprendo... estou aqui pra aprender, estou muito feliz de falar com a sra, com a sra. E eu quero falar assim, eu vou encerrar. Eu creio que vai para o *e-mail* da senhora essa gravação. Vou mostrar a gravação para o meu professor. Hoje eu vou deixá-lo louco, porque estou tão feliz!
[risos]

Cleusa Maria Molinari da Costa: Imagina... você sabe, deixa eu dizer uma coisa... depois de tantos anos... porque eu parei e... depois aqui foram tantos anos de educação, ... vê que minha missão na educação, mas ... é... é “tava” bem cansada, sabe, eu já tinha passado por coordenação, direção, professora de ensino médio, que não é fácil. Fui professora de faculdade, mas também não era o que eu queria, tava cansada, tava somando muito, é, muitas coisas, eu parei e conversando com uma grande amiga, que eu ganhei aqui, é japonesa, aqui tem muito japonês... eu falei assim pra ela “Que caminho você acha que eu deveria fazer?”. Ela é psicóloga, aí ela falou assim “Não, caminhos, é você que vai achar!”. “Eu não tenho como dizer pra você! Eu não sei que caminho, mas você vai ter, você vai encontrar!”. Toda vez que ela vinha, ela falava isso pra mim. “Não, você vai encontrar!”. “Calma, ele vai te mostrar”, ela falava (dizia a amiga) [riso] Foi dito e feito.

Autora: É verdade!

Cleusa Maria Molinari da Costa: O rapaz aqui (o captador de recursos) que, nossa, aquele dia foi, abriu um céu, sabe, azul, na minha frente, falei “Nossa, é isso mesmo, porque eu o Hospital de Amor, nossa, não existe!” Todo mundo tinha que conhecer! Você tem que conhecer! Só pra ver o tanto que é, é mais do que a gente fala, muito mais! E ele me ensinou muita coisa. Eu aprendo e ... e... já aprendi muita coisa com ele. Então, a gente tem que... passar!

Autora: A sra. tem mesmo!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Passar pra frente!

[trecho inaudível]

Autora: Senhora, quanto faz bem...

Cleusa Maria Molinari da Costa: E... nossos pacientes são todos, muito, é, gratos... pacientes são muito gratos pelo que recebem lá, a humanização é total... é um jeito muito bom da pessoa, a pessoa já tá doente, sabe que não tem cura... é tratado como família. É uma família! Tanto que nós temos uma casa de apoio lá, a casa onde eles ficam, os nossos pacientes, só daqui da cidade. A nossa casa tem um custo alto, mas ali eles ficam, eles dormem, tem a comida, tem o café da manhã, almoço, janta, tem uma zeladora, tem seu banho quente, tem tudo!

Autora: Que legal!

Cleusa Maria Molinari da Costa: É do lado do hospital.

Autora: Ai, que benção.

Cleusa Maria Molinari da Costa: Sai do portão, já tá no portão do hospital... a gente tem essa casa que é uma casa de apoio, de São Gotardo (MG).

Autora: É muito importante!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Paranaíba tem, também, eu já vi a placa lá... quem busca o melhor é Barretos, não tem outro.

Autora: Sim, sim.

Cleusa Maria Molinari da Costa: ... caiu na minha mão, que foi, que é, primeiro que caiu foi Paulo Freire... aí me caiu Henrique Prata, fiz até entrevista com ele, pra ele... tem gravado, vou mandar pra você!

Autora: Então, manda! Interessante. Deixa eu falar pra senhora, sim, eu vou procurar a senhora pra ver alguma foto, se a sra. pode passar, vou transcrever essa entrevista, que a sra. falou, pra colocar lá (na dissertação) e depois eu vou precisar... uma autorização, quando, eu... se Deus quiser... eu conseguir publicar a minha dissertação, eu vou precisar da autorização da senhora, tá?

Cleusa Maria Molinari da Costa: Aham... vai falando que eu tenho que pôr...

Autora: Dona Cleusa... eu vou encerrar (a entrevista)...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Tá...

Autora: Eu vou encerrar, que Deus abençoe a sra. abundantemente, muito obrigada, tá. Depois eu mando mais mensagens pra senhora! A sra. fica com Deus! Um beijo no coração da senhora!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Tá bom, a hora que você precisar, pode me convocar! [risos]

Autora: Obrigada, estou arrepiada de felicidade! Obrigada! Fica com Deus!

Cleusa Maria Molinari da Costa: Me faz muito bem isso!

Autora: Pra mim, fez bem até demais... [riso] beijo. Fica com Deus...

Cleusa Maria Molinari da Costa: Fica com Deus, também!

Autora: Amém, dona Cleusa! Tchau...

[fim da entrevista]

Laura Maria Rodrigues Salgueiro

Autora: Boa tarde, professora Laura, é um prazer, uma honra tê-la na minha pesquisa... que são memórias de diretoras escolares. Eu estou muito feliz de encontrá-la aqui... e agradeço demais. A senhora autorizou essa gravação. Muito obrigada. Eu gostaria que a senhora falasse algumas palavras, caso a senhora quisesse...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A honra é minha de poder participar e poder acrescentar alguma coisa na sua pesquisa.

Autora: Ah, muito obrigada... qual é o seu estado civil? O seu estado civil, professora?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Casada.

Autora: A senhora tem filhos?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Uma filha.

Autora: Você... a senhora falou, você falou que ela está fazendo faculdade...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Ela faz Odonto⁵⁷, quarto ano.

Autora: ... seu nome completo, por favor?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Laura Maria Rodrigues Salgueiro.

Autora: A sua data de nascimento...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: 07/11/1958.

Autora: O seu local de nascimento, por favor?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Paranaíba.

Autora: Professora, como é que foi a sua infância e sua adolescência? Você pode relatar, por gentileza? Foi toda aqui?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Foi toda aqui, maravilhosa, saudável, brincando, a gente brincava na rua...e voltava para casa à tarde, mas assim uma infância sadia, com bastante

⁵⁷ Curso de Odontologia, na cidade de Santa Fé do Sul-SP, segundo me contou a professora Laura, durante conversa no aplicativo de mensagens *Messenger/ Facebook, atual Meta*.

amigos, tanto é que pelo só temos a maioria dos amigos até hoje, então tenho muita saudade da minha infância, da adolescência também, porque apesar de eu ter saído para estudar com 14 anos, mas as férias são inesquecíveis... então, a gente recorda com carinho dessa época da vida.

Autora: (A infância) toda foi aqui, então, em Paranaíba?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: (Aqui a colaboradora faz um gesto positivo com a cabeça)

Autora: Só os 14 anos?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Após 14 anos, porque a minha família é do Rio de Janeiro, né, então a gente sempre passava férias lá, aí quando eu fui estudar inverteu: eu fui estudar no Rio de Janeiro e vinha passar as férias aqui, eu morando no Rio de Janeiro, morava com a minha avó depois da minha volta veio para cá e eu fiquei morando lá com a sogra do meu irmão e aí estudei lá por 5 anos, mas não terminei faculdade lá, ele veio embora, eu vim também aí terminei e fui fazer faculdade aqui, em Paranaíba.

Autora: Faculdade de que?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Fiz Ciências primeiro, depois fiz Pedagogia.

Autora: Qual faculdade?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Lá em Pereira Barreto (SP).

Autora: Você é aparentada do doutor Pedro (Eurico Salgueiro, médico conhecido na cidade de Paranaíba)?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Sou irmã.

Autora: Irmã dele. É uma família de bastante tradição aqui.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Minha família é bem conhecida. Meu pai é bem conhecido aqui não é, porque, meu quando meu pai veio do Rio de Janeiro para cá, para Paranaíba era muito pequena, então ele cresceu profissionalmente aqui, graças a Deus. Profissional honesto bem conhecido então a gente ficou aqui com aquela (expressão)“... é filha do seu Evandro!” ... graças a Deus a gente é conhecida aqui, como isso agora passou a ser a irmã do doutor Pedro [risos].

Autora: Mas eu tenho certeza de que é muito conhecida pelo seu trabalho também, muito que eu já ouvi falar muito bem.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu, graças a Deus foram 23 anos de, de direção da escola Manoel Garcia, saí de lá, em 2020 não é de 2020, mas tenho um grupo de amizade muito grande porque eu acho que eu fiz um trabalho perfeito, um trabalho humano. Não tenho inimizade com ninguém, talvez com alguma aluna, porque a gente tem que tomar algumas atitudes, mas eu acho que foi um trabalho bem-feito, graças a Deus e tem bastante reconhecimento, assim, de

pessoal de não talvez até tenha tido profissional, porque às vezes a gente nem sabe por que a pessoa não chega não fala, mas pessoal eu, graças a Deus, tenho.

Autora: Eu ouvi falar muito do seu nome e eu pesquisei no *Face (Facebook)* e conversei também no Museu, no arquivo histórico com outras professoras, com a professora Lídia, meu Deus do céu Lídia... conversei com ela e porque ela me indicou quem... os diretores antigos porque acho que esse pesquisa da década de 70 década a década de 90... e da escola Manoel fui lá na lá, busquei o PPP não e anotei tudo certinho, não encontrei fotos de diretor, mas eu encontrei os, a os nomes para eu poder pesquisar por isso que eu cheguei até aqui não... agora durante a sua infância e a sua adolescência já pensava na profissão de professor, diretor ou não pretendia essa profissão?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não, não pensava, não tinha assim... na realidade, eu logo fui estudar fora, eu pensava em ser arquiteta... mas não era, muito assim, se não... como se diz, era direcionada pra ser... então, a gente sem a mãe e sem o pai (os pais da diretora ficaram em Paranaíba), junto, era muito difícil...

Autora: Sim.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Em uma cidade grande, praticamente sozinha ... o Pedro, Pedro casou-se, veio pra cá, formou... eu falei “Ah, vou também” (riso). Eu cheguei aqui... quando eu cheguei aqui eu voltei eu fiz o magistério, eu já tinha o ensino médio, já tinha começado uma faculdade de Economia no Rio⁵⁸, aí fui fazer magistério aqui, vou ficar sem fazer nada vou fazer um magistério... a minha tia está, dona Nancy Ita, me arrumou para dar aula de inglês, que eu tinha inglês, ela me arrumou para dar aula de inglês, eu comecei tendo aula de inglês.

Autora: Uma mulher muito culta, não é, nossa...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Comecei a dar uma aula de inglês e aí fui aí eu já, já, já resolvi fazer das ciências primeiro, porque eu gosto muito da área de biológicas e depois fiz pedagogia, quando eu já estava no estado já era efetivo do estado, eu fui fazer pedagogia, porque eu tinha entrado para para assistir a diretora adjunta, e precisava de pedagogia ainda...

Autora: Aonde como diretora adjunta?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu entrei como diretor adjunto, no (Escola) Manoel, Manoel (na gestão do)⁵⁹ professor César... diretora adjunta dele e aí em 2000, ele morreu.

Autora: Sim, eu (me) lembro.

⁵⁸ Cidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁵⁹ Escola Estadual Manoel Leal Garcia, a qual já foi mencionada anteriormente.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu fui, passei a ser a diretora, mas foram 20 anos de diretora e 3 de (diretora) adjunta.

Autora: Nossa, muito tempo, porque eu, eu estava lendo (sobre) os diretores da escola primeiro... foi a dona Nadi Ferreira Chaves, que ela foi até minha vizinha, a Mair Leal de Souza, a Nelci Cândida de Faria e você, é, que ano que você entrou... que você entrou?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Para diretora?

Autora: Isso.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: De diretora adjunta, 1997.

Autora: E em 2000, de 2000 até 2020.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: ...de 2000 até 2020 eu fui diretora.

Autora: Sim, porque no PPP não tem (os períodos), eu só copiei, só copiei não tem datas... porque eu fiquei perdida nesse, nesse...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Tem o Tita também. O primeiro diretor foi o Tita.

Autora: Porque eu peguei só as diretoras... também o primeiro...na na minha dissertação eu menciono todos os diretores... desde o princípio né primeiro sim foi o tio também assim... É essa pergunta mas tem mais ou menos a ver por que é que escolheu a carreira docente, mas no caso você disse que como eu tinha... que é acho a sua tia convidou...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não é eu, não, não, estava só fazendo magistério, peguei aula comecei dar aula no (Escola) Antônio Garcia, não tô no Garcia, à noite, de inglês no lugar da... a Landa (Yolanda Suppo).

Autora: A mãe da professora Geórgia.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É a mãe da Geórgia. Ela era diretora lá no Antonio Garcia nessa época e ela dava aula e ela passou a ser diretora e aí ela pegou aula de inglês, que era paga eu comecei a dar aula de inglês.

Autora: Olha só... aqui não queria entrar na área da educação é assim é engraçado como não como isso não é...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Porque a minha mãe foi professora... ela deu aula no Zé Garcia (Escola José Garcia Leal) do primeiro ao quarto ano, no Colégio Batista, mas eu não pensei isso... professora eu eu lembro desse eu te falar dele assim...

Autora: Eu lembro... eu dele assim mas é uma família muito adicional, conheci assim várias pessoas da família, mas assim você só conhecia assim de vista... pra você ver tanto que as coisas a gente não tem tempo né e eu falei “Nossa, então, oportunidade de conhecer essa pessoa dessa dessa família tão importante de Paranaíba...”. E a sua escolarização primária, professora, toda ela primária?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: No educandário...

Autora: E a secundária?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Na época só tinha avaliação para o quarto ano... no Wladislau (Escola Wladislau Garcia Gomes), tinha que fazer aquele exame de admissão a naquela época. Fiz até o 8.º ano no Wladislau... só até o oitavo... pois o ensino...o ensino médio eu fiz no Rio de Janeiro na Escola Marista São José...

Autora: Escola?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Na Escola Marista São José, uma escola de padre.

A autora: Legal, que ainda lembra do nome... que bom marcou não é, não é comum, marcou muito...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Ah, marcou, porque foi a época que eu fui né e tem que se virar sozinho pegar o ônibus e aquela dá um...(você) sair desse mundinho... mas era só de passear na casa da minha vó, para morar sozinho foi ... que a gente cresce cresce...

Autora: Cresce...ô, com certeza...(risos). A sua trajetória profissional, pode relatar para a gente?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu comecei no Antônio (Escola Antônio Garcia, desativada atualmente), aula de inglês... depois dei aula de Horticultura... em 1984 eu entrei em 1984, em 1989 eu passei por curso na área de ciências do estado... dei aula de ciências até 1997 Ciências e Matemática até 1997... eu peguei a direção da escola... não dei aula mais. Agora estou readaptada. Foram tantos anos foram da sala de aula... em 2000 eu passei em outro cargo.

Autora: Em 2000 foi do estado?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Foi do estado, também. 40 horas ele já tem aposentado e mais vinte e três anos.

Autora: Opa, mas logo passa, do dia que está a gente é nunca imaginou uma pandemia a gente já passou 2 anos disso. Meu Deus, 2 anos, eu não posso reclamar muito não, porque graças a Deus eu não tive Covid... que eu saiba e eu perdi algumas pessoas... a Ana Clayre (Rodrigues Martins, professora falecida, em virtude de Covid-19), muito amiga minha bem é... nossa muito triste. Pra ser diretora adjunta...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Para ser diretora adjunta [...] o professor César que me convidou para ser adjunto com ele é que era ele eleição né então ele pegou e a gente tinha uma amizade assim muito grande eu tinha muito relacionamento muito bom com os alunos, então ele me convidou por isso.

Autora: Sim. No ano de 2000, quando o professor César faleceu, você foi indicada para poder...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: ... o Colegiado (da Escola Antônio Garcia de Freitas) indicou a ser a diretora no lugar dele e ...colocou a professora Simone, como diretora adjunta.

Autora: porque o que eu li da escola (no PPP) é muito grande o número de alunos não é?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É, naquela época, cerca de 1.200 alunos...

Autora: Eu estava lendo, porque um porte dela realmente é parecia um é uma escola que gente atende a região né e principalmente depois da escola Antônio Garcia ser desativada... porque o pessoal não tinha o local... que descer pra ali...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Pela desativação da, do Antônio Garcia, na realidade a maioria desceu para o Zé Garcia (Escola José Garcia, no centro da cidade de Paranaíba) na época.

Autora: [trecho inaudível]

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É, desativou... é o Zé Garcia (Escola José Garcia Leal) chegou até a época de ter 3.000 alunos.

Autora: Demais da conta...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: E agora hoje com a diminuição da, da comida dos filhos tudo... é, muita gente foi embora também, é, o hoje o Manoel Garcia... tem em torno de 800 e pouco (alunos).

Autora: Já chegou a 1000 e pouco alunos! Meu Deus do céu...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: ... tinha época de quatro períodos, de manhã, intermediário, vespertino e noturno.

Autora: Meu Deus... a, como se diz...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A demanda...

Autora: A demanda muito grande agora eu e hoje é como a história da Escola Aracilda, também se comporta muitos alunos por causa desses fechamentos é até falando sobre as plantas... eu fui no museu, eu procurei pra algumas pessoas eu não tinha encontrado nenhuma foto, nada, nada os documentos foram lá pra Escola Aracilda, o seu esposo é o professor Cláudio Tadeu.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É.

Autora: E eu fui lá... apresentei a carta (de apresentação) de, do professor Ademilson e eu não sei se no último incêndio (se o acervo foi destruído)...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não, não queimou nada (o arquivo-morto).

Autora: Meu Deus...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Porque tudo que é do Antônio Garcia (da escola) está guardado embaixo da escada.

Autora: O lugar que eu fui.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Então e o que queimou foi só na realidade do Aracilda (da escola) prejudicou muito mesmo foi o arquivo morto e parte do arquivo vivo, então quem estudou não é lá na escola Aracilda tem a vida é, de de estudante dele mais, até então você tem por causa das que você manda a...sua , no final do ano semana o mapa.

Autora: Porque é do Antônio Garcia eu até vi o livro de atas, eu fotografei alguns documentos, são documentos tanto da escola Gustavo como da Antônio Garcia (escola).

Autora: É... da época, você não tem fotos de lá?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: ... que eu me lembro, não.

A autora: Eu encontrei de vídeo amador, tirei o *print*⁶⁰.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Você não... a professora Ilma?

Autora: Professora Ilma?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É.

Autora: Como faço pra encontrar...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu acho que ela trabalha no, no... se ela não aposentou ela trabalha no Aracilda (escola).

Autora: É.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A professora Ilma era coordenadora.

A autora: É, ah, é... interessante.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A professora Ilma, quem mais a professora Lilian, a Lilian Souto...

Autora: Eu já ouvi falar. A Lilian, eu já ouvi falar, não a conheço, mas... estou dando foco... nas entrevistas tentando, porque eu tenho que transcrever...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Aquela que é diretora lá... professora lá na FIPAR, a Fratari (professora Eloiza, já é participante da pesquisa) de repente eu consigo alguma coisa, o sr. João, professor de Matemática, mas geralmente é mulher...

Autora: Sabe o que eu pensei? [palavra inaudível]... lá no museu, eu não encontrei nenhuma foto da escola, é como se a escola não tivesse existido, sabe, eu é eu penso “uma cidade que não tem memória”, como no caso é esse trabalho meu que que o que que eu tenho também de objetivo preservar as memórias, se eu ganhar uma foto para pesquisar eu quero saber quem que então eu quero passar até fotos de alguns diretores igual da (escola) Gertrudes para lá, não tem nada então se se eu quiser chegar lá e pesquisar não tem.

⁶⁰ É uma palavra da língua inglesa que significa cópia de uma pintura ou imagem.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Você não tem contato com esse pessoal que estava fazendo lá, a história de Paranaíba?

Autora: Eu tentei entrar em contato, não me responderam.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Tem o *site*, só o telefone da Laninha (responsável pelo *site* Histórias de Paranaíba).

Autora: Até falei com ela.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Você falou?

Autora: Falei.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Até ela pediu para eu arrumar a história do meu pai e tal foto no perfil e eu enrolo, enrolo.

Autora: Eu falei com ela sim, mas eu tentei entrar em outro site... eu uso o site história de Paranaíba, não na minha, no meu trabalho que foi muito importante, até fotos antigas do Zé Garcia (Escola José Garcia Leal), lá na escola Manoel, conseguir com o Diego (diretor adjunto) fotos da construção da escola, é muito legal isso até fotos da da do edital do de abertura, sabe eu achei muito interessante, porque as pessoas não sabem não conhecem... e se é pra se conhecer é preciso mostrar. Quais os desafios que você encontrou como diretora de escola ou os desafios as dificuldades no seu período na direção?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Desafios têm muito... dos desafios do profissional, que eu acho que é mais difícil é o relacionamento humano...

Autora: Sim, sim.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: O mais difícil aprender a conhecer cada um saber como que você vai chegar naquela pessoa, para você fazer aquela... eu sempre trabalhei nessa nessa linha de pensamento que a pessoa ela sabe o que é o qual é o papel dela então você tem que deixar ela... e depositar confiança na pessoa... eu sempre como quando eu chegava no início do ano, a gente fazia reunião eu trabalhava falava gente aqui nós somos uma família, então para sermos uma boa família cada um tem que aconteceu papel mexeu nos termos e nem achava cada um na sua função [...], as dificuldades eram muitas, porque Campo Grande era muito longe naquela época, a gente não tinha nada, não tinha máquina de xerox, não é no início eu não tinha telefone, você tinha que ir no orelhão da rua ligar para [...]então era muito difícil.

[trecho inaudível]

... depois que o Pucinelli entrou, pra nós foi o melhor governador que teve... já estruturou a escola, já colocou tecnologia, então ficou mais fácil, mas nessa parte de burocrático também difícil.

Autora: (Risos)

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A gente não tinha como chegar lá, porque não tinha asfalto é complicado, mas graças a Deus.

Autora: Venceu...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: eu entrei de gaiato, e no fim apaixonei.

Autora: Graças a Deus.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Professora, é, mas o tempo que você exerceu a função de professora, ser docente alguma hora de seguir por exemplo algumas seguem Paulo Freire...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não, eu nunca segui nada, eu ia pela, eu ia mais assim porque eu sou a pessoa que procura outro lado espiritual.

Autora: Sim.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: O meu lado espiritual é o lado espiritualista, tenho, eu não tenho uma religião, então eu sempre procurei trabalhar o lado humano, eu sou um pouquinho dentro da lógico do que era pedido pela Secretaria de Educação, mas com os alunos o lado humano.

Autora: No tempo da gestão, você relatou a dificuldade com a sua burocracia... com essa questão de, é, é das tecnologias, é teve mais alguma coisa assim que durante a gestão é ou falta de merendas, outros tipos de acontecimentos, que pesava no tempo todo de gestão?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: No início, é, o que, o que havia muito conflito era diferença cultural, dos alunos, dos pais dos alunos, então, a gente enfrentou muita resistência, principalmente quando o César⁶¹ morreu, a resistência foi muita: “porque ela não vai conseguir.” Para [palavra inaudível] a resistência que encontrei foi muita... até os alunos entenderem que, qual a proposta que a gente tem... então fica aquele “Ah, joga na sua cara, ai, o Cesar (professor) era melhor que você”, não sei, é, então, isso foi muito difícil, mas até sido superado.

Autora: Que o tempo não mostrasse o contrário, é, no caso eu lembro muito o pessoal mencionar ao professor César, ele é muito querido por por isso talvez esse essa resistência inicial, porque uma pessoa diferente ali, por isso que houve essa certa incompreensão por parte deles e os alunos jovens, eles, eles batem de frente sem conhecer a pessoa, sem conhecer o ser humano e através e acho que através dos exemplos do seu comando, que como você já relatou muito humana... é você deu brecha para esse cara eu vou te vou mostrar para vocês...

⁶¹ César Rodrigues da Silva, professor, diretor da Escola Manoel, o qual faleceu no ano de 2000.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É, já tive muito perrengue lá está de polícia que já já já apanhei uma vez de uma aluna, ela me agrediu, é, mas sempre depois de, dessa agressão, ela voltou, continuei conversando com ela, da mesma maneira, sabe, então...

Autora: Você pensou em desistir da direção?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não, não. Nunca pensei, só, agora que já... porque eu saí agora em 2020, porque eu prestei a prova e não passei, na prova não é aí eu saí, mas ao mesmo tempo voltando comigo você está pronto foi da direção da escola sim...

Autora: Agora, nesse tempo de pós-aposentadoria de um dos cargos, você está aposentada. O que você tem feito?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu trabalho lá na escola de manhã, na Escola Manoel ainda lá... eu estou readaptada, mas eu continuo na função, a minha função lá é fazer ajudar o Diego, a fazer o que eu fazia, prestação de contas, fazer compra de merenda essa toda, nessa linha certo ganharam ali é essa mas eu estou assessorando o Diego.

Autora: Essa... você está por quantas horas?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: 4 horas. Trabalho das 7:30 às 11: 30.

Autora: E aí depois você fica em casa?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Em casa.

Autora: Faz algum trabalho manual alguma coisa ou não, só fico por conta da casa ou não?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não, só fico por conta da casa mesmo mesmo e, e eu assisto uma série... gosto muito de cinema...

Autora: Cinema é muito bom.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu assisto muito *Netflix*, muitas séries.

Autora: Pra distrair...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Muita série histórica, sim, mas assim trabalho manual é o que eu gosto é da pintura, eu gosto é de pintar, mas eu não tô trabalhando não, até então por causa da pandemia, faltam 3 anos para terminar para aposentar definitivamente

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Isso.

Autora: Pretende fazer alguma coisa diferente depois ou descansar mesmo?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Não sei.

Autora: Ainda não tem planos...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Sinceramente, eu não sei, mas, se por acaso aparecesse alguma coisa assim pra eu fazer na escola, eu faria, mas a direção não quero mais não porque além da cobrança muito grande, da Secretaria da Educação (ser) muito grande, respondo muito pouco...

Autora: Mas a pressão... do tempo em que você foi diretora até agora...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A clientela, os alunos não respeitam mais ninguém, eu vejo pelo Diego, o Diego é uma pessoa tão boa, tão humana, não respeitam o Diego.

Autora: Qual o cargo do Diego?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Ele é o diretor adjunto.

Autora: Mesmo sendo diretor adjunto...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Mesmo sendo homem.

Autora: Geralmente, sendo homem, é diferente.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: É, eu peguei uma época muito pouco, né, muito e a essa época acho que você nasceu...

Autora: Sou de 1976.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Mesmo assim... uma época que o professor era querido, respeitado, respeitado o diretor era um... Mestre poderoso na escola...

Autora: Hoje em dia, é, por causa dos exemplos de casa em casa não tem respeito pelo professor os filhos já veem e vão reproduzir é o exemplo.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Até o quinto ano ainda existe um pouco de respeito, mas depois tá difícil que não há um tipo de escola que não não esconde essa dificuldade, a pobreza não tá só monetária.

Autora: Não está na só na educação, até na cultura, acho que todos os cantos não é professora da pobreza cultural. Professora?

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: A sua entrevista vai sair com arara, moto...

Autora: Não tem problema (risos), ela vai sair uma entrevista bem eclética (risos) professora eu vou encerrar a gravação e gostaria de falar para a senhora, assim se eu precisar novamente eu conto com a sua participação porque é para mim como eu eu vou reiterar que é uma honra sua participação é, por tudo que eu li sobre a senhora todas as pessoas me falaram até tinha Célia elogiou, disse eu não achei não todos elogiaram, assim não teve uma pessoa que não elogiou, eu falei “gente, eu tenho que conhecer!”, mas é, é essas correrias... é por exemplo a senhora tem que viajar e também a gente tinha que a gente não está bem... os percalços que vem nós vamos vamos desviando, mas nós vamos conseguir. Professor é , nós somos psicólogos, nós somos tudo.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Eu vou te dar um exemplo, logo que eu comecei na direção, que eu entrei no lugar de César tinha um aluno e era muito, muito revoltado e desde pequenininhos e ele chutava a canela para fechou e aí a gente conversava com ele e tal é a lei de primeira e eu acho que estava no quarto ano se eu não me engano no quinto e aí eu peguei

eu já sabia que ele as enfrentar com a professora, eu falei “Ailton vai embora para sua casa ela vai acalmar depois eu volto amanhã, você volta em um começou a destruir todas as plantas da escola, ele arrancava, destruía, eu catei uma daquelas plantas, deu uma surra nele”... (risos)

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Ele...hoje, hoje ele já foi preso.

Autora: Ele já tem aquela carreira.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Aquela que você sabe...

Autora: Meu Deus...

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: Mas toda vez que ele sai ele vai lá na escola, me vê que ele fala que eu fui a única que ter limite pra ele; sim nós fazemos uma diferença professor é será que é que eu conte é esse eu acho que ele não eu posso eu acho que eu posso trocar para o fulano de tal é porque eu só fui ouvir essa opção nem falar as coisas para o aluno que já sim é um inimigo né.... é eu peguei ele ele morava com a avó só com a avó a mãe é quando e aí a avó também não achou ruim que eu fiz não sabe que a avó não entendi se é porque nós nós somos seres humanos gente e aí ele vai lá na escola e ele vai lá me visitar o dele... bom é isso aí tá vendo marcou aí o tio tipo atinge para sempre nada nem para prender tem por volta de quantos anos a hoje ele deve estar com uns 40 já deve ter uns 40 gente é difícil ter ou 40.

Autora: Professora, então eu vou encerrar agradecendo a sua participação muito obrigada que Deus acompanha a senhora se sentem amém estou muito feliz grata pela sua participação muito obrigada.

Laura Maria Rodrigues Salgueiro: ... eu desejo que a sua trajetória seja, seja excelente professora obrigado e eu hoje em dia são poucos os que fazem esse trabalho, porque a pesquisa não é fácil, mas ela me dá muita alegria até quando gosto muito de de ler de pesquisar eu e o meu querido saber qual que [trecho inaudível] ai que legal porque tudo o que eu não sei eu vou lá no *blog* tem que ir...

[fim da entrevista]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza

Autora: Bom dia, professora Lídia! É uma honra tê-la em minha pesquisa e a sua participação é muito importante! Então, eu vou gravar, eu conto com a permissão da senhora... qual é o nome completo da senhora, por gentileza?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza.

Autora: A data de nascimento?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: 24 do 02 (fevereiro) de (19)50.

Autora: ... o estado civil da senhora?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu sou viúva.

A autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: De Ailton Tiago de Souza.

Autora: ... onde a senhora reside?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Na (Rua) Visconde de Taunay, 1020, Paranaíba, Mato Grosso do Sul.

Autora: A sra. tem quantos filhos?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: 7 (sete).

Autora: Como foi a infância e adolescência da senhora?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Infância e adolescência?

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Você não quer o nascimento?

Autora: Pode falar! A senhora está a vontade, por favor!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Aqui tinha um hospital e... ficava perto do Banco do Brasil... e eu nasci lá, e era, tinha um médico, mas não tinha médico, uma parteira, e... foi um parto muito difícil, estava na posição fetal e logo do meu nascimento, a mamãe teve eclampsia... foi uma coisa difícil, que eu cheguei no mundo [riso] ... e... a mamãe não teve leite e tive... uma mãe materna, minha mãe de leite, a dona Lázara Pinhé, a quem reverencio. Na

infância, eu corria dela, eu não me aproximava, tinha receio de me encontrar com ela. Em Paranaíba, fazia muito frio, e na minha infância, eu me lembro da mamãe fazer, tinha uma forno à lenha, e a mamãe fazia muito biscoito, rosca, pudim, tinha... eu tive assim, uma infância bastante feliz, a mamãe... me lembro da mamãe, bem criança, ela sentava, e cortava fruta pra gente, e descascava e os três filhos mais novos, que era a Junia, o Wladislau e eu, sentávamos ali e ela descascava as frutas e pra nós é uma lembrança muito forte dela, e... os irmãos mais velhos estudavam fora e ficavam internados, era a Célia, o Célio, o Tino e Ana Rita e o Djalma... eles ficavam... é, internos e a gente ficava com a mamãe e a mamãe, ela procurava fazer da nossa infância um local bastante agradável.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu me lembro dela... cortando essas frutas e dando pra gente, e ali era tarde, quando ela terminava o serviço da casa, ela sentava e a mamãe proporcionou um período de infância muito feliz, ela fazia, mandou construir um fogão, fogãozinho, panela pequena, e a gente fazia no domingo o batizado das nossas bonecas [riso] trazia comida, do fundo da casa, a gente tinha essa experiência de mexer com as panelas, me lembro bem do frango [risos] e esse frango, nós torcemos, torcemos o pescoço e quando soltou [risos] o frango saiu correndo [risos] nós não conseguimos matar esse frango, e ela dava muito apoio pra gente. Nós tínhamos panelinhas pequenas, fazíamos o batizado das bonecas, e as amigas da gente vinham, foi uma infância muito rica. Me lembro muito de subir em árvore, e essas árvores eram entrelaçadas, a gente ia pra uma mangueira para laranjeira e era...

Autora: Muito feliz...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu fui uma criança muito gorda, não tinha muita destreza... no final eu ficava embaixo, e todo mundo muito rápido, subia nas mangueiras, mas, enfim... teve um período que eu lembro, subia nessas árvores e caía... e ficava sem voz, os vestidos da gente era feito de... costurado... na cintura, e como a gente caiu, descosturou, e aí eu ficava assim intrigada, eu perdia a voz muitas vezes, por que batia no chão, minha irmã ficava aflita, por que a mamãe tinha muita personalidade e era muito brava com a gente, mas foi uma infância muito feliz, a gente passou um período muito bom com ela, eu me lembro muito dela.

Autora: Muito bom... fica pra sempre a lembrança...

[De 06:39 ao 06:52, o trecho refere-se à tentativa da professora Lídia de fazer a sua gravação da entrevista, porém não conseguiu e achou melhor continuarmos, ficando acordado que enviaria uma cópia posteriormente para ela]

Autora: ... nessas... nessa arte que vocês faziam, de subir nas árvores... a sra. tem isso na lembrança, tão bom recordar, e desse período a sra. foi estudar fora, a sra. estava na adolescência?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Bom... nós fizemos além desse, desse encontro com ela... nós viemos muito muito, pra fazenda e essa fazenda era do tio Abel e da tia Fiuca, e a gente já era maior, e a gente fazia doce de goiabada, mamão, bolinha de queijo, a mamãe fazia pra mandar pro internato, usava muita vasilha, coisa, porque precisava conservar... tinha o trem que pegava em Santa Fé (do Sul/SP)... ela arrumava tudo e despachava pra eles, e nós, me lembro de um tacho [risos] que fazia geleia branca, batia aquela geleia e ficava branquinha, a Junia e eu, pra ela mandar, depois nós fomos na adolescência nós fomos internas no Colégio Batista Brasileiro, em São Paulo... a gente era, a Junia, minha prima Landinha, que é falecida, e eu tinha onze anos, quando eu fui interna... mas antes na nossa infância, nós tivemos um período que moramos em São Paulo/ SP, terceira série, nesse período, minha mãe queria dar uma, oportunizar escola pros meninos, meus irmãos, então, ela se mudou pra São Paulo, mas acabou que ela ficou muito doente com o clima de São Paulo, o clima não foi muito bom pra ela, e eu me recordo que a dificuldade, nas outras matérias eu ia muito bem, Português, Matemática...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁶²]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... eu tava muito bem, em Inglês aqui não ensinava nada, e lá no Batista, eles colocavam... bastante... dava muito valor pra língua estrangeira, e eu senti dificuldade... depois a gente veio pra Paranaíba e continuou nossos estudos na nossa infância. Na adolescência... nós fomos internas nesse mesmo colégio, e...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁶³]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Estou acompanhando, o que foi falado...

Autora: Sem problema, pode ficar tranquila!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... foi nesse período, que....

Autora: Pode ficar tranquila... não tem problema...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ...ah... e aí nós fomos internas. do Colégio Batista e tinha uma diretora, que me recordo muito bem, ela era refinada e acordava a gente com música clássica, no período que nós passamos lá, ela fazia disputa entre os quartos que estavam mais bem arrumados... uma gruta, e essa gruta foi ideia minha e nós acabamos

⁶² A gravação foi interrompida por toque de celular.

⁶³ Nesse momento, a colaboradora acompanhou pelo celular o questionário feito e enviado pela autora.

ganhando. Um quarto selecionado com meninas mais velhas, elas ganhavam, e nós acabamos ganhando delas, ficou uma gruta de pedras do pátio, e foi uma disputa muito bonita e nós acabamos ganhando, e isso daí que marcou bastante a gente, por que era uma disputa interna que a gente ganhou, mas é, eu me recordo que a gente aprendeu muita coisa, da parte de... de novas... como eu diria pra você... nós aprendemos muita...

Autora: Sim... não tem problema, a sra. pode ficar tranquila. A sra...você tiveram experiências diferentes...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Tivemos experiências assim na... na parte de estética, diferente do que a gente tinha, recebia ensinamento em casa, houve um refinamento nas nossas posturas, da maneira de comer, da maneira de colocar a mesa, foi assim uma experiência muito rica para nós, nós saímos do interior de coisas simples e de repente a gente se deparou com um ambiente sofisticado, muito boa a experiência que nós tivemos e isso na adolescência.

Autora: Sim!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Depois, a gente foi para o (Colégio) Americano de Lins, outro internato...

Autora: A sra. tinha quantos anos mais ou menos...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu já estava na sexta série, 12 (doze), eu falei que fui com doze anos, fui com onze anos, que correspondia ao ginásio... seria hoje a quinta série... nessa... quinta série, não, oitava série... [Nesse trecho, a professora sinalizou que havia se confundido]

Autora: Não tem problema, a sra. fica de boa. A sra...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Nós ficamos três anos no Americano de Lins (SP), correspondia a segunda-série ginásial.

Autora: O colégio... o colegial?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Não, ainda não.

Autora: Não.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [trecho inaudível]

Autora: A sra. pode ficar tranquila, que eu... a gente confunde essas datas, é normal. Não precisa se ater a datas... vou perguntar pra senhora...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Pois é, é que com as datas eu vou...

Autora: A sra. vai se...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu tenho que colocar pra você. A gente fez o primário aqui e depois nós fomos para o ginásio, o ginásio correspondia da quarta série ... quarto

ano... o ginásio correspondia a quatro séries... primeira, segunda e quarta séries... nós fizemos a primeira (série) no Batista, com 12 anos, depois fizemos a segunda, terceira...quarta e fomos pra Araçá... pra Araraquara, e fizemos o colegial, mas não era colegial que falava... colegial... fazia primeira, segunda e terceira séries...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E era dividido o ensino nesse período em três áreas, o Normal, Clássico e Científico. Eu fiz opção pelo Clássico, a Júnia fez pelo Normal, que era três anos e a gente estudava as matérias referentes a esse período... na minha educação ficou faltando a parte de Ciências, de Matemática, no Clássico a gente tinha mais Letras, Inglês, Francês, Latim e ... História, era bastante cobrado da gente e nesse período nós ficamos no internato no Americano de Lins, a gente aproveitou bastante, porque era uma educação completamente diferente da que a gente teve em São Paulo, mais séria, mais clássica, era mais liberal, porque era a educação dos Estados Unidos... era uma educação, uma formação mais livre, que nós tínhamos um internato feminino e um masculino. Meu irmão nesse tempo estudava no masculino, o Djalma, foi e ficou... na escola interna masculino, e eu e a Junia ficamos no internato feminino... passou a segunda, a terceira e quarta série... nós passamos lá... tá vendo...[refere-se à confusão de datas] [riso]

Autora: Não, não... a sra. voltar assim... não, deu pra entender.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [palavra inaudível]

Autora: A história da sra. é muito rica, nossa, a sua por exemplo, quando a sra... eu não me esqueço quando a sra. conta a história de acordar com música clássica...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É.

Autora: Olha, é, uma, hoje, um...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Um período de músicas muito fraco.

Autora: E quando você ouve a música clássica, muitos abominam, hoje é o *funk*, é cultura, não podemos falar que não é cultura, só que a sra. acordar ao som de um clássico é totalmente diferente...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E depois uma outra coisa, te colocava num ambiente muito saudável... a gente dirigia para o refeitório, todo mundo, tomava o café da manhã, depois que ia pras aulas. Foi um período muito rico, muito rico. Ela procurava expandir pra gente uma forma de educação e preparava a gente para o mundo, que estava se apresentando... muito bom. Mas onde eu estava?

Autora: ... é... falamos da primária, secundária, da escolarização da senhora...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Ah, tá... nessa educação que nós tivemos no Americano, de Lins, eu já me deparo com a... os sentimentos... tive o primeiro namoradinho, mas era uma colocação assim bastante diferente da de hoje...

Autora: Sim...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Muito respeitosa, que não se dava, não tinha contato físico, era...

Autora: Olhares?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Através de olhares, de... colocações, tinha muita conversa, sim, era muito respeitosa, não tinha o contato físico que a gente tem hoje... tive um namoradinho de Paranaíba, mas no primeiro encontro, meu irmão sentou-se [riso] longe e no masculino a gente tinha muito encontro, masculino com o feminino, no internato, e ele acabou sentando e ele era daqui de Paranaíba e acabou esse namoro [riso] quando ele sentou, eu tinha muito medo, tinha muito respeito pelos irmãos...

Autora: Sim...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eles vigiavam muito a gente, a gente era [palavra inaudível]

Autora: [risos] Namoro começou e já terminou [risos] foi rápido...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Depois eu tive como experiência, um rapaz de Mato Grosso do Sul, mesmo, pela facilidade do trem, muita gente estudava no Americano de Lins, aqui de Mato Grosso, que tinha condições de botar o filho, a gente acabava se encontrando com eles e morava lá numa... na minha sogra... morava ... ela mudou com o dr. Alberto, o único amigo que o papai tinha aqui e que assim tinha cultura e formação na época, e o papai foi um homem preparado, ele tinha, poucas amizades, aliás muitas amizades de gente que tinha cultura era muito pouco.

Autora: Ele era muito culto, pelo... o pouco que li sobre ele...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É, ele tinha poucos contatos, e um desses contatos, muito rico era o dr. Alberto, era rico, era médico, e ele era advogado muito preparado, porque naquele tempo a educação deles foi muito rígida, falavam francês, italiano [palavra inaudível] que a gente não conseguiu no nosso tempo, enfim, no nosso tempo era mais literato. Mas... tinha essa senhora lá e tirava a gente do internato, no domingo, a gente acabava indo pra casa dela e a gente comia macarrão com Coca-Cola, “tava” no auge [risos] e foi um período muito feliz que nós passamos no internato e a gente aprendeu, a única coisa que a Matemática não produziu muito efeito, nós não tivemos muitos bons professores, sofri muito... a gente não tinha aquela formação na Matemática, mas tudo isso fez parte da nossa formação... a gente

acabou é... se equilibrando nesse período e a minha experiência com estudo foi essa daí... nós tínhamos inglês, eu tinha muita facilidade... ela dava muitas palavras isoladas, era uma professora muito rígida, tivemos... Ciência e procurava dentro dessa, dessa educação formal, me adaptar a cada local que ficava...[trecho inaudível] acho da minha adolescência se passou lá, e aí depois nós fomos pra Araraquara, eu “tava” na oitava série, por isso que dá confusão... e na quarta série passei muito bem, me adaptando ao francês, que não tinha francês na, no Americano, foi difícil por que a professora falava francês diretamente na sala, hoje corresponde ao oitavo (ano). Ela entrava na sala e falava francês e a de inglês também... eu me preocupei muito com o estudo de francês e do inglês que não tinha nenhuma base, assim de falar, por que no colégio que nós temos, o Americano, tinha, dava muito o inglês, mas o inglês não falado, mas as palavras, o vocabulário...

Autora: Sim...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu sentia muita dificuldade em francês e inglês...

Autora: Os professores só falando a língua nativa, olha é difícil!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É difícil. A de inglês teve experiência, que foi para os Estados Unidos... e a (professora) de francês falava fluentemente em francês. E era muito difícil pra mim, foi um período muito difícil, e nós fomos em uma escola particular, que era do Americano de Lins para uma estadual, lá no IEBA, Araraquara, foram cinco anos que nós passamos lá e esses cinco anos, foi a quarta série e o Clássico, foi um período de estudo, de muito esforço. Eu lembro que na... na aula de História, por exemplo, a gente acompanhava uma coleção, que era o *Burns*, e a gente não tinha a educação, como no Mato Grosso, de perguntas e respostas, que dava tudo pronto pro aluno, a gente já estudava em nível universitário, foi o período todo Clássico, eu lembro que ficava a semana toda em cima de uma cama estudando e a gente tinha a Filosofia no período Clássico, foi um período muito rico... em forma de cultura, de Araraquara, nós tivemos essa, essa experiência no IEBA, era uma escola pública, mas que cobrava muito da gente, por que naquele tempo era a escola pública que tinha muito valor, e a escola particular era chamada de PPP (Papai Pagou Passou) [risos] ... era muito difícil, diferente.

Autora: É.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Hoje inverteu os papéis. Hoje a escola pública não tem valor.

Autora: Não tem valor.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E que era um ensino cobrado e hoje era um ensino universitário, mesmo.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Nós pelejamos no período Clássico, foi nesse período aí que me destaquei é, piano, piano paralelo, e a música, a música não, o esporte, vôlei, voleibol.

Autora: Vôlei.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E nós fomos, fazemos muita, tivemos muita experiência daí, por que eu viajava para o interior de São Paulo, ia até pra São Paulo, mesmo, o nosso time era muito forte.

Autora: Participava de campeonatos?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Os campeonatos estaduais, São Paulo até se dedicava, e eu até fui convidada para a seleção (brasileira) [trecho inaudível] aí fiz a opção de fazer o piano, por que o esporte faz a mão endurecer, e eu precisava da mão bem colocada, ágil... fiz a opção pelo piano, foi a primeira opção que eu fiz na vida, vamos dizer assim [riso] entre o esporte e eu tinha uma professora de educação física, que fazia questão que eu participasse e tinha uma competência lá, em Três Lagoas (MS), e o pessoal me chamava de “Liminho” [riso], por que era de Lins, foi de Paranaíba a Três Lagoas, e... me chamavam de Liminho. Eu me destacava por cortadas, cresci bastante, me desenvolvi bastante, magra, já no Americano de Lins... e me dediquei muito, era paralelo ao esporte, foi resumida assim a minha vida na adolescência no período que eu fiquei.

Autora: A sra. toca piano até hoje?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu me formei depois, é, depois de formada que eu me casei, tinha abandonado o piano, fui pra faculdade... no sétimo ano, eu retornei depois de casada, meu marido me levou todo final de semana pra Araraquara para Araçatuba (SP) e eu terminei o curso de piano lá, em Araraquara, Araçatuba. Mas isso já era casada, mas mesmo casada, você trabalhar, no primeiro ano eu me dediquei ao piano e retornei, eu dava jeito.

Autora: Era uma paixão?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Era uma paixão mesmo, acabei me formando e depois vieram os filhos, e eu ia tocar piano, eles reclamavam por atenção, e eu acabei abandonando e eu vi que tinha facilidade pra escrita... depois essa experiência... eu abandonei o piano, foi de propósito, foi com a intenção de criar bem os filhos. Acabava atrapalhando, o som, não dava pra continuar, me formei, peguei diploma e guardei. Mas ainda alguma coisinha eu toco.

Autora: A sra. tem o piano?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Tenho.

Autora: Que legal! Nossa, eu acho interessante, a sra. contando sobre essa formação da sra. e até a sra. falou agora que foi fazer faculdade...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza:... é, não tinha faculdade no interior, e eu queria fazer Direito, e nós fizemos pra Letras (curso), eu fiz Letras, a minha irmã não passou, um ano na minha frente não conseguiu entrar na faculdade, por causa da, não era muito cobrada no Normal, a dissertação e aí no fim ela conseguiu entrar no Mackenzie-São Paulo, eu fiz na USP e ela fazia Pedagogia e eu fazia Letras na USP, em São Paulo acabou de fazer Letras lá, que também foi uma mudança de Araraquara pra São Paulo, e a gente ficou, tinha um apartamento alugado pra nós e a gente procurava exercer bem a profissão e logo eu fiz a inscrição, tinha muito aluno que fazia requisição pra ser contratado pelo estado... fui contratado pro francês, por que eu já dominava o francês, e eu fui contratada pelo estado. Eu tinha aula de manhã, e nesse período proporcionava aos alunos o aprendizado em francês. Nós tivemos muita experiência em São Paulo, foi um período muito rico, e nós somos espíritas. E na nossa casa, era um apartamento funcional, muito bem, a gente tinha uma reunião, que a gente fazia meditação a respeito da vida, dos valores reais, muitos filhos de Paranaíba, iam pra nossa casa, os irmãos Klafke, Homero Klafke e o Sérgio Klafke, tinha também o marido da... como é que ela chama, que você fez a entrevista?

Autora: Professora Cleusa (Molinari).

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Da, da Cleusa Molinari. Ela casou com, foi com um rapaz aqui de Paranaíba, que... como ele chamava?

Autora: Eu não lembro do nome dele...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... ele participava...

Autora: Participava dessas... meditações?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: era da família dos Camilo aqui de Paranaíba... ele ia muito, o... [palavra inaudível] também era, depois ele casou até com uma menina, que casou, é esposo, saiu lá de casa e o Homero casou com uma menina de Araraquara, espírita também, que era correio, e ela acabou se apaixonando e casaram também, e nasceu do romance lá de casa... em São Paulo foi bastante rica, e a gente tinha ... dos espíritos, e os espíritos falavam com a gente, e a gente fazia a leitura do Evangelho, e São Paulo, mais incrível que pareça foi... pra nós, pra nossa formação, foi um período de, de formação espírita, a gente frequentava muito a casa dos Klafke e... dos Camilos, aqui de Paranaíba, e um rapaz que veio do Japão, o Koish, casado com a Santíssima, hoje.... o romance nasceu lá de casa, e acabou, é...

Autora: Os estudos, e o conhecimento trouxe o romance...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Romance, foi muito bom. Nosso apartamento serviu pra receber... de Paranaíba, a Santíssima, no caso de hoje, a ... ela é advogada, e mora em Rio Preto (São José do Rio Preto, SP), lá em São Paulo, a Aizer, é filha do seu, daquele vizinho, que também, ficou uns tempos com a gente, a gente se preocupava muito, ela era muito aventureira, era irmã da Arlete, casada com o Guido, vizinha nosso, Malote [riso]... nós tivemos assim uma experiência bastante rica, nesse período também, que a gente apoiou muita gente e que, é, desse, dessa pouca experiência que nós tivemos em São Paulo deu tempo pra gente ter a formação que a gente queria e saímos com uma boa... formação...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Com o “frigor dos ovos”, nós tivemos uma formação clássica e, também, uma experiência rica em Letras que eu tive e mais tarde, depois que me casei, eu fiz Direito.

Autora: Fez Direito.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Em Rio Preto, tinha os filhos...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Estudavam, então, a minha vida se eu pudesse resumir, seria “livro na cara e filho na barriga”.

Autora: Mas é, como se diz...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Tive sete filhos e não foi fácil esse período todo, que depois eu me casei, mas antes disso eu tive a experiência de, do primeiro ano, depois de formada a minha irmã foi pra França, e teve a experiência da viagem e também conheceu a Europa de forma geral e no ano seguinte me formei e eu falei “Não me caso antes de conhecer (a Europa)”...

Autora: De conhecer...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Sim, eu tinha paixão, tinha uma experiência muito rica com a França, por que além de fazer Aliança Francesa que foram cinco anos, eu tive a experiência da, de *Nancy*, que é a formação nossa vizinha da França, eu fiz em São Paulo, junto com a faculdade eu fazia a *Nancy*, que correspondia ao ensino de 2º grau... [aqui a colaboradora utiliza uma expressão no idioma francês]

Autora: Sim...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... “tava” assim preparadíssima pra vir pra Paranaíba. E minha experiência aqui veio com a política.

Autora: A sra. veio de lá... a sra. antes perguntar pra sra. a sra. conheceu toda a França ou algumas cidades?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Não, eu tinha correspondência, eu correspondia com uma menina da França, no interior... de Paris, eu fui pra esse interior e conheci a vida como ela era...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu tive contato com os professores franceses da formação do francês... eu passei quase um mês em Paris, e vinha dessa, dessa experiência, do contato e a gente tendo uma vivência muito forte. Rodava a França, não com muita experiência, mas Paris mesmo, conhecendo os detalhes.

Autora: Conheceu os arredores?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [palavra inaudível]

Autora: Experiencia riquíssima...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Muito valorosa, muito valorosa. Conheci bastante a rede de metrô que não tinha no Brasil, mas tinha na França, tive um contato de uma rede pra outra, que atravessava tudo por baixo da terra, nós encontramos uma França ainda depauperada, mas se fortalecendo para o desenvolvimento e nesse tempo a França já contava com muito conhecimento, já tinha passado pela Revolução Francesa e tudo, mil e novecentos e bolinha [risos]

Autora: E a sra. passou esse tempo pra lá.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Sim.

Autora: E aproveitou.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Nessa viagem aproveitamos e fomos pra Alemanha, Casablanca, Espanha...

Autora: Conheceu a Europa...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Depois, aproveitamos a viagem, fizemos o primeiro contato com a França e depois a gente expandiu pra Europa inteira, dez países, a gente acabou conhecendo e fortalecendo as relações.

Autora: Certo.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Foi assim muito rico...

Autora: A sra. se casou depois que voltou?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Depois da viagem, cinco dias depois.

Autora: A sra. cumpriu...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu cumpri o combinado [risos]

Autora: Primeiro eu vou conhecer a Europa, depois eu volto.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Quando eu tive em São Paulo, fiz o que correspondia ao Mestrado, mas acabei não terminando... na cidade de... como chama, aquela cidade que fica nas imediações de São Paulo e lá eu conheci uma moça, que era jovem, mas já tomava conta da escola do pai dela... foi uma experiência muito rica que nós tivemos, bastante [trecho inaudível] e eu acabei não terminando, mas serviu de base, quando eu fui pra...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁶⁴]

Autora: A senhora pode contar, não tem problema, não...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [trecho inaudível]

Autora: ... a senhora veio, a senhora lembra quando se casou, mais ou menos?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Lembro, lembro bem, quando eu tinha de vinte e três pra vinte e quatro anos...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E nesse período todo aí, na lua de mel eu tinha vinte e quatro anos, mas eu me casei com vinte e três (anos) [risos] já não era muito jovem pra corresponder ao período que as moças casavam, com dezenove, vinte anos, no máximo, casavam novas. Minha prima mesmo, Iolanda, se casou com dezenove anos, e eu continuei os estudos porque eu queria ter a formação...

Autora: O marido da senhora nunca impediu (seus estudos)?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Nunca.

Autora: Graças a Deus.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Graças a Deus. Graças a Deus. Ele, uma vez me pediu em noivado [riso] e até mudou o comportamento comigo, quando eu “tava” no Clássico, em Araraquara, quando eu fui estudar e ele queria ficar noivo, eu também queria ficar, eu falei que não, queria estudar. Ele disse “Então, tá, bom, quando você quiser, tô lá em Paranaíba.” [risos] mas ele continuou visitando, e foi e a gente continuou o namoro.

Autora: Graças a Deus.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Mas eu tive uma boa formação, talvez, talvez por minha sede de conhecimento, desde muito nova, e fez com que retardasse o casamento. Fiz as coisas no devido lugar e no tempo que era possível, eu fiz, era bem.

Autora: A sra. não abandonou suas convicções.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Não abandonei o que eu achava que era certo e que nem podia ser realizado naquele período.

⁶⁴ A colaboradora sinalizou com as mãos que esqueceu do que estava falando, e a tranquilizei.

Autora: Nossa...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu tive uma vida muito feliz, eu tive uma experiência negativa quando eu vim pra cá (Paranaíba)

Autora: [palavra inaudível]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Que um ano eu fiquei sem trabalhar.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Quando eu me casei... já cheguei tarde pra fazer aquela pré-seleção que fazia e não tive oportunidade, eu fiquei um ano só viajando pra Arara... Araçatuba, fazia o piano e me dedicando ao piano, aquilo ali é resultado do período que, aquele quadro, tá vendo, fiz [apontando para a antessala, um quadro enorme atrás de um armário, branco, com desenhos quadriculados] muita, muito...

Autora: Desculpe, como chama esse... trabalho?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Tecelagem.

Autora: Nossa!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu fiz muita tecelagem nesse período, porque um espírito muito irrequieto, e eu me dediquei a tecelagem e ao piano. E eu me dediquei ao piano.

Autora: Essa foto aí [Nesse momento, aponto para a parte de cima da estante, atrás da sra. Lídia havia um porta-retrato de uma bela moça, que suspeitei ser ela, quando mais jovem]... é a senhora? No porta-retrato?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Ah, é na França, na Itália, quando eu fui na Itália...

Autora: Depois se a senhora permitir, eu posso tirar uma foto dela pra colocar... muito bonita, viu?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E aí, nós tivemos um período muito rico, uma vida muito rica de conhecimento e me preparando. E quando eu me senti preparada eu assumi a direção do Wladislau.

Autora: Foi entre 1976 e 1978?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É.

Autora: Pra senhora entrar, como foi a admissão?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... primeiro eu foi admitida como professora no ano seguinte do casamento, que foi em 1974, é, eu fiquei esse ano todo parado e eu entrei com dez aulas. No ano seguinte o diretor me convidou pra que eu assumisse a direção. Só que foi aí

um período até então, eu não era ninguém na ordem do dia, dava suas aulas, tudo bem. Em 1976 eu fui nomeada diretora.

Autora: Da escola Wladislau, que dava o nome do pai da senhora?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Meu pai, porque meu pai foi um homem público. E ele conseguiu fazer muita coisa por Paranaíba. Ele tinha sonhos pra isso daqui, ele modernizou o que foi possível ele fez e ele reiteradamente é nomeado prefeito local, a gente tem muita coisa da prefeitura, desse período, que passou pra mamãe, depois ela passou pra mim. Eu tenho muita coisa dele e papai se destacou, chegou inconformado em 1932, teve a experiência de voltar pra Mato Grosso do Sul, naquele tempo era Mato Grosso, ele como advogado ele se estabeleceu naquele local, ele foi na escola, representando o ensino, a delegacia de ensino, ele trouxe, ginásio, não tinha ginásio, não tinha escolarização nenhuma... eu acho assim, minha família tem tudo a ver com esse local, e começou com a visão do papai e a mamãe não tinha nenhuma formação, mas ela tinha uma visão de vida muito rica e muito esclarecedora, quer dizer foi um casal que trouxe muitos filhos e que esses filhos se dedicaram à educação.

Autora: Eu li um artigo, que a sra. escreveu sobre seu pai e a foto deles assim, muito bonita a foto, ela do lado assim, e a sra. escreveu, é, eu falei porque estou escrevendo, os... é, por exemplo, Escola Wladislau, quem foi o patrono, né, escrevi um pouco, na nota de rodapé sobre cada um deles. E eu li esse artigo da sra. que a sra. publicou. Agora não recordo o nome, mas (do jornal)... até pensei em tirar uma foto e colocar na dissertação, porque é importante.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Importante.

Autora: [...]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... em Cassilândia tem o nome da rua, a (rua) Wladislau Garcia Gomes, e me fizeram homenagem pra ele.

Autora: Sim... e não foi só um político, foi um senhor muito culto...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Foi, foi.

Autora: Um homem de visão. É e hoje tão diferente. Às vezes não tem nenhum tipo, pingão de cultura e está ali no poder e ... você pensa “Meu Deus...”

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Mas com o tempo ele...

Autora: Mas além do tempo, creio que seja uma pessoa ... eu que sou uma pessoa, nasci em 1976... quando a senhora estava iniciando a ... então, a história e o que a sra. escreveu... que a sra. escreve muito bem... diga-se de passagem eu li e falei assim “... veio a emoção na gente”, é, eu de fora que não tenho nada a ver.

[Neste momento a colaboradora se emociona e chora]

Autora: Não tem problema da senhora ficar emocionada, a história da senhora é muito bonita! Equem sabe, eu não possa, a gente não possa trabalhar numa tese de doutorado, por que não? Algo a se falar, a se pensar.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É.

Autora: Porque no museu, tem , no arquivo histórico aqui de Paranaíba tem fotos da senhora no carnaval, tem foto da senhora lá.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Ah, é?

Autora: Quão é importante a gente ir no museu e perguntar “Quero ver sobre a história da família “tal⁶⁵”, está enraizada na cultura de Paranaíba, muitos não conhecem que a sra. era filha dele (sr. Wladislau Garcia Gomes).

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Onde você foi cair...

Autora: Eu fiquei encantada com a história da senhora e tudo que a sra. falou eu estou “bebendo” disso e impressionada de conhecê-la.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [risos]

Autora: E agora a sra., retornando aqui (à entrevista) a sra. foi nomeada diretora...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Nomeada diretora.

Autora: O que a sra. pode dizer? Nesse... por política?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É. Foi através da política, porque nós tivemos um período que a educação foi submetida à política, ela, a política mudou de nome, porque ela mudou de nome, coloca diretores, mas eles fazem política, através de representantes. Eu tentei ser diretora do Zé Garcia (Escola José Garcia) eu tive a possibilidade... aí eu tinha que fazer, eu estava com os filhos estudando em Rio Preto, mas eu sei que a política teve muita interferência na educação, hoje se faz uma política sim. Eu respeito a democracia, que é um sistema muito lógico, que “tá” bem melhor que antigamente, mas antigamente se não tivesse o aplauso do diretório político daqui, não tinha cidade... essa aceitação... era através de indicação.

Autora: ... que a sra. ficou de 1976 a 1978 (como gestora na escola Wladislau)?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Em 1979 eu fui exonerada.

Autora: Em 1979. Eu peguei no PPP (Projeto Político Pedagógico). Nesse período em que a sra. esteve lá, a sra. (passou por) algumas dificuldades? O que a sra. pode relatar, desafios, dificuldades?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A gente tinha muito normal pra escola, que a gente não tinha o repasse do governo pras escolas.

⁶⁵ A expressão “fulano de tal” refere-se a uma pessoa que não se conhece, muito utilizada no Brasil.

Autora: As verbas. A gente tinha que fazer.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A gente tinha que fazer. Eu encontrei um sistema já montado no Wladislau, funcionava muito bem com a secretária que era Nadir Moura Garcia, Garcia Moura, e ela...é até minha prima, a mãe dela era irmã por parte de meu pai, e ela era muito eficiente, secretária era conhecida.

Autora: Ajudou muito.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Ajudou muito as escolas daqui também. Hoje ela (está) travada numa cama, mas ela representou muito pra educação, ajudou muito administrativamente a educação. Os diretores que passavam, quando estava tudo pronto, ela fazia tudo pronto... foi um período quando eu cheguei, ela falava assim pra mim “Nossa, graças a Deus, você está me ajudando!” [risos]

Autora: Foi uma ajuda mútua...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu entregava tudo por escrito pra ela. E a gente não tinha computador, era máquina de escrever e ela selecionava muito bem os ajudantes dela, e começamos a fazer teste... contrariando, a gente indicava pessoas mais preparadas... para teste de limpeza [...] eu que fazia, adotei um critério de, das pessoas que cuidavam de limpeza realmente. Não por...

Autora: Por critério técnico.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A pessoa que tivesse de informação, tal... como eu fazia? Via quem “tava” areando bem os copos, que cuidava bem da limpeza, a administração, pra não ter tanta interferência, procurava sempre os elementos do partido, mas que tivesse competência para realizar, não daqueles indicados, eu que indicava.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... por hoje nós temos a Eni, que está até aposentada, que foi uma que nós selecionamos, porque ela não tinha nenhum erro, tinha datilografia, ela batia muito bem... nós contratamos, e... e foi assim quando era possível contratar... havia aposentadoria... que não queria o trabalho... e a gente procurava selecionar bem. No esquema que eu já tinha encontrado econômico, tinha a cantina. O pessoal gastava dinheiro na cantina e era pouco, evidentemente, mas o que eu fiquei muito preocupada, porque não tinha meios de fazer uma comida substancial e... a gente fez a horta comunitária, e é chamada de horta comunitária e essa horta comunitária, eu fiz um projeto com... Cuiabá⁶⁶, e

⁶⁶ Na época, na qual a professora Lídia assumiu a direção da Escola Wladislau (1976) o estado de Mato Grosso do Sul ainda não existia, era o antigo Mato Grosso, pois só foi criado em 11 de outubro de 1977, e as escolas e demais órgãos obedeciam à então capital, Cuiabá.

nesse projeto nós tínhamos pé de café, nós tínhamos a horta, que todo mundo poderia buscar, tinha um terreno baldio ao lado do Wladislau (da escola), que a gente fazia a horta, e nesses três anos eu me dediquei ao, ao ensino, mas ao mesmo tempo preocupada com a...

Autora: O incremento da merenda... interessante...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Não tinha esse nome de merenda escolar e a gente procurava fazer para os alunos. Tinha a escola especial que eu faço referência aqui, a professora Lopes, que ela, ela se dedicou, dedicou a isso daqui que tinha um ensino...

Autora: A professora Eliúcia?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A (professora) Eliúcia cuidou muito bem dessa parte da formação.

Autora: Quando se fala em educação especial, o nome dela vem sempre na frente, professora.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Ela (professora Eliúcia) se dedicava bastante e ela depois de se casou com um rapaz que não era daqui, mas a Eliúcia colocou a educação especial à frente, e a gente dava muito apoio pra esse pessoal, por que a educação especial era novidade pra educação especial, mas era separado, não misturava...

Autora: Eu lembro que em 1994, em 1992, fiz o colegial no Wladislau e eu lembro da sala lá.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É. A sala separada.

Autora: 1992, 1993, eu terminei em 1994, eu lembro do trabalho lá, a gente acompanhou, sim. Agora que a... educação é inclusiva...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Sim. Não tinha isso na época.

Autora: Não. Da inclusão...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Inclusão, e hoje tem a APE...

Autora: A APAE⁶⁷?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: APAE, sim. Funciona ali naquela fazenda... mas ela do lado da prefeitura ali, porque eu vejo a educação em todos os níveis... fico triste com a educação nas escolas públicas, porque não repercutiu e me recordo quando era diretora da experiência de trazer professores, a Madalena (?), uma delas, a professora... Samir.

Autora: O professor Samir.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: O professor Samir também era da época.

Autora: Sim.

⁶⁷ APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, nasceu no ano de 1954, no Rio de Janeiro-RJ. É uma organização social, com foco na pessoa portadora de deficiências múltipla e intelectual. A APAE de Paranaíba está localizada na Rodovia MS 240, Km 1- Jardim Karina. Fonte: <<https://www.apae.com.br/>>. Acesso em 08 dez. 2021.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A diretora. Como ela chama?

Autora: A...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Hoje ela é diretora da Escola aqui...

Autora: Me fugiu o nome.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO⁶⁸]

Autora: “Tá”, mas a gente vai lembrando. O professor Samir... veio de fora e ficou aqui, nunca mais e não foi embora mais.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E aqui nessa casa mesmo, funcionava a Delegacia de Ensino, era a Fátima, da família da... tem uma cunhada... [risos]

Autora: Mas a senhora...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [risos]

Autora: Não, é assim mesmo.⁶⁹ A sra. fica tranquila. O tempo vai passando e alguns nomes a sra. recorda, não tem problema, “tá”? E é, quando a sra. exerceu... como professora, lecionou, a sra. diz que lecionou.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Sim.

Autora: A sra disse que seguia algum teórico, tipo assim, por exemplo, Paulo Freire...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu tive a formação lá da USP (Universidade de São Paulo), e os alunos sentiam muita dificuldade com análise sintática, é a parte racional, vamos dizer assim do, da escola, e eu me dediquei muito a ele e até eu me reputo muito drástica [riso] fui severa com os alunos, porque naquele tempo, eu entrava, e depois na sala e todo mundo se levantava, por que tinha um respeito muito grande pelo professor. E tinha uns alunos, que temiam, era a única escola pública que tinha e tinha outros que iam sujo e eu não fazia diferença dos alunos, nunca fiz nessa parte assim, econômica, mas fazia questão que as tarefas fossem cumpridas. Depois de muito tempo, eu fiquei sabendo que os alunos temiam, quando era aula de Português, que eles tinham receio, muito respeito, talvez, eu tenha atrapalhado muita gente.

Autora: Não, a sra. não tem atrapalhado, porque o professor quando é mais severo, ele impõe respeito, não que a sra. tenha sido drástica demais. Eu me recordo dos meus professores, até dos mais bravos, severos, com muito carinho e eu vejo que hoje eu procedo também igual.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [risos]

⁶⁸ 59:24 a 59:25 - Neste momento há uma pausa, pois a colaboradora não consegue lembrar-se do nome de uma professora, que no momento é diretora na cidade de Paranaíba.

⁶⁹ A professora Lídia, a nossa colaboradora, teve outro lapsos em relação ao nome da pessoa que era aparentada da delegada da época, algo perfeitamente normal e compreensível nesta idade.

Autora: Por que eu tenho um momento que eu quero conversar, mas a sra. pode ficar tranquila, professora, até o seu jeito de falar, por que nós temos que impor respeito...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: O professor tem que ter domínio...

Autora: O professor não tem domínio a sala...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Vira bagunça.

Autora: E sra. pode ficar tranquila, o nome da senhora aqui em Paranaíba, olha... falou em professora Lídia, é respeito.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [riso]

Autora: Estou falando pra senhora o que eu já ouvi, conversei com algumas professoras... e a sra. pode falar nesse período como gestora, que a sra. teve de 1976 a 1979, algum acontecimento marcante durante sua gestão? Alguma coisa que a sra. falou que ficou marcado?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]⁷⁰

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... que que eu tive nesse período? Bom... o que você pretende com essa... essa entrevista? Eu já te respondi através do... (questionário composto de 11 perguntas, com respostas digitadas no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, no período de junho a novembro de 2021)

Autora: É... com essa entrevista?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É.

Autora: Eu vou transcrevê-la... e vou colocar na minha dissertação. Transcrever para o professor (Dr. Ademilson Batista Paes, meu orientador), para o professor ver e vou apresentar como resultado da minha pesquisa...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Por que tem muita coisa que eu respondi pra você (no questionário) e não vai (es)tar na (dissertação)...

Autora: Não, o questionário, eu, está transcrito, do jeito que a senhora colocou, eu coloquei, “tá?”. Porque é uma forma de registrar... que eu estou trabalhando História Oral. A História Oral é um registro... das conversas, que eu tenho que trazer pra senhora, um, um documento da faculdade, que a senhora autoriza a publicação (o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Quando a gente vinha pra cá...

Autora: Sim.

⁷⁰ 1:02:34 a1:02:50- Neste momento há uma ligeira pausa, pois a colaboradora está tentando recordar-se de um acontecimento marcante ocorrido durante sua gestão, na Escola Wladislau (1976 a 1979).

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Não precisa falar nada, se quiser falar disso... quando eu descobri a profissão...

Autora: Mas é porque eu “tô” , peguei um pouco das perguntas... e essas o questionário na íntegra, eles estão, estão do jeito que a senhora me mandou, depois se a sra. quiser eu mostro pra senhora, está igualzinho... a senhora, não mudei nada. Está em um tipo de letra, por que o tipo de letra tem que ser *Times New Roman* (tipo de letra aceito pela instituição), até eu tenho que conversar com meu orientador, o professor Ademilson se pode ficar assim, eu copieie e coleie. Pra não ter nenhum erro...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Alguma coisa que precisava mudar...

Autora: A senhora pode ficar tranquila.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A informação...

Autora: É... às vezes a memória, às vezes falha, e não tem problema, não. Eu até quanto a data, eu não quero, eu não preciso ser específica, “tá”? O que importa são as lembranças da senhora!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu falei da horta comunitária...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É o que nós fizemos, que foi plantada, depois eu falei da coisa que foi, da [palavra inaudível] do concurso, a minha experiência foi que quando fez a divisão do Estado, que foi em 1979, eu fui exonerada do cargo.

Autora: Certo.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Sabe, o que eu achei muito estranho, foi da interferência política, passar pela experiência da minha irmã, que ela era, hoje coordenadora , ela foi retirada do cargo por político...

Autora: Por imposição política?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Por imposição política, pela Joana D’Arc, e a Nádia, que “tavam” chegando de formatura de Normal (Curso) e foram ocupar o cargo dela, e eu procurei o Gustavo, o Gustavo era o chefe político que tinha aqui, e eu procurei e falei com ele. Eu não tinha receio de falar.

Autora: E a senhora conversou?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Era. E ele falou que não interferia, que tal, e me mandou pro delegado de ensino, que era irmão do Álvaro, nem gosto de lembrar do nome dele e ele me tratou muito mal, experiência e tal, e foram colocadas duas pessoas sem experiência nenhuma... e minha irmã que tinha muita experiência, o que sabia, o que precisava, ela foi retirada do cargo, ela foi pra Campo Grande... e como ela tinha ido...

Autora: A senhora relatou, que é uma pessoa técnica, muito estudiosa, o currículo dela era muito bom.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Naquele tempo ela fez um curso muito rígido, e experiência ela fez.. no (Colégio) Batista em São Paulo. Ela veio e ela foi ser secretária, chegou aqui, e aquela experiência política... já tinha me afetado, por que uma pessoa como ela, ela foi ser secretária de, de escola, com formação...

Autora: Se ela tinha formação excepcional.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É, e foi ser secretária de escola, de pessoas que não tinha formação adequada... a professora de, tinha a professora de Aparecida, a esposa do Péricles, só tinha a 4ª série, e ela não conseguiu, não. Achava aquilo um horror, quando eu me deparei com isso, eu era... me revoltei com aquilo e depois teve a experiência dela ser exonerada e ela... eu achava que política não tinha que ter na educação. A educação era prioritária e havia necessidade...

Autora: (Tinha que ter) autonomia...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Havia necessidade de ter pessoas bem formadas...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Tanto que é isso que eu tive a experiência do Wladislau com diretora, e fiz a melhoria do colegial que nós não tínhamos, era... não tinha professor de matemática, professor de... sabe...

Autora: A senhora trouxe...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E eu peguei, fiz as... eu não trouxe, coincidiu de eles virem pra cá.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: E que... nós contratamos, fizemos questão de contratar as pessoas que tinham preparo para fazer uma melhoria no ensino. Eu lutei muito pra que tivesse no Wladislau um ensino bom, melhorou muito a biblioteca, tudo que foi possível fazer nesse período em que fui diretora, eu fiz. Fazer assim assim essa melhoria muito grande... eles não entenderam quando meus filhos foram estudar, por que eu estava interferindo nisso, no Zé Garcia (Escola). Eles estudavam perguntas prontas, do jeito do meu tempo. E a resposta estudava aquilo... eu queria que os alunos fossem responsáveis e tivessem a opinião deles e falassem como deveria ser, e depois desse tempo todo, a gente tinha os filhos, eu verifiquei que não podia fazer uma dedicação... eu entrei no horário de aulas (dos filhos) e eu dava verbos que a professora não dava. Como que a língua portuguesa não tinha... eu tentei modificar. Eles (a

escola, coordenação, direção) preferiram me negar. Juntaram todos os professores, ficaram contra mim, aqui no Zé Garcia, falei “Então, tá, bom!” tirei todos meus filhos que estava naquela fase, e transferi pra Campo Grande (MS, a capital do estado), pra não ter esse ciclo. Pra uma escola particular que estava funcionando e eles estudavam. Mas olha foi uma experiência.

Autora: A senhora tem razão.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Foi uma experiência muito difícil. Uma luta inglória com as pessoas não me alcançavam, não sabiam o que eu queria, da, da educação e me impediam de tudo quanto é forma. É, não só os políticos, mas as pessoas agregadas que pensavam daquela forma. Foi muito difícil a minha vida aqui, pra eu poder me igualar a esse povo aqui, eu tive que abandonar aparentemente os meus ideais. Esperar que todo mundo chegasse, evoluísse pra chegar nesse nível. Entender que Paranaíba não comportava aquele centro de política...

Autora: Comportamento.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Aquele comportamento...

Autora: Retrógado.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Retrógado, sim.

Autora: Quando eu estudei no Zé Garcia, pergunta e resposta, se a gente colocasse, por exemplo, diferente com a professora Matilde (Prata), me deixava, por exemplo, fazia a pergunta da Segunda Guerra Mundial, que eu adorava estudar, estudar sobre isso, Napoleão Bonaparte, 1.^a Guerra (Mundial), eu gostava de Revolução Francesa, eu podia colocar do jeito que eu entendia, agora a outra professora de Geografia não aceitava... daquele jeito, o ano todo, toda vez. Isso... poda a gente.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A criatividade.

Autora: Sim. Nas provas, eu gosto que meus alunos escrevam “o que vocês entenderam daquilo”. Tento fazer o que não fizeram comigo, professora.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Mas ainda a gente tem com a experiência da educação, eu tive, eu vejo, que os alunos não querem pensar. Querem fazer. É uma luta muito grande, quando eu era professora de universidade (UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba) é de fazer que os alunos entendessem dessa forma. Então, eu ensinava a cada assunto que eu dava, na universidade, era pra eles fazer e uma meditação e uns faziam o que estava repetindo no livro...

Autora: Não é fácil.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Não é fácil.

Autora: Uma tarefa bem árdua e com resultados às vezes...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Pífios.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Mas alguns, por esses alunos...

Autora: Graças a Deus [riso]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Por esses alunos...

Autora: Professora, a minha última pergunta, ela vem na questão da pós-aposentadoria...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Olha, após a aposentadoria, eu acho que... sim, você tem outros assuntos... eu, como eu te falei, eu sou uma pessoa... é... que não me prendo as coisas do passado, embora possa falar com eles com saudade, que dá muita saudade, foi um tempo enriquecedor, que eu falei no jornal, que eu escrevia, fazia crítica colocava a cara a tapa. Graças a Deus, pelos meus filhos, que eu tenho uma filha que é assim, hoje está no Tribunal de Contas (do Estado de Mato Grosso do Sul). E ela vê as coisas erradas e não aceita...enfrenta...

Autora: Ela é a mais parecida com a senhora?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: É a mais parecida comigo e eu falo pra ela: “Eles não me destruíram por que eu tinha uma moral muito forte, e que eu nunca fui de me prender no passado, se não queria me queriam num lugar eu ia pra outro, eu fazia uma gestão regular, vamos dizer assim, não primorosa”. Porque eu toda vez que entro pra alguma coisa, eu faço com respeito. E na fase da aposentadoria eu faço do mesmo jeito. Estou fazendo com muito respeito e carinho essa nova fase que estou passando, que é uma fase de como você era para você, aceitando a minha realidade. E minha realidade hoje é de limitação... na minha aposentadoria eu “tô” achando maravilhosa!

Autora: A senhora até me contou, que está mexendo, está indo pra fazenda... pintando... é uma “nova” Lídia ou a senhora já fazia isso...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Eu já cuidava disso, quando o Aílton (esposo) faleceu eu passei a tomar conta...

Autora: Desculpa, é, quanto tempo...

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Em que ano estamos?

Autora: 2021.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: 11 anos (do falecimento de seu esposo). Mas... tinha um filho que acabou assumindo a fazenda, ele vai, olha, mas conta com a minha gerência. Que eu falo a data, os pagamentos, tudo sai de mim... eu faço da minha cama, meu escritório (neste momento da entrevista, a colaboradora aponta os sacos de sal/ adubo empilhados na recepção do escritório de advocacia) [risos]

Autora: Mas a senhora... percebi pela conversa da senhora... que é muito feliz, a senhora faz com amor, com respeito. Como a senhora diz que na vida da senhora tudo é feito, é, eu queria falar pra senhora, que é uma emoção muito grande falar e ouvir, principalmente a senhora, viu?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Aham⁷¹ [riso]

Autora: Por que vem à tona, eu perdi minha mãe há 10 anos, e eu penso que “Maravilha de pessoa, de mãe” que a senhora é. Transparece que a senhora trabalhou, a senhora nunca deixou morrer o “eu”, a senhora gosta de fazer.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: O que eu faço.

Autora: Mesmo às vezes que queriam preterir a senhora. A senhora se encontrou firme. A senhora retrocedeu para... sim... a senhora está de parabéns... vou falar pra senhora... do fundo... é... com grande emoção que eu falo isso, que a senhora é maravilhosa, não é fácil, é, a conhecia superficialmente, eu trabalhei na Livraria Rios (ao lado da casa da professora Lídia), não tinha contato com a senhora, só uma conversa superficial. E eu estava pensando que maravilha que a senhora é, e a senhora passa de informações, com riqueza de detalhes, é muito emocionante. E falar pra senhora, que agradeço de coração, demais da conta. Muito obrigada, “tá”?

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: De nada [sorrindo]. Estou às ordens. Fica valendo a experiência que nós tivemos também.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Mesma coisa eu digo assim. Uma jovem...

Autora: Oh... [riso]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: [riso] uma jovem com ideais marcantes, que Paranaíba merece. Você é daqui?

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ... eu não a conhecia.

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A reputo que seu trabalho vai ser um trabalho muito bom.

Autora: Muito obrigada.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Que vai resgatando, sem você saber, você está resgatando o passado que talvez esclareça pra população de Paranaíba e das adjacências, de Cassilândia, de Aparecida (do Taboado), que todos são daqui. E eu tenho notas da primeira luz elétrica que foi de Aparecida (do Taboado) que tem aqui, de Cassilândia. Papai era muito amigo

⁷¹ É uma interjeição muito utilizada na língua portuguesa, a qual equivale a palavra “sim”. Fonte: Dicionário Informal.

do Cassinho, porque ele que sugeriu que (o nome da cidade) fosse Cassilândia. Foi ele que sugeriu (o sr. Wladislau Garcia Gomes).

Autora: Não sabia.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: ...que porque “lândia” foi a cidade de Cássia. Cassio foi muito amigo do papai... tudo isso daqui era a comunidade de Paranaíba, Inocência...

Autora: Sim.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Minha mãe pegou parte da fazenda, que era do meu irmão Wladislau e da mamãe e que o tio Abel acabou tomando conta, porque as mulheres naquele tempo não tinham... e a mamãe nos educou pra que a gente fosse livre. Todas da minha família são professoras, todas obedecemos, aposentadas. Todas são independentes, cada profissão, graças à dona Branca.

Autora: Opa⁷². [risos]

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: A dona Branca conseguiu fazer isso pra nós.

Autora: Sim, forjar mulheres vencedoras... empoderadas.

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Foi tudo na área da educação. Caso da tia Esther (Esther de Mendonça, também mencionada nesta pesquisa, como diretora da escola José Garcia Leal), nós acabamos indo todas pra educação. Na outra encarnação, falei: “Não vou mais (voltar como professora)... [risos] Falando nisso tenho quatro filhos que são médicos, três, uma menina que tem meu nome, a Lidinha, o Lucas, e o Caio. O Caio, (a cidade de Paranaíba aproveitou na residência médica) dele e fosse aposentado como grande médico. Ele passou em todas as universidades que ele fez.

Autora: Que benção!

Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza: Ele passou muito bem. Ele escolheu o que queria. E começou o calvário dele. Mas isso fica pra próxima.

[Fim da entrevista]

⁷² Interjeição muito utilizada para expressar espanto ou reação a algo, de forma positiva ou negativa. Fonte: Dicionário informal.

Maria Ivete da Cruz Bruno

Autora: Boa tarde, professora Ivete. É uma honra tê-la em minha pesquisa, estou muito feliz... estou reiterando o que já falei para a sra. o que eu já falei em *off*⁷³. Agradeço demais e... sra. está livre para as suas considerações.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Boa tarde para você também. Também fico contente de participar da formação de professores, que a gente aos poucos vai passando a nossa experiência e meu nome é Maria Ivete da Cruz Bruno, conhecida como Ivete Bruno, hoje eu estava até comentando, que deveria ser Ivete Cruz [risos] pelo meu pai. Mas agora não tem como mudar.

Autora: Verdade.

Maria Ivete da Cruz Bruno: 00:47 [Nesse momento há uma pausa na gravação, a pedido da colaboradora]

00:54 – Retorno à entrevista

Autora: Professora, o seu nome completo é Maria...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Maria Ivete da Cruz Bruno

Autora: Certo. A data de nascimento, professora?

Maria Ivete da Cruz Bruno: 27 de fevereiro de 1955.

Autora: Sim. Local de nascimento, professora?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Cidade de Urânia (SP), registrada no município de Jales/ SP.

Autora: Naquela época tinha esse, essa questão de registrar em outra cidade.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Tinha cartório e ainda. Isso é questão de municipalidade.

Autora: Sim, é verdade. Professora, é, como foi sua infância? Em Urânia (SP).

Maria Ivete da Cruz Bruno: A minha infância foi em Urânia (SP), até os 12 anos... morando em chácara, sítio, depois meu pai se mudou para uma cidade que era... éramos em quatro irmãos, dois irmãos. E para poder estudar, porque era longe. Porque no meu primeiro ano, eu fui a pé, para a cidade, sozinha. Hoje é muito perigoso.

Autora: Nossa.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Mas, é, minha escolaridade foi em Urânia (SP) até o Ensino Médio. Ensino Médio. Na época que eu fiz o Ensino Médio, nós já fizemos o Ensino Médio,

⁷³ A expressão significa falar algo reservado sem o microfone estar ligado.

que era o 4.º ano, o 4.º ano profissionalizava na Educação... para ser professora. Por quê? É, já saía do Ensino Médio como os adolescentes de hoje, o Ensino Médio Normal...

Autora: Então até a adolescência a sra. ficou em Urânia (SP)?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Em Urânia (SP).

Autora: Urânia (SP)... professora? E quando criança, a sra. pensava nesta profissão de professora ou pensava em outra profissão?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não, não pensava nessa profissão.

Autora: Não pensava?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não me lembro, que nem aqui na escola (Caminho), a gente sempre pergunta para os alunos (sobre o que queria ser quando crescer, profissão). Ninguém nunca me perguntou. Eu até tenho uma reclamação da minha escola, na época que eu fiz o 4.º ano, do Ensino Médio, porque a gente não foi orientado, porque a gente poderia fazer um vestibular, entrar na faculdade, fazer os cursos que tem. Porque hoje nós não conseguimos falar para os alunos quantas faculdades, quantos cursos tem pra fazer. A gente vai escolhendo junto. Na época não houve essa orientação e para meus pais eu ser, ter o Ensino Médio, formada como professora, era o máximo para eles! Eu fiquei feliz junto com eles e abracei a profissão porque era uma necessidade. Eu tinha necessidade de trabalhar. Eu precisava trabalhar, eu comecei... sendo professora. E me apaixonei. Nunca mais eu saí (da Educação).

Autora: Como eu estava dizendo, notando, a sra. estudou em escola pública a vida toda.

Maria Ivete da Cruz Bruno: A vida inteira em escola pública, só fui pra escola particular aqui em Paranaíba (MS), por que eu cheguei... pra trabalhar, dando aula de Matemática, tinha uns 5 anos que eu dava aula de Matemática e Ciências, nas escolas do Estado (Governo Estadual de Mato Grosso do Sul) e as Irmãs (Agostinianas, as quais mantinham um Colégio no centro da cidade de Paranaíba, que passou a ser chamado de Educandário Santa Clara), me acharam em um curso de Matemática, lá em Aparecida do Taboado (MS), e ficou me observando nesse curso e me convidou pra ser professora no Educandário.

Autora: Na década de 70?

Maria Ivete da Cruz Bruno: 70? Mais ou menos 1978, 1980, por aí, mais ou menos. Não lembro bem a data.

Autora: Mas, a gente, também depois tem uma pergunta interessante, sobre esse assunto mesmo... depois a sra... foi fazer faculdade de que? A sra. prestou vestibular? A sra. teve toda essa (processo), o seu ingresso (no curso superior)?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Quando eu comecei a trabalhar na Educação, em São José dos Quatro Marcos (MT), eu me casei e pulei esse Mato Grosso (Estado), inteirinho e fui parar em

São José dos Quatro Marcos, e comecei como professora, nós, eu trabalhei lá 3 anos, e no último ano, no penúltimo ano eu comecei, surgiu uma possibilidade, um projeto da universidade de formar os professores, graduar os professores, que já trabalhavam, dando de Matemática, de Ciências, Português, todas as áreas, é, e era(m) cursos de férias, então eu cursei na universidade. Na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), lá em Cuiabá. Então era assim, todas as férias, eram 60 dias com aula de manhã e à tarde, também às vezes, à noite, em janeiro e fevereiro e julho, o mês inteirinho. Trabalhando e no outro período a gente fazia os trabalhos, da universidade, os estágios e assim que foi feito. Foi um curso muito puxado.

Autora: A sra. ficou quanto tempo em Cuiabá (MT)? Lá em São João?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Três anos. Aí eu terminei, eu já morava em Paranaíba (MS).

Autora: A sra. lembra mais ou menos da época? O ano assim, não precisa ser aproximado, não precisa ser exato, professora.

Maria Ivete da Cruz Bruno: 19??, eu fui pra lá em 1973, 74, 75, 76, 77. 1978 eu vim para Paranaíba (MS), comecei a trabalhar aqui. 1979, nessa época terminei a faculdade... morando aqui.

Autora: A sra. foi dar aula de Matemática?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Matemática.

Autora: E aí... as Irmãs...

Maria Ivete da Cruz Bruno: A única coisa que tinha, eu tive que estudar muito, por que se tivesse de escolher eu não teria escolhido a Matemática.

Autora: A sra. não teria escolhido... acho que a Matemática escolheu a sra. [riso]

Maria Ivete da Cruz Bruno: Foi, foi a Matemática que escolheu. Mas depois eu sempre fui muito aplicada, querendo assim não deixar mácula para ninguém. Imagina eu atrapalhar um aluno, então isso, eu estudava muito pra dar pro aluno essas aulas. Tanto que quando eu fui convidada pela Irmã Otília pra dar aula no Educandário, é, ela convidou por saber que eu era uma boa professora, que eu não faltava. Você sabe como é que é (sobre assiduidade de professores), a situação assim, não é? E que naquela época, também, parece que o pessoal era mais comprometido com todo mundo. Era uma questão assim, não tinha tanta falta, tanta coisa que tem agora, mas...

Autora: Então, a sra. crê que seja na entrada dos anos 80, que a sra. foi entrar lá?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Isso.

Autora: E por quanto tempo a sra. ficou na gestão? Como diretora?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Entre ser professora, foram 3 anos de professora, e entre... direção e coordenação, que os cargos e as funções se fundiam, porque só mudava, uma época eu era

diretora, e assinava pelos documentos, e outra época eu era coordenadora, mas eu exercia direção, mas não assinava documento, mas... afinal era uma coisa só. Era de gestão, na escola... eu fiquei 12 anos entre diretora...

Autora: 12 anos?

Maria Ivete da Cruz Bruno: 12 anos, 3 anos como professora e depois mais 9, 9 anos assim diretora, coordenação, vice e versa.

Autora: A sra. chegou a ser diretora de alguma escola pública ou só na particular?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Tive muita vontade já, mas não houve oportunidade. Então, quando eu saí do Educandário, eu já tinha pedido o PDV⁷⁴, saí do Estado, e aí logo em seguida eu fui pra São José, pra Chapadão do Céu (GO), e eu abri uma escola lá a pedido de um pessoal que tem lá, que ainda mora lá, uns fazendeiros muito grandes, que falaram pra eles que tinha uma diretora muito boa aqui (em Paranaíba), [risos] e me convidaram, fizeram uma entrevista e eu fiquei um ano lá, abri essa escola lá.

Autora: A sra...

Maria Ivete da Cruz Bruno: A escola chama Alicerce.

Autora: Bateu com o que eu pensei, a sra. fundou o alicerce da escola.

Maria Ivete da Cruz Bruno: [risos]

Autora: O alicerce.

Autora: Interessante pensar... por isso que a sra. é tão bem-conceituada em Paranaíba...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Obrigada.

Autora: Porque o que acontece... o que é bom o pessoal replica também.

Maria Ivete da Cruz Bruno: E era uma ex-aluna, que trabalhando e conversando com essas mulheres em Chapadão do Céu (GO), falou, falaram que gostariam de ter uma diretora, que já tinha feito entrevista não sei com quantos, mas não gostou, e ela (a ex-aluna) falou “Eu tenho uma pessoa que vocês vão gostar”. E eu tinha saído do Educandário, “Vocês vão gostar”. E eu pensei “Ah, vou lá ver isso!”, “Vou ver como é isso!”, “Vou mudar de ares!” Chapadão do Céu (GO), perto de Chapadão do Sul (MS) e fui um dia fazer a entrevista. Tanto é, elas gostaram tanto, que eu já conhecia tudo, como eu gostei delas. Eu fiquei lá um ano, depois não deu certo da família ir, e aí. Preferi voltar, e foi aí que adquiri a Escola Caminho.

Autora: Professora, quando a sra. falou que pediu PDV do Estado... a sra. também dava aula no Estado ou a situação que o Educandário fazia parte...

⁷⁴ Programa de Demissão Voluntária.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Na época, o Educandário fazia parte de um convênio, sabe, naquela época era permitido, então eles tinham X bolsas pra atender a comunidade, e alguns professores eram do Estado e davam aula lá. Hoje não existe. Quando eu estava lá, já tinha terminado também e surgiu essa questão do PDV, e eu...

Autora: Achou melhor...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Achei melhor, né, começar tudo de novo...

Autora: A sra. não tem preguiça de encarar... a sra. foi pra Chapadão do Céu... lugar totalmente diferente, a sra. precisa recomeçar...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não, não...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Na época também, é uma questão assim: eu ganhava bem... tinha 1 ano e 8 meses de licença-prêmio. Eu não achava tempo de tirar essas licenças, e isso somou no conjunto do acerto e pra mim foi muito bom, por que aí a gente investiu esse dinheiro... e foi bom, “e depois a gente ganha de novo, vou ter aula sempre”, começar de novo [riso]

Autora: E foi isso que aconteceu. Engraçado pensar, professora, que a sra. começou lá no Mato Grosso e voltou pra cá (Paranaíba)...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Voltei não, eu estava no Estado de São Paulo, me formei, fui pra São João dos Quatro Marcos (MT) e vim pra Paranaíba, porque conheci pessoas de Paranaíba, lá no curso da universidade de Cuiabá (MT), que também estava fazendo faculdade, porque era do Estado todo. E era do Estado todo, porque naquela época não era Mato Grosso do Sul, ainda, que também, foram fazer essa faculdade (e falavam): “Ah, não, Ivete, vamos pra lá, você vai ficar mais perto de sua família!”. Porque minha família morava toda por aqui, em Jales e em Urânia e essa era nossa vontade de vir pra perto da família e deu certo, vim.

Autora: Nossa, que bom. Quantos anos a sra. está aqui?

Maria Ivete da Cruz Bruno: 45 anos, 45 anos de Paranaíba.

Autora: Então é paranaibense, paranaibense nata! [risos]

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não admito falar mal de Paranaíba! [risos]

Autora: Certo! [riso] Professora, nesses anos de direção, a sra. voltou pra cá (Paranaíba)... e aí a sra. me disse, me contou que abriu a Escola Caminho... a Escola Caminho é de que data?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não, eu não abri a Escola Caminho.

Autora: Ah, a escola já estava aberta...

Maria Ivete da Cruz Bruno: A Escola Caminho foi fundada em 1985, por algum tempo eu fui concorrente da Escola Caminho, fiz uma concorrência [palavra inaudível], se eu não puder ajudar, eu não atrapalho em nada, sim, que tem lugar pra todo mundo. Eu tenho os alunos que Deus me manda, ele me abençoou com a graça de ter essa escola, é isso que eu acredito, que eu

confio. Então, posso até ficar triste de perder algum aluno, o que não acontece mais, graças a Deus, mas os que estão aqui é por que Deus quis que tivessem, é para nós esse, essa comunidade cuidar deles e lá (a concorrência) cuida de lá. Pronto. Concorrência não é o problema.

Autora: Brigar... não é... está certo... a concorrência leal que a sra. pratica. Certo.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Isso, então... eu me perdi...

Autora: Então, professora, a escola Caminho era gerida pelo Cido (prof. Aparecido Gonçalves) e...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não, a Escola Caminho foi fundada em 1985, pelo... chamado José Raimundo Souza, ele viu que estava começando a tecnologia, a despontar a tecnologia, informática, computador. Ele botou uma escola de Ensino Médio e técnico, de informática, depois ele colocou Técnico em Agricultura, que ele percebeu que aqui (cidade de Paranaíba) era uma agropecuária, precisava de pessoas pra trabalhar. Só que não deu muito certo, porque o pessoal já se formava nas fazendas e não precisa de escola. [risos]

Autora: Verdade! [risos] A prática...

Maria Ivete da Cruz Bruno: A prática, mas a informática prosperou. Depois colocou Ensino Médio, Educação Infantil, Ensino Fundamental... aí se formou a escola toda. Depois de algum tempo, ele vendeu essa escola, para... não sei como foi, como foi a negociação para a Sidinéia (professora) e o Cido (Aparecido, professor). Eles ficaram muito tempo, de certa forma, o tempo... eles não gostavam de mim. Porque eles achavam que eu fazia o que não fazia. Eles achavam, porque era um jeito diferente de trabalhar. Porque eu nunca tive preocupação de, de mandar ninguém pra rua, pra buscar aluno, isso eu não devo...

Autora: Sim.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Mas eles achavam que eu fazia isso. É isso, é natural de que... e até hoje, o Educandário (Santa Clara, atual Preve Objetivo) tem um *know-how*⁷⁵ das pessoas que estudaram lá, os avós, pais, agora tem até os bisnetos.

Autora: É.

Maria Ivete da Cruz Bruno: É, é uma corrente, eu acredito que “meu filho, meu neto vai estudar lá também!”. E não tem que ficar brigando contra isso, então, nós tínhamos que fazer uma escola que demorou pra mostrar o trabalho. É. Depois da Sidinéia, ela ficou sócia do Tônico Lemos, Antônio Lemos.

Autora: Ele foi meu professor na FIPAR...

⁷⁵ Expressão da língua inglesa que significa “saber fazer”, que tem experiência e conhecimento.

Maria Ivete da Cruz Bruno: E o Antônio Lemos ficou um tempo, mas ele gostava da escola. Mas não sei se você [a professora não quis mencionar o fato que o tirou da escola]

Autora: [Fiz sinal de que continuasse o relato, sem a menção ao antigo proprietário da escola]

Maria Ivete da Cruz Bruno: Ele me procurou pra vender a escola, e como eu tinha vindo de Chapadão do Céu, ele me ofereceu a escola. Vamos ver se eu puder comprar, se tiver como. Aí eu comprei. E depois veio o desafio, de mudança, em todos os aspectos, o tecnológico. Na parte física da escola, e esse desafio se estendeu até hoje, porque hoje só se eu crescer a escola pra cima, por que não tem como crescer...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]⁷⁶

Maria Ivete da Cruz Bruno: (Crescer) essa escola de outra forma.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]⁷⁷

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não tem como... fazer essa escola de outra forma... não tem como, não tem espaço, mas, mas, hoje estou contente com a escola como ela está, que ela está boa... ela está no pedagógico, uma equipe maravilhosa trabalhando, que foi se especializando no nosso jeito de ser, de escola... de ter uma... desafios. Eu tenho os desafios, mas também os diferenciais que nos ajudam nesse desafio. Nós somos uma escola cristã, que nos norteamos pelas virtudes e valores, que eu acho que tem que ter, eu, o nosso sistema de ensino é maravilhoso, dá uma formação muito boa, para tanto, para a gestão, quanto para professores. Todos os professores já fizeram o curso pelo Anglo.⁷⁸

Autora: Eu também fiz um curso aqui, porque eu tinha que terminar aqui na UEMS, Pedagogia, eu vim aqui fazer [...] engraçado... a estrutura... que eu morei aqui muito tempo, então, eu fui acompanhando mudanças e a escola ficou show mesmo, professora. Você mora naquele lugar, você vai observando.

Maria Ivete da Cruz Bruno: É.

Autora: A escola vai progredindo até chegar no...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Ela era assim, dos dois lados da rua. A parte de lá e de cá, a escola aqui, eu vinha mostrando o lado de cá para os pais, e eu ficava... eu perdia muito aluno, porque eram duas casas do lado de cá, não era uma estrutura de escola, então... tinha uma... a Sidinéia, que aqui embaixo tem um buraco enorme, era todo de madeira o piso, quando eu

⁷⁶ Toque estridente do telefone da escola. Estávamos na sala da diretora Ivete, na Escola Caminho, na qual fui recebida para realizar esta entrevista.

⁷⁷ Toque estridente do telefone da escola. A diretora para de falar, espera um pouco e diz que a ligação não é para a sala dela.

⁷⁸ Sistema de ensino apostilado.

entrava na porta, pisava lá, mexia lá, eu falava “Meu Deus!”. Trazia os pais aqui... é complicado...

Autora: [palavra inaudível]

Maria Ivete da Cruz Bruno: Vou reformar essa escola, sem dinheiro! Vou reformar essa escola. Aí eu fui pensar... fiquei sabendo que tinha um tal de FCO⁷⁹ e como tinha que arrumar documentos, deu certo, fiz mais um pra fazer a Educação Infantil. Tinha lá no fundo, a Educação Infantil... agora... por enquanto é o final, se no futuro eu vou ter...

Autora: Como a sra. disse, tem que atravessar a rua. E o que que a sra. fez? A sra. devagar foi adaptando ao seu jeito, hoje, a sra. vê, eu, eu penso...

Maria Ivete da Cruz Bruno: “Tá” show! Por quê? Porque, olha, é, “tá” muito bom do jeito que estão. Tem uma sala para cada série. Muito trabalho, a gente quer satisfatoriamente, todo mundo sobrevive do que está trabalhando...

Autora: Desde a recepção, professora. Desde que entrei aqui, eu vim outras vezes, sim, isso marca. Se a gente é bem tratado ali na ponta... e é por isso que a sra. está, tem *now-how* para poder falar.

Maria Ivete da Cruz Bruno: A escola hoje tem um socioemocional poderoso [neste momento a diretora sinaliza com o olhar, para um cartaz fixado na parede lateral à sua mesa, com desenhos ilustrativos sobre incentivo, questões emocionais.], que é “O líder em mim!” baseado nos 7 hábitos das pessoas altamente eficazes, baseado no livro de Franklin Clovey. Então todos os alunos, desde o infantil 3, já começa a trabalhar isso daí, o socioemocional. E tem que ser sentida pela escola, desde a hora que o pai deixa o filho ali na porta da escola, porque, imagina um trabalho feito em sala de aula, dentro dos “7 hábitos”, como eu vou ensinar o filho, tem que ser um líder e tal, e chega ali fora e chega aqui fora e vem, a escola trata ele mal, respeito, não usa essa liderança, então, todo mundo faz o curso.

Autora: Certinho, professora. Tem uma equipe... professora.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Um equipe farol, que direciona isso para os outros professores, com reunião pela equipe farol [palavra inaudível] líder em mim. Então, o que está acontecendo, o que aconteceu, não pode acontecer mais, assim, isso está acontecendo e os próprios alunos, são obrigados a cobrar.

Autora: Sem o tratamento do socioemocional, as pessoas, as crianças adoecem...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Adoecem.

⁷⁹ Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste.

Autora: E não sabem lidar com *bullying*, na minha época não tinha isso. Eu sofri *bullying*. Eu penso assim, tanto que seria, se antes houvesse toda essa capacitação. Professora, quando a sra. foi diretora no Educandário (Santa Clara), o que a sra. achou mais difícil como diretora?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Aquilo foi um desafio, que eu acho, não tinha noção do que eu estava fazendo. Mas como eu comecei como professora, e eu fui conhecendo, eu falava pras Irmãs, eu, parece que a escola aqui por ser particular, não tem uma diferença, da escola pública, e que realmente não eu fui pra lá não tinha. As Irmãs já estavam querendo deixar a escola, elas tinham outros objetivos, fazer na vida, pra... pra missão delas, do que a educação. Por quê? Porque a educação pra elas foi suprir uma necessidade no momento, muito antigamente, em... tem 67 anos a escola lá, eu sei por que é a minha idade, mas depois isso foi passando, a cada dois anos mudava a direção da escola, às vezes vinha que era da educação, e outra que não era (da educação) e por isso não queria saber, por isso, comigo, mas foi um... eu não tinha, eu não sabia o que fazer, você era diretora da escola, fazer... eu fui aprendendo... a... os colaboradores, os professores... não tinha ensino médio, a gente colocou ensino médio, também. Não tinha nenhum plano de ensino, coloquei Objetivo (Sistema de Ensino), não tinha aquela quadra coberta, foi uma construção. Surgia a necessidade “ah, tá precisando disso, dá pra fazer, vamos fazer!” Era assim, administrar professores, o pedagógico, eu sempre tinha os colaboradores, não era sozinha, então, foi um aprendizado grande, muito bom.

Autora: A sra falou que ficou 12 anos como gestora.

Maria Ivete da Cruz Bruno: 12 anos no total (3 anos como professora e o resto... 9 anos).

Autora: Ah, sim. No total (9 + 3) 12 anos. Professora... na sua época de professora, tinha uma prática docente, um jeito de... a sra seguia algum... algum autor, algum (teórico)?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Aquilo quando eu comecei a dar aula, a direção da escola (não tinha coordenação), a direção... tinha diretor e professores: “Olha, tá aqui seu material. Você vai dar aula de Matemática, tal série, tal série, vai fazer o planejamento de como vai dar essas aulas”. Você entrega o planejamento na direção, que eu acho que ela não tinha tempo de ver e você pega aqueles livros, e está dando aula. Dando conteúdo sequencialmente, e eu sempre fui assim “se eu comecei um livro, eu tenho que acabar”. Pra começar do 6.º (ano), do 7.º (ano), sempre estudando mesmo, mas não tinha essa orientação, depois que foi mudando. Aí vieram os cursos... a gente fazia os cursos de Matemática, de Ciências, cursos esporádicos que a Secretaria de Educação.

Autora: As formações...

Maria Ivete da Cruz Bruno: As formações... disponibilizava e a gente foi crescendo assim.

Autora: O que a impressionou no tempo em que foi diretora, acontecimentos que fugiam do controle, que a sra. pensava “Nossa... isso não pode!”. No exercício da sua... que a sra. é gestora, a sra. é empreendedora, naquela época, tem alguma coisa marcante, que chamou sua atenção... isso aqui aconteceu...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Aquilo... assim, a única coisa que eu lembro, que eu até hoje, fico pensando, poder continuar, que eu vi que a escola chegou junho, julho, essa escola está muito parada, lerda, está muito assim, precisava uma coisa pra animar, pra trazer para os professores, a dinâmica... de dar aulas, tá, e eu fui em São Paulo (SP) e fui fazer visita pra uma pessoa. E na hora de ir embora, fui no *shopping* e lá passei na livraria e viu um livro *A qualidade começa em mim!* [riso] Eu tenho que comprar esse livro! [riso] comprei esse livro, e vim lendo esse livro no ônibus e esse livro tinha uma parte sobre comunicação. E até hoje o gargalo das empresas, é a comunicação. O que eu penso, tem que ser muito bem colocado, porque se não, não chega aonde eu quero. Isso era muito complicado. Cada um entende de um jeito, quer fazer de um jeito. Então nós fomos estudar formas de comunicação, e eu cheguei até, eu cheguei, tinha lido essa parte de comunicação, chamei a Dinamar (secretária), falei “Dinamar, você vai... (por que naquela época era difícil...), você vai datilografar da página tal até a página tal, ... a gente vai fazer na reunião, amanhã, amanhã não, e aí... nisso, eu fiquei tão nervosa, tão... tinha lido o livro, relido algumas partes, eu ia estar diante de professores, falando de um assunto, que eu sentia o problema, mas não sabia como resolver. Eu via a solução ali. E aí ela datilografou, fez as apostilas, nós entregamos. Mas um dia antes foi me dando uma dor de garganta...

Autora: Ai, meu Deus! [risos]

Maria Ivete da Cruz Bruno: Mas isso era reflexo da minha ansiedade, da minha insegurança em relação ao assunto e a todos. Mas quando a gente começou a falar do assunto, ler aquela apostila, fazer grupos, ler os assuntos, o pessoal participou, foi tão bom, que eu não esqueci disso. Eu tenho muitas boas lembranças, lembranças ruins eu não tenho não.

Autora: [riso] Professora, essa história da senhora. Para encerrar... é, professora, pra encerrar, essa pergunta vai ser capciosa, por que a sra. já me contou quais são seus planos para uma pós-aposentadoria...[risos] por que a sra me revelou em *off* que a sra. quer continuar trabalhando, não quer parar de trabalhar...

Maria Ivete da Cruz Bruno: Eu penso. Já pensei. Aliás, já me perguntaram, me perguntam sempre sobre isso. “Por que você não para!”. Até minhas irmãs me questionam isso: “Por que você não para?”. Brigam. Por que vocês querem que eu pare? Vocês não acham que aquilo é minha felicidade? Aquilo é o jeito de eu ser feliz. O que me motiva. Por que eu vou deixar de trabalhar, pra que? Ficar em casa fazendo o que? Eu não vou lavar, passar, cozinhar, fazer isso.

Eu faço isso esporadicamente. Quando precisa, mas não quero isso. E agora que... vocês já observaram, também, que eu sei tanta coisa, que eu vou parar, agora eu estou ali pra ajudar, com a minha experiência... eles pararam de encher minha paciência. [riso]

Autora: Pode continuar trabalhando! [risos]

Maria Ivete da Cruz Bruno: Vou continuar. Eu sei que eu vou parar. Porque eu tenho que parar um dia. Às vezes, não sei se daqui a dois anos, três, tal... mas eu já tenho um projeto diferente de escola, mas muito ligado com...

Autora: A educação?

Maria Ivete da Cruz Bruno: Com relacionamentos. Relacionamentos e cobranças... pessoas, que “tá” na minha cabeça, vou passar para o papel, até o final do ano, eu vou começar.

Autora: Com certeza, como a sra. é empreendedora vai dar certo! [riso] Se Deus quiser...

Autora: Professora, eu agradeço demais a sua participação, a sua atenção, e eu sei que a senhora é muito, muitíssimo ocupada, mas... é... eu fiquei assim... muito feliz, de falar com a senhora, pois a sua experiência, me ajuda na... minha pesquisa, na minha dissertação, se Deus quiser... vai ser publicada... muito obrigada, professora!

Maria Ivete da Cruz Bruno: Oh, eu que agradeço, fique à vontade, se precisar, é, diz que quem faz o que gosta, não trabalha, se diverte.

Autora: Opa!

Maria Ivete da Cruz Bruno: Pra mim, o pessoal... tem tempo pra atender um, atender o outro, e mesmo que não seja... tem que ajudar, tem que... isso mesmo. Eu agradeço, de ser incluída no seu trabalho, “tá”?

Autora: Sim.

Maria Ivete da Cruz Bruno: E agradeço a Deus pelo dom das nossas vidas, pelas oportunidades que Deus nos dá.

Autora: Sim.

Maria Ivete da Cruz Bruno: E é isso que move o mundo... e me move!

Autora: Sim. Obrigada, professora.

Maria Ivete da Cruz Bruno: Não há de quê.

[fim da entrevista]